



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - LITERATURA COMPARADA

JOVANNA PINHEIRO MEDEIROS MARINHO

**A RESIDUALIDADE NA CORDELÍSTICA DE MEDEIROS BRAGA E O SEU PAPEL
NAS SALAS DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

FORTALEZA

2022

JOVANNA PINHEIRO MEDEIROS MARINHO

A RESIDUALIDADE NA CORDELÍSTICA DE MEDEIROS BRAGA E O SEU PAPEL
NAS SALAS DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientadora: Prof. Dra. Elizabeth Dias Martins

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M29r Marinho, Jovanna Pinheiro Medeiros.
A residualidade na cordelística de Medeiros Braga e o seu papel nas salas de aula da educação básica /
Jovanna Pinheiro Medeiros Marinho. – 2022.
108 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Letras, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Elisabeth Dias Martins.

1. cordel. 2. residualidade. 3. mentalidade. 4. ensino. 5. educação básica. I. Título.

CDD 400

JOVANNA PINHEIRO MEDEIROS MARINHO

A RESIDUALIDADE NA CORDELÍSTICA DE MEDEIROS BRAGA E O SEU PAPEL
NAS SALAS DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em: 29 de novembro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Elizabeth Dias Martins (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Mary Nascimento da Silva
Universidade Federal do Ceará (UECE)

Prof. Dra. Cássia Alves da Silva
Instituto Federal do Ceará (IFCE)

Dedico este trabalho a meus pais, Holga e Idolízio, que exerceram com devoção e muito amor seus papéis de conduzir a mim e meus irmãos no caminho do conhecimento.

À professora Elizabeth Dias e ao professor Roberto Pontes, por serem os grandes mestres e maestros que inspiram a trilha sonora do universo encantatório da pesquisa científica em minha vida.

À Deus, por me proporcionar aquilo que tanto sonhei e desejei no mais íntimo do meu ser.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me deu o sustento, a saúde e a vida para experimentar uma das melhores experiências que pude colher nesse período de estudos e pesquisa.

À minha orientadora Prof. Dra. Elizabeth Dias Martins juntamente com o Prof. Dr. Roberto Pontes o meu mais sincero agradecimento pelo valioso presente a ser compartilhado: o conhecimento.

Aos meus pais, Holga e Idolízio (in memoriam), e à minha avó Euridéia (in memoriam), por tanto zelo, amor e cuidado que sempre tiveram comigo e meus irmãos. Sou hoje o resultado de seus sonhos, seus sacrifícios e sua herança.

Aos meus irmãos, Jandro e Jordão, agradeço pela partilha de sentimentos e ações que dividimos durante minha trajetória de vida.

Às minhas tias Geralda, Gláucia e Neuza agradeço por sua dedicação e apreço que sempre foram dados a mim e meus irmãos. Suas vidas sempre foram voltadas para nosso sucesso, e sou infinitamente grata por tamanha bondade.

Ao meu esposo Nilton, que sempre foi um porto seguro onde aportei momentos indelévels e de cansaço, agradeço o cuidado, compreensão, amor e respeito dedicados à mim durante os anos de estudo

Aos meus filhos Isaac e Isabela agradeço infinitamente pela solidificação dessa minha vitória. Eles foram a fortaleza e o combustível que me impulsionaram nos dias e noites de leituras. Isabela, esse último fruto gerado e colhido em tempos difíceis, é o vigor que surge durante o mestrado, o fruto que colho num rio de emoções.

Ao meu sogro José do Carmo e minha sogra Lúcia agradeço a convivência, dedicação comigo e com meus pequenos nas horas e momentos em que mais precisei seguir com os estudos.

Aos queridos Victor Matos de Almeida e Diego Marques Ribeiro, servidores do PPG-Letras, agradeço por suas empatia e presteza durante todo o percurso do Mestrado.

Aos amigos da escola municipal Frei Lauro Schwarte agradeço pelos momentos de partilha e compreensão em busca de uma educação pública de qualidade.

Ao Grupo de Pesquisa Gerlic agradeço pelas contribuições e momentos de estudo que impulsionaram o fazer científico assim como a vontade de pesquisar cada dia mais sobre a Teoria da Residualidade e prosseguir com produções escritas, apresentando a todos a sua relevância nos universos da literatura e cultura.

Cordel é o canto de cantos diversos,
A voz do poeta, que emana passados,
Presentes, porvires vividos, sonhados,
Pecados, rubores perdidos, dispersos,
O grito fecundo de mil universos,
A gesta bendita que é luz e sacrário.
Lembrança, desejo de ser relicário,
Mergulho profundo no inconsciente,
Cavalo do tempo correndo silente
Nos campos sem cerca do imaginário.

(Marco Haurélio)

RESUMO

O presente trabalho tem por metas principais abordar os aspectos residuais presentes na cordelística de Medeiros Braga e ressaltar o seu importante papel nas salas de aula da educação básica. Os cordéis de Medeiros Braga apresentam diversas temáticas e recursos que facilitam a aprendizagem dos estudantes acerca de temas universais necessários à formação social de todos. A partir da análise de seus cordéis e à luz da teoria da residualidade de Roberto Pontes, identificamos aspectos cristãos, históricos e medievais que fazem crer que Medeiros Braga utilizou de mentalidades passadas na construção de suas poesias e as cristaliza em folhetos de cordel utilizando uma linguagem peculiar e crítica para criar espaços, tempos e reflexões que os tornam um rico material da cultura popular, assim como de envolvimento didático-pedagógico que contribuem significativamente na sua aplicabilidade em salas de aula, enaltecendo assim suas produções como importantes instrumentos educacionais que propiciam melhorias necessárias no processo de ensino e aprendizagem aos estudantes das mais diversas classes sociais.

Palavras-chave: Cordel; Residualidade; Mentalidade; Ensino.

ABSTRACT

The main goals of this work are to address the residual aspects present in Medeiros Braga's cordelistics and to emphasize its important role in basic education classrooms. Medeiros Braga's strings present various themes and resources that facilitate students' learning about universal themes necessary for everyone's social formation. From the analysis of his cordéis and in the light of Roberto Pontes' theory of residuality , we identify Christian, historical and medieval aspects that make us believe that Medeiros Braga used past mentalities in the construction of his poetry and crystallizes them in cordel leaflets using a language peculiar and critical to create spaces, times and reflections that make them a rich material of popular culture, as well as of didactic-pedagogical involvement that contribute significantly to their applicability in classrooms, thus praising their productions as important educational instruments that provide necessary improvements in the teaching and learning process for students from the most diverse social classes.

Keywords: Cordel; Residuality ; Mindset.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|----------------------------------------------|
| BNCC | Banco Nacional Curricular Comum |
| DCRC | Documento Curricular Referencial do Ceará |
| PCN | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| FETAG | Federação dos Trabalhadores da Agricultura |
| OCEM | Orientações Curriculares para o Ensino Médio |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | A ORIGEM DO CORDEL E OS RESÍDUOS IBÉRICOS | 19 |
| 2.1 | O Nordeste Medieval – resíduos e mentalidades culturais nos cordéis de Medeiros braga | 22 |
| 2.2 | Os resíduos cristãos no cordel O Ateneu | 29 |
| 2.3 | O herói medieval–o bem e o mal nos cordéis de Medeiros Braga | 36 |
| 3 | OS MÁRTIRES E OS HERÓIS NA CORDELÍSTICA DE MEDEIROS BRAGA | 47 |
| 3.1 | Medeiros Braga: O Combatente Social | 48 |
| 3.1.1 | <i>Medeiros Braga e a Reforma Agrária</i> | 61 |
| 3.2 | Os mártires e a Literatura | 66 |
| 4 | O CORDEL DE MEDEIROS BRAGA E A SALA DE AULA | 72 |
| 4.1 | Um breve histórico sobre o ensino de Literatura no Brasil | 77 |
| 4.1.1 | <i>O Ensino de Literatura nas salas de aulas de Educação Básica e Algumas Reflexões</i> | 80 |
| 4.2 | O ensino de Literatura à luz dos documentos norteadores – PCN e BNCC | 87 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 97 |
| | REFERÊNCIAS | 104 |

1 INTRODUÇÃO

A princípio, a literatura de cordel surgiu diante de um cenário no Nordeste brasileiro repleto de dificuldades sociais, culturais, políticas e econômicas, que ganharam espaço como forma de expressão valiosa de um povo que envolve a literatura e que atua em todos os lugares e manifestações artísticas, fazendo do verso e das capas que ilustram os cordéis com verdadeiras histórias de importantes sociedades.

Decerto, com a chegada dos portugueses ao Brasil, ao desembarcarem aqui, a tripulação europeia, além de sua cultura e de seus costumes, presenteia os povos com folhetos ou folhas soltas que, mais tarde, fixam-se no Nordeste, formando, com a cultura aqui encontrada, um verdadeiro tesouro vivo e perene para a humanidade. E essas folhas e folhetins vieram junto com a tripulação, que, para entreter e se divertirem, faziam uso desse material, o qual, em nosso país, ganha terreno fértil e, juntamente com as demais culturas aqui vigentes, engrandece a nossa literatura popular.

Para o pesquisador e poeta Roberto Pontes (2019), antes só havia arte popular. Essa afirmação norteia a nossa pesquisa e faz refletir sobre os inúmeros conceitos de arte, cultura, literatura, tradições populares. E todos eles nos remetem à afirmação de Roberto Pontes, aprimorando ainda mais o nosso estudo ao nos depararmos com conceitos importantes de residualidade, mentalidades, endoculturação e hibridação cultural que fundamentam teoricamente aquilo que estamos a apresentar de forma unânime sobre a literatura de cordel: que ela é genuinamente popular e que apresenta resíduos medievais, ibéricos do romanceiro, os quais povoam o universo temático dos versos produzidos pelos poetas até a atualidade.

Pelos estudos realizados nas mais diversas esferas, sejam elas históricas, linguísticas ou culturais, percebe-se que a literatura popular é presente e necessária em todos os tempos e classes sociais. Ela carrega dentro de si a importância que vai além de aspectos culturais e literários, como as questões críticas de uma sociedade, e aborda uma forte presença de identidade de um povo e suas raízes, que passam ao longo das gerações.

Há uma memória afetiva muito grande em mim, que faz o cordel ser um objeto de estudo muito valioso, pois desde minha tenra infância ouvia meu pai adquirir informações e ser bem atuante em discussões e debates sobre vários assuntos nos mais diversos meios sociais, pois mesmo tendo cursado apenas até o quarto ano do ensino fundamental, os cordéis lhe oportunizavam um pensamento crítico sobre todos os

assuntos, fossem eles políticos, econômico e sociais. Logo, não poderia deixar de lado em meu caminhar acadêmico o quanto o cordel e o seu papel têm na formação cognitiva de todos.

Portanto, é nosso interesse maior realizar nesta pesquisa uma análise comparativa acerca dos aspectos residuais presentes na cordelística de Medeiros Braga e ressaltar seu importante papel nas salas de aula da educação básica. E por objetivos secundários, apresentar as diversas temáticas e recursos didáticos presentes nos cordéis de Medeiros Braga como importantes instrumentos facilitadores da aprendizagem e da disseminação da literatura popular; identificar aspectos cristãos históricos e medievais à luz da teoria da residualidade presentes na cordelística de Medeiros Braga; analisar seus cordéis sob a ótica das mentalidades anteriores e cristalizadas no tempo presente em tradições culturais, costumes e culturas descritos em seus poemas melódicos através de seus versos; enaltecer a produção de cordéis como necessárias à formação cultural popular, como também, importante e rico material literário que traduz em poesia as críticas sociais, pensamentos e cultura de um povo.

Embasados pela ~~da~~ teoria da residualidade, de Roberto Pontes, vamos verificar o quanto os cordéis de Medeiros Braga apresentam resíduos literários e culturais, que contribuem para a literatura popular como instrumentos de acesso à Educação, Cultura e Literatura, em ambientes escolares da educação básica, assim como suas contribuições para a literatura no mundo através de seus folhetos que falam sobre heróis, mártires e mulheres fortes, apresentando ao mundo a literatura combatente tão viva em sua cordelística.

Sobre o presente autor em estudo, Medeiros Braga sempre foi aquele desbravador que luta por causas necessárias e ativistas. Defensor da ecologia e das minorias, Braga deixa transparecer em seus cordéis a sua crítica social aos latifundiários, ao descaso com a natureza, ao preconceito, a violência contra a mulher, dentre outras e perenes temáticas recorrentes que, através do tempo, ainda são motivos de sua escrita, pois o homem e o mundo, infelizmente, evoluem a passos lentos.

Nascido em Nazarezinho, no dia 20 de abril de 1941, Luzimar Medeiros Braga iniciou seus estudos ainda pequeno no município cearense de Senador Pompeu, mas logo retornou à região paraibana onde realizou e concluiu seus estudos. Formado em economia, mas um verdadeiro poeta memorialístico condoreiro, ele inicia e

apresenta sua produção literária fazendo a biografia de grandes personalidades em seus cordéis, como Paulo Freire, Nelson Mandela, Zumbi dos palmares, Che Guevara, Anita Garibaldi, Tiradentes, José Saramago dentre outros. Ele também ressignifica feitos e fatos históricos em sua produção, como a Guerra de Canudos, a Revolução Francesa dentre outros.

Ademais, Medeiros apresenta um olhar curioso e, também registra em suas poesias, experiências vivenciadas em sua infância, adolescência, vida adulta e profissional e deixa evidente qual ativo é em prol da educação e da literatura popular como melhor instrumento de informação e formação humana.

Como também grande educador, ele sempre encontra a melhor maneira através da educação levar em sua poesia a conscientização política do povo, pois acredita que dessa forma a literatura popular pode ser um elemento de formação e transformação humana.

Por meio desse seu olhar, os leitores, em suas poesias, familiarizam-se com cada estrofe e cenário ali apresentados, contemplando a arte genuína de Medeiros Braga em levar a todos, através da literatura popular, as raízes de uma cultura rica e cheia de particularidades que só engrandecem a estética literária brasileira.

Sabe-se que o cordel relata fatos e feitos com o uso de métricas, rimas e vocabulários que agradam a todos os níveis sociais. Suas temáticas também alcançam, com criticidade e reflexão, os objetivos de informar realidades, valorizar culturas e costumes que transcendem tempo, lugares e espaços.

Outrossim, a representação das histórias dos cordéis está estampada nas xilogravuras que expressam, através dos desenhos únicos e peculiares, as cenas importantes das narrativas. Atualmente, esses desenhos têm sofrido algumas alterações quando em contato com novas técnicas e métodos de confecção que aprimoram e aumentam o interesse por parte do público leitor.

Portanto, em nosso estudo, pretendemos analisar os folhetos de cordel de Medeiros Braga que trazem, em suas narrativas, personagens e histórias cujas temáticas apresentam *resíduos* que atravessam as eras e são *cristalizados* em uma nova época e cultura, contribuindo significativamente no processo de *hibridação cultural* e *mentalidade* de um povo, conceitos estes fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, e como esses cordéis têm contribuído no processo de ensino e aprendizagem de alunos da educação básica de ensino.

No primeiro capítulo, serão discutidos os aspectos residuais e cristãos nos cordéis de Medeiros Braga, assim como importantes enredos e temáticas recorrentes em sua obra, como o Bem e o Mal, o feudalismo, a reforma agrária, a organização social e religiosa, a ecologia e outras temáticas que são abordadas de forma única e vívida pelo autor em sua poesia, enaltecendo os aspectos residuais que ele se utiliza para criar a atmosfera necessária do seu modelo de texto com engajamento social e em prol da sociedade brasileira.

Através da teoria da residualidade de Roberto Pontes, vários pontos da cordelística de Medeiros Braga chamam a atenção por apresentarem, em sua composição, resíduos de mentalidades medievais e cristãs de uma época remota e distante cronologicamente que, certamente, enriquecem a sua poética por apresentar conteúdo e ensinamentos perenes que se cristalizam de maneiras distintas em variadas épocas. Em um de seus cordéis em análise, temos o cordel O Alienista criado por Medeiros Braga em homenagem ao centenário do escritor Machado de Assis, no qual comprovamos a presença dessa mentalidade medieval e cristã em sua criação poética. Analisando especificamente esse cordel, constatamos diversos trechos que representam a presença de manifestações medievais que ganham um mundo mítico no imaginário das narrativas. Vale lembrar que, apesar de não termos tido, em nossa história, a contribuição direta da Idade Média em nossa formação cultural, é válido dizermos que recebemos um vasto repertório poético oriundo desse período com a chegada dos portugueses e o romanceiro ibérico. Como bem nos esclarece Diegues Júnior:

A presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas: veio-nos como romanceiro peninsular, e possivelmente começam esses romances a ser divulgados, entre nós, já no séc. XVI, ou, no mais tardar, no XVII (...). É evidente que o romanceiro que veio de Portugal não era exclusivamente lusitano; aí tinha chegado por várias fontes.” (DIEGUES JÚNIOR, 1986, p. 31)

Diegues Júnior (1973) ainda assinala o corrido encontrado no México, na Argentina, na Nicarágua e no Peru. Já na França, ele cita a *littérature de colportage*; na Espanha, os *pliegos soltos*, em que ressalta a influência africana, pois “os escravos africanos vindos para o Brasil tinham não somente seus trovadores como também o hábito de contar suas histórias, cantando ou narrando; são os famosos *akpalô* (...)”.

Bem como já foi mencionado anteriormente, para embasarmos nossa pesquisa e fundamentarmos os aspectos literários em análise nos cordéis, lançaremos mão da *teoria da residualidade*. Sobre esta teoria, de Roberto Pontes, instrumento norteador de toda a análise literária a que a cordelística de Medeiros Braga fora

submetida nessa pesquisa, seguimos pelo conceito maior sobre ela de que “nada se cria na literatura, tudo é residual”. A partir desse preceito teórico e metodológico, do qual se delineou o percurso da análise literária, alguns dos importantes cordéis do autor paraibano foram sendo observados.

É de suma importância também conhecer um pouco sobre os demais conceitos que se correlacionam perfeitamente com a teoria, fazendo-se indispensáveis para a compreensão dela. São os conceitos de *cristalização*, *mentalidade* e *hibridação cultural*.

Quando falamos do processo de formação cultural dos povos, é impossível desconsiderarmos, no processo de formação etnológica, as diversas contribuições que uma cultura e sociedade podem fornecer a tantas outras, gerando, a partir disso, uma *hibridação cultural* completamente rica e diferente das anteriores. E são esses diferentes traços formados por diversas culturas que denominamos de *hibridação cultural*.

Por certo, ser o cordel esse veículo condutor de críticas sociais, de opiniões, de tradições, de conteúdo didático, histórico, geográfico, religioso, político, dentre tantos outros que esse conceito apresentado permeia todo o estudo que desenvolvemos nesta pesquisa.

Sabe-se que existe uma *mentalidade* que ultrapassa o tempo cronológico e que, aos poucos, vai se apresentando em novas formas, mas sem perder a sua essência original, que consegue se manter íntegra graças aos *resíduos* mentais e culturais de sua época originária, que permanecem vivos em tempos posteriores. E sobre essa mentalidade cristalizada em períodos diferentes aos de seu tempo de origem, afirma-nos Hilário Júnior:

Plano mais profundo da psicologia coletiva, no qual estão os anseios, esperanças, medos, angústias e desejos assimilados e transmitidos inconscientemente, e exteriorizados de forma automática e espontânea pela linguagem cultural de cada momento histórico em que se dá essa manifestação. (FRANCO JÚNIOR, 2005, p. 183)

Inegavelmente, para firmarmos o entendimento acerca dos resíduos de uma dada mentalidade cultural que se cristalizam em uma nova era e cultura, vejamos o que o próprio teórico Roberto Pontes afirma:

O resíduo é aquilo que resta de alguma cultura. Mas não resta como material morto. Resta como material que tem vida, porque continua a ser vida numa obra nova. Essa é a grande importância do *resíduo* e da *residualidade*. Não é reanimar um cadáver da cultura grega, da cultura medieval, e venerá-lo num culto obtuso de exaltação do antigo, do morto, promovendo o retorno ao passado, valorizando a melancolia e a saudade, como fizeram os portugueses durante a fase do Saudosismo literário, não é isso. A gente apanha aquele

remanescente dotado de força viva e constrói uma obra com mais força ainda, na temática e na forma. (PONTES, 2006, p.09)

No segundo capítulo, abordamos, em nossa análise, aspectos característicos próprios que Medeiros Braga apresentava em sua cordelística, deixando, assim, uma espécie de marca ou registro poético peculiar seu nos cordéis. Certo encantamento pelos grandes mártires e filósofos dos últimos tempos, dentre eles Antônio Conselheiro, Martin Luther King, Che Guevara, Dom Helder Câmara, João Pedro Teixeira, Manoel Congo, Margarida Maria Alves, Zumbi e Palmares, Tiradentes, Nelson Mandela, José Saramago, Patativa do Assaré dentre outros, que tiveram suas histórias de luta e de vida transformadas pelo paraibano em belos cordéis, os quais contribuem de forma valorosa com a educação básica, a fim de que, através de uma linguagem simples e rimada, conheçam-se os feitos e fatos desses grandes formadores de opinião.

Ao abordar essas figuras emblemáticas em seus cordéis, Medeiros Braga lança mão da poesia de protesto, levando, em seus versos, a voz de um verdadeiro combatente em prol das minorias das classes sociais. Isso faz com que seu clamor por justiça, igualdade de direitos e melhorias na qualidade de vida dos mais necessitados sejam apreciadas em rimas e cantorias, proporcionando a todos a consciência da representatividade necessária para os indivíduos que se identificam com aqueles discursos.

Sobre a importância da narrativa e da poesia de protesto tão bem trabalhadas por Medeiros Braga em seus cordéis, engrandece-nos Alfredo Bosi:

Há momentos coletivos em que o *élan* revolucionário polariza e, comove tanto os homens de ação como os criadores de ficção. E há momentos, mais numerosos e longos, em que prevalece a descontinuidade da vida social sobre o toque de reunir, ocorrendo então uma dispersão e diferenciação aguda dos papéis sociais. Neste caso, o artista da palavra pode desenvolver, solitária e independentemente, a sua resistência aos antivalores do meio. Será o "coração oposto ao mundo" do poeta. Aclarar a diferença entre tempos de aceleração da luta social e tempos lentos e difusos de aparente estagnação política ajuda-nos a compreender a distinção entre resistência como *tema* da narrativa e resistência como *processo* constitutivo de uma certa escrita. (BOSI, 2002 p. 125)

A partir da veia visionária de cada mártir ou herói abordado em seus cordéis, Medeiros Braga reaviva no povo nordestino a vontade e a perseverança da busca por dias melhores. E essa atmosfera era construída graças ao combatente vigoroso que Medeiros Braga é e transfere para os versos escritos em seus folhetos. Neste capítulo, fica evidente essa escrita e característica de protesto e resistência que o autor traz consigo e que, através de uma mentalidade cultural vivida por esses grandes

personagens em épocas distintas, o grande cordelista, com maestria, cristaliza em seu tempo e história os pensamentos libertários e de luta de períodos distantes.

Mais uma vez, evidenciamos a presença da residualidade na composição dos versos de Medeiros Braga, o qual, cheio de conhecimento, remonta à Literatura Medieval e ao romanceiro ibérico, assim como de narrativas orais e tradições populares que formam um terreno fértil para sua criação literária:

(...) adota a mesma atitude apropriativa dos artistas medievais ou nordestino. A tradição é um imenso caldeirão de ideias, histórias, imagens, telas, temas e motivos. Todos bebem desse caldo, todos recorrem a ele. Todos trazem a contribuição do seu talento individual, mas cada um vê a si próprio como apenas um a mais na linhagem de pessoas que contam e recontam as mesmas histórias, pintam e repintam as mesmas cenas, cantam e recantam os mesmos versos. Histórias, cenas e versos são sempre os mesmos por força da tradição, mas são sempre outros, por força da visão pessoal de cada artista (TAVARES, 2005, p. 177)

Com certeza, esta é uma significativa contribuição que os cordéis de Medeiros Braga deixam para toda uma sociedade nordestina, fruto de lutas e combates diários em busca de melhorias constantes. Os “causos” pertencentes às culturas orais, mistérios, fábulas, narrativas que retratam epopeias, a religiosidade, dentre outros são elementos que povoam a mentalidade que é cristalizada em suas poesias e trovas. O repertório variado trazido pelos colonizadores encontrou terreno fértil e próspero com a cultura aqui vigente e, em uma nova dinâmica humana, que, à luz da teoria da residualidade, é perfeitamente esclarecida e também encontrada em diversas dissertações, teses e artigos científicos. Compreende-se que aspectos culturais de determinada sociedade e época são presentes em épocas posteriores, revitalizados e recriados de uma nova forma e em uma nova cultura, em uma nova sociedade.

Por certo, o terceiro e último capítulo contempla a cordelística de Medeiros Braga e seu papel nas salas de aula da educação básica do Brasil, título que apresenta a nossa pesquisa, pois, como é sabido, Medeiros Braga tem, em seus cordéis, inúmeras vozes voltadas para estas temáticas que são ricos materiais pedagógicos que contribuem de forma eficiente na formação cultural, histórica e linguística de alunos das escolas públicas do país. Muitos são alfabetizados com a utilização de cordéis por ser um material de fácil leitura e acesso, assim, o cordel alcança os mais diversos públicos e níveis sociais, levando a informação e contribuindo de forma direta na formação linguística e leitora de inúmeras pessoas.

Através dos assuntos abordados em seus cordéis, é perceptível a veia didática em cada estrofe que Medeiros Braga carrega em suas produções. Além de

descrever a realidade do povo, suas dificuldades, sonhos, medos e vivências que se assemelham as enfrentadas por seus leitores, aproximando-os, assim, cada vez mais de sua escrita. Ele tem, em seu conteúdo, referências à história, geografia, filosofia, ciências, dentre outros que, por meio do seu olhar, conseguem atingir ao público estudantil, tornando a aprendizagem de tais conteúdos efetiva e significativa em suas vidas.

Portanto, optamos por realizar esta análise acerca da importância dos cordéis como recurso didático e pedagógico nas salas de aula do ensino fundamental sob os olhares documentais da Base Nacional Curricular Comum - BNCC e Documento Curricular Referencial do Ceará - DCRC, a fim de constatar que os cordéis de Medeiros Braga são excelentes instrumentos educacionais que levam o estudante a desenvolver sua criticidade, engrandecer seu conhecimento cultural, político e social, como estão implementados e sugeridos nos documentos norteadores da Educação acima citados, como também nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's.

A respeito da utilização dos cordéis em sala de aula e do seu importante papel em estimular o ensino de literatura e artes na educação básica, Marco Haurélio nos acrescenta:

A importância da literatura de cordel vai muito além do volume de folhetos produzidos em mais de um século de existência. O seu reaproveitamento em outras manifestações artísticas, as releituras e apropriações feitas por poetas de outras searas, são indicadores de sua presença na cena cultural brasileira. (HAURÉLIO, 2013, p.151)

Também, neste capítulo, daremos um foco especial às características da literatura popular e ao seu papel como instrumento de alfabetização nas mais variadas regiões nordestinas, visto que são lugares precários em termos físicos, assim como em recursos didáticos. Logo, o cordel, muitas vezes, é o único contato com a língua escrita que muitos estudantes terão durante toda a vida escolar. Daremos aqui ênfase para as especificidades como a rima e a métrica, componentes fundamentais da formação poética do cordel, também como elementos que contribuem na aquisição do conhecimento linguístico do indivíduo em processo de escolarização.

À luz dessa abordagem do cordel em sala de aula, orienta-nos Ana Clara de Oliveira Galvão:

A leitura e a audição de folhetos também cumpriam, assim, um papel "educativo", em uma sociedade caracterizada pelas altas taxas de analfabetismo, pela pequena oferta de escolarização – sobretudo pública – e pela precariedade no funcionamento das escolas existentes. Em muitos casos, através da memorização dos poemas e em um processo solitário de

decodificação, pessoas analfabetas aprendiam a ler ou desenvolviam suas competências de leitura. (GALVÃO, 2001, p. 190)

Por fim, e embasados pelos documentos norteadores do currículo da educação básica exigidos, estabeleceremos uma análise crítica sobre o ensino de literatura na atualidade das salas de aula da educação básica do Nordeste brasileiro e a contribuição efetiva dos cordéis como veículo de disseminação e valorização da cultura e mentalidade de um povo que resiste e sobrevive a toda intempérie do tempo e sociedade, assim como é a literatura em nosso país, na atualidade tão difícil que enfrentamos, porém, a qual resistimos.

2 A ORIGEM DO CORDEL E OS RESÍDUOS IBÉRICOS

A literatura de cordel sempre foi vista como aquela que traduz em poesia aquilo que a cultura oral vê nos sertões, através de uma maneira irreverente e coloquial de contar as histórias ao utilizar a simplicidade e a linguagem regional, o que torna uma expressão de fácil compreensão para a população em geral.

Os jesuítas exerceram um importante papel em nosso imaginário literário e cultural. É aqui, também, que a figura do Diabo é instaurada, cujo maior objetivo era lembrar aos povos que “fora da igreja não há salvação”, como já afirmava Francisco de Assis.

É sabido também que um dos jesuítas pioneiros a chegar ao Brasil foi o Padre José de Anchieta, que contribuiu de forma significativa no processo de iniciação da literatura em nosso país.

Segundo Maxado:

Um dos primeiros jesuítas ao chegar ao Brasil, foi José de Anchieta. Muito culto, escreveu um poema à Virgem Maria nas areias da praia de Iperoig quando estava prisioneiro dos índios. Neste poema, havia uma parte usando a técnica mnemônica do ABC. Anchieta escreveu também muitas peças teatrais para a catequese do gentio, nas quais a figura do Demônio medieval é sincretizada com o “Anhangá” indígena a fim de combater os vícios da bebida (cauim), da dança lasciva e, naturalmente, pregando o amor a Deus e aos santos, como os salvadores da alma. (MAXADO, 2013, p.6).

O folheto que chegou ao Brasil recebeu várias denominações que variavam de acordo com a região: livretos, livro de feira, livro, obra, livro de Ataíde, estória do meu padrinho, folheto e romance. Sobre essa variedade e classificação, esclarece-nos Lêdo M. de Souza:

A Classificação popular divide, inicialmente, tais publicações em folhetos e romances, de acordo com o número de páginas que possuam, reservando a denominação de folheto para os trabalhos de 8 e de 16 páginas, sendo os de 24, 32, 48 e 64 páginas conhecidos como romances. Destes, os dois últimos não são mais publicados por causa do alto custo da impressão tipográfica encontrando-se hoje originais engavetados como relíquias dos bons tempos. (SOUZA, 1976, p.13)

A fim de situar o leitor na forma em que os temas estão dispostos nos folhetos, Lêdo M. de Souza estabeleceu uma classificação popular para enquadrar as temáticas criadas pelos cordelistas em suas poesias. São elas:

Folhetos de Conselhos: são folhetos de pais aconselhando os filhos, do poeta dando conselhos à “mocidade sem freios”, aos casados e às mulheres que “são falsas aos maridos.”

Folhetos de eras: São folhetos em que o poeta anuncia “o fim das eras”, pedindo aos leitores para obedecerem às Escrituras Sagradas. Falam do inferno com “chifrudos e mulheres que raspam as pernas, dando grifo em tachos fervendo”. Diz que o mundo envelheceu e para o fim está chegando.

Folhetos de Santidade: São folhetos da vida do Criador, da vida dos santos, do aparecimento da Virgem aos seus fiéis, dos milagres dentro do espiritismo, feitos por algum “mensageiro do além”.

Folhetos de corrupção: São aqueles que falam da humanidade envolvida na corrupção. Dos “homens do iê-iê-iê”, das “viúvas de poucos meses que se pintam de mais “de “mancebos impuros”, “que só querem viver de farra, dança, ditados e namoro no escuro”.

Folhetos de cachorrada ou descarração: São os que falam de “cabeludos com calças apertadinhas, passeando de chinela pelas ruas” e de “mulher que quer passar por moça, mas deitou-se no capim”. Falam de mocinhas “xumbregueiras” e de casamentos de “mulher macho e fêmea, com mulher fêmea e macho”.

Folhetos de Profecias: são folhetos nos quais muitas vezes, o poeta, de chapéu na mão e olhando para o alto, numa roda de cantoria, pede aos que escutam para ouvir com atenção “o que diz esta santa profecia”. Daí fala do “aviso que teve a Santa Beata ou dos três dias de escuros, com a lua ficando avermelhada e o sol nascendo no poente”, são folhetos que se podem confundir aos de Padre Cícero, Frei Damião, Corrupção e Eras.

Folhetos de Gracejos: escritos “para fazer o matuto rir no meio da feira”. Irreverentes, plenos de duplo sentido, alguns são levados às escondidas nas malas dos folheteiros, que não ousam “cantá-los nas feiras por temerem os fiscais que vivem atrás dessa pobre gente, à procura de motivos para aprender-lhes os livretos e, à custa de tais ameaças, conseguirem “uns trocados para a brama.”

Folhetos de acontecidos ou de época: São histórias de circunstância. Eventos registrados pelo jornal do matuto. Podem-se confundir a muitos outros desta classificação, mas o que caracteriza bem é o seu aspecto jornalístico.

Folhetos de carestia: Nestes, os poetas “metem o pau nos “tubarões” que exploram a pobreza que “vive se acabando nas unhas desses miseráveis”. Denunciam os pesos falsificados e a ladroeira no meio das feiras.

Folhetos de exemplos: são folhetos nos quais se registram os “exemplos”, interpretados como punição infligida aos homens pela divindade: “ a nação castigada e o povo desobedecendo aos poderes do Messias...”

Folhetos de fenômenos: Classificam-se assim os folhetos que falam “do povo no lodaçal do pecado, sem dá crença as palavras do Onipotente” ou de “Deus lá de cima, mostrando os fenômenos” para “exemplar humanidade e os ateus incrêus”.

Folhetos de discussão: são folhetos que descrevem os intermináveis “bate bocas” do “crente” com o “cachaceiro”, de solteiros com “chifrudos”, do “crente” com o “catimbozeiro”, dos fiscais, eternos “algozes”, no meio das feiras.

Folhetos de pelejas: São folhetos de “criação”, escritos, às vezes, em homenagem a um amigo do poeta.

Folhetos de Bravuras ou valentia: Contam, geralmente, 16 páginas. Falam de fazendeiros que dão abrigo aos que fazem o cangaço, de figuras de “negros perversos” e valentões que “roubam moça pra casar no outro dia”.

Folhetos de ABC: são folhetos de oito páginas, compostos em quadras, sextilhas, décimas, ou em estrofes de sete versos. Dos abc’s grande número é de natureza biográfica, discorrendo sobre a vida de “homens ilustres”.

Folhetos de Padre Cícero: sob este nome, encontram-se os folhetos que falam dos conselhos, sermões, milagres, morte, etc., do padre do Juazeiro, e incluem cerimônia da inauguração da estátua do Horto e de sua canonização pela Igreja Brasileira.

Folhetos de Frei Damião: assim são conhecidos os folhetos que falam sobre o missionário italiano em suas andanças pelo sertão nordestino.

Folhetos de lampião: a este grupo pertencem as narrativas em verso sobre a vida do famoso bandoleiro e seu bando, em escaramuças com a polícia caatinga a dentro, seus amores com Maria Bonita, e sua morte violenta.

Folhetos de Getúlio: alguns falam de seus tempos de candidato, e a ele se referem como “defensor dos marmiteiros”. Outros, do dia de sua morte, “data muito triste e pavorosa para todo brasileiro bom”.

Folhetos de política: Assim são chamados aqueles que tratam “do que se vê em política” e refletem o desencanto do povo com falas promessas de alguns dos seus representantes.

Folhetos de safadeza ou putaria: como são conhecidos entre os poetas populares que se referem com muita cautela, de vez já lhes terem causado sérias dificuldades, resultando em invasão da polícia e fechamento de várias gráficas editoras (...)

Folhetos de propaganda: não sabemos de outra classificação ou estudo do cordel: Existem, dentre os conhecidos como “folhetos de política”, alguns de propaganda eleitoral, já mencionados anteriormente. (SOUZA, 1976 p.16-17)

Constata-se, assim, que importantes autores também buscam por essa tentativa de classificação da literatura de cordel e refletem as divergências e observações dos mesmos em todo o mundo de teóricos cordelistas, como Gonçalves Ferreira da Silva afirma:

A classificação da Literatura de Cordel tem sido objeto da preocupação dos chamados iniciados, pesquisadores e estudiosos. As classificações mais conhecidas são a francesa, de Robert Mandrou, a espanhola, de Julio Caro Baroja, as brasileiras de Ariano Suassuna, Cavalcante Proença, Orígenes Lessa, Roberto Câmara Benjamim e Carlos Alberto Azevedo. Mas a classificação autêntica popular nasceu da boca dos próprios poetas. (SILVA, 2012, p.6)

É evidente que a oralidade exercida pelos trovadores e poetas de épocas passadas ecoam nas mentalidades futuras, em suas artes, literatura e cultura. Os poetas e cantadores, que conhecemos por repentistas, exercem papel fundamental na propagação da literatura de cordel em nosso país, como assim Gonçalves nos apresenta:

Os primeiros repentistas não tinham muito compromisso com a gramática, com a métrica, com a rima e muito menos com o número de versos para compor as estrofes. Alguns versos alongavam-se muito, outros eram demasiado breves.

Foi Silvino Piruá o inventor da sextilha e da “deixa” no repente, prática que consiste em o cantor repentista iniciar sua estrofe rimando o primeiro verso com o último da estrofe anterior. (SILVA, 2012, p.6)

Além disso, é verdade também, que, juntamente a chegada dos portugueses ao Brasil, aqui desembarcou uma cultura rica, diversificada e repleta de especificidades que, ao entrar em contato com a cultura indígena viva e pulsante no Brasil, fizera brotar uma mentalidade nova, valorosa e recheada de valores migratórios. Assim diz Marco Haurélio:

No Brasil, à margem da cultura livresca, dos moldes forçosamente importados, dos salões engalanados, vicejou opulenta, portentosa, espantosa literatura oral, fazendo muitas vezes, e pela boca de uma única pessoa se manifestarem civilizações há muito defuntas. Pode-se argumentar que apenas um retalho, ou, menos ainda, um fiapo das antigas tradições chega até nós. Mas não é pouco. Na contística popular do Nordeste, por exemplo, é possível se escutar uma história que, em linhas gerais, é a mesma que povos estabelecidos à margem no Egito, repetem. (HAURÉLIO, 2019, p.9)

Como também é certo que, com a chegada do povo português em nosso país, uma imensa bagagem cultural aqui desembarcou também. E o cordel, fruto dos folhetins e da luz espiritual de grandes e importantes autores, como Almeida Garret e Teófilo Braga, realiza-nos como literatura popular, como Nordeste, em sua totalidade e plenitude. Essa é uma das grandes contribuições para o patrimônio histórico e cultural que os portugueses trouxeram ao nosso país. Essa contribuição enriqueceu o contexto da literatura popular, em especial na região do Nordeste, ao abordar temas do cotidiano regional. No Brasil a literatura de cordel é encontrada especificamente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

2.1 O Nordeste Medieval - resíduos e mentalidade cultural nos cordéis de Medeiros Braga

Assim, a partir das tradições orais é que temos as origens do cordel em nosso país. Logo, a partir dos contos e “causos” disseminados como tradição e tornando-se parte importante da cultura e mentalidade do povo ibérico que aqui iniciava uma nova história, foi que o cordel começou a ser apresentado com a sua métrica, rima e ritmos peculiares e próprios, que tornam a sua poesia única e incomparável dentre outras no contexto mundial.

Também, podemos afirmar que a literatura de cordel, atualmente conhecida em nosso país e no mundo, é fruto das tradições ibérico europeias, que datam de eras medievais, na qual os menestréis entretinham o público nos palácios com suas trovas poéticas e musicadas, encantando a todos com o improviso e a poética apresentada através da musicalidade e rimas. Assim nos afirma Marco Haurélio:

(...)à literatura que reaproveita temas da tradição oral, com raízes no trovadorismo medieval lusitano, continuadora das canções de gesta, mas, também espelho social de seu tempo. Com esta última finalidade, receberá o qualitativo – verdadeiro, porém reducionista – de “jornal do povo”. O cordelista como hoje é conhecido o poeta de bancada, é parente do menestrel errante da Idade Média, que, por sua vez descende do rapsodo grego. (HAURÉLIO, 2019, p.6).

Ainda mais, a literatura oral em tempos medievais era perfeitamente

representada pelos menestréis em grandes eventos do reino. Era ele que levava a poesia musicada para o público da corte. E sobre o papel do menestrel nos descreve com detalhes Maxado:

O menestrel também podia vender a sua poesia ou canção. Agora já impressa em papel. Sua poesia era mais trova, quadras ou cópias, chegando a sextilhas. Já se tinha o costume de ditar a um escriba ou mesmo tirar cópias manuscritas dessas canções, passando-as de mão em mão. A imprensa facilitava as coisas agora.

Autores e vendedores, então, puderam exhibir os impressos dependurados em barbantes. Ou lerem, declamarem ou cantarem a viva voz (o chamado a palo seco) seu conteúdo a fim de melhor incentivar a venda.

O poeta era mais um artista que um vendedor. E o povo vinha dos campos para comerciar, vender, comprar, namorar, encontrar amigos, passear, visitar conhecidos, saber das novidades, confessar, orar, casar, batizar etc. A feira não era só um evento semanal de trocas. Era uma festa! (MAXADO, 2013, p.10)

De certo, o poder que a literatura oral causa nas culturas em todo o mundo são fundamentais para a construção de uma identidade cultural de um povo. Com a importância dos menestréis, na Europa, podemos entender o que os repentistas aqui, no Nordeste, puderam contribuir na formação da cultura e mentalidade nordestinas. E essa mentalidade europeia de poesia em trovas e musicada é viva em nossa cultura popular e bastante representativa nos emboladores ou repentistas que conhecemos, graças à teoria da residualidade. Logo, o pressuposto é fundamentado, portanto, nos vestígios das mentalidades de épocas anteriores da história dos povos, que atravessam a linearidade do tempo e permanecem em outras culturas, nações, sendo essas mentalidades retomadas por esse grupo de formas diferenciadas, mas que preservam a essência do vestígio.

Faz-se necessário entendermos os conceitos de cristalização, endoculturação e hibridação cultural e suas importâncias no referido embasamento teórico da nossa pesquisa. O primeiro conceito faz menção a respeito de algo residual presente na literatura, cultura, língua ou arte de um determinado povo, que com as ações do tempo e de demais fatores, como tal qual um diamante bruto, que passa a ser lapidado, moldado por inúmeras vezes, para chegar a forma ou formato desejado; transformando assim o encontro desse resíduo com demais culturas, povos e tradições diversas cristalizando em um novo aspecto pertencente e determinante da sociedade vigente.

Partindo-se da premissa que a endoculturação é o processo permanente de aprendizagem de uma cultura que se inicia com assimilação de valores e experiências a partir do nascimento de um indivíduo e que se completa com a sua morte. Todo esse ciclo faz parte do processo cultural pelo qual o homem se depara ao nascer, em que

nada foi absolutamente criado e se encontra pronto, seja material ou imaterial, como Pontes explica:

A endoculturação, é, portanto, o processo pelo qual assumimos o que os outros produziram, culturalmente, daí não sermos originais na cultura nem na literatura e sermos sempre o que os outros foram. É assim que nos historicizamos e criamos as supremas obras do artifício humano. (PONTES, 2014, p.6)

Visto pelo prisma cultural, esse encontro de culturas origina o terceiro conceito objeto de trabalho do pesquisador Roberto Pontes. As principais contribuições da teoria da residualidade são: Reconer as mentalidades nas várias épocas, estilos fora de contribuições estanques e solucionar a perplexidade terórica dos estudiosos da cultura e literatura. A hibridação cultural é de extrema importância para nossa formação humana no mundo, pois todas as manifestações culturais e literárias vividas são frutos dos contatos entre povos e culturas diversificadas que propiciaram novas manifestações ricas em sua essência nova ali apresentada. Logo, a grande reflexão proposta pela teoria, “apanha aquele remanescente dotado de força viva e constrói uma nova obra com mais força ainda, na temática e na forma.” (PONTES, 2006, p. 9)

Portanto, diante do contexto teórico em estudo, percebe-se a amplitude sobre a Literatura popular, visto que para o professor Roberto Pontes (2019), trata-se de uma literatura antecessora à letra de imprensa, pois só havia a literatura popular, principalmente no Brasil, recém colônia de Portugal, que recebia uma cultura livresca importada não condizente em nenhum aspecto com a prática cultural vigente aqui pelos índios.

Não só ao estar presente a conjunção realizada entre as culturas europeias e indígenas das quais colhemos em dias atuais suas peculiaridades, tradições, temas e literatura. Sobre esse aspecto importante da literatura popular, enaltece Marco Haurélio:

No Brasil, à margem da cultura livresca, dos moldes forçosamente importados, dos salões engana lados, vicejou opulenta e portentosa, espantosa literatura oral, fazendo , muitas vezes pela boca de uma única pessoa se manifestarem civilizações há muito defuntas. Pode-se argumentar que apenas um retalho, ou, menos ainda, um fiapo das antigas tradições chega até nós. Mas não é pouco. Na contística popular do Nordeste, por exemplo, é possível se escutar uma história que, em linhas gerais, é a mesma que os povos estabelecidos à margem do rio Nilo no Egito, repetem há mais de 3.000 anos. As nossas orações aos santos, ligeiramente modificada, em tempos de antanho, devem ter acalmado a fúria e comprado o obséquio de muitos deuses de incontáveis panteões. Dessa literatura oral a arte de um país que se pretende sério será sempre a maior tributária. A Literatura de Cordel é um dos

galhos desta grande árvore. Se dela se desprender, perderá o sentido e a razão de existir. (HAURÉLIO, 2019, p.7).

Portanto, a teoria da residualidade, de autoria do pesquisador Roberto Pontes, é clara no trecho acima, ao exemplificar histórias orais passadas de tempos em tempos e de gerações para gerações através da oralidade. Roberto Pontes empregou o termo residualidade inicialmente em sua dissertação de mestrado, hoje publicada em livro, cujo título é *Poesia Insubmissa Afro-brasileira* (1999), para demonstrar a pesquisa de resquícios que se acumulam na mente humana e são refletidos no texto de forma involutária através de diferentes estruturas temáticas. Esse posicionamento contribui com a referida teoria de que na “literatura e cultura tudo é resíduo”, como tão bem nos evidencia o teórico:

Assim sendo, resíduo, para a Teoria da Residualidade, é o que resta, o que remanesce de um tempo em outro, seja do passado para o presente, seja por antecipação do futuro, de modo que “a cultura consiste numa contínua transfusão de resíduos indispensáveis ao recorte próprio da identidade nacional, qualquer que seja esta”. E porque os resíduos são “elementos culturais que sobreviveram a mudanças com as quais estão em contradição”, não há outro meio de conceber a cultura senão através de uma percepção heraclitiana: “A única certeza palpável é a mudança”, assertiva retomada por Henry David Thoreau em *Walden* (1854), do seguinte modo: “Toda mudança é um milagre a contemplar, mas esse milagre está ocorrendo a cada instante.” (THOREAU, 2016, p. 24).

Assim, não há forma cultural originária. Daí deriva o axioma fundamental da Teoria da Residualidade. Dessa forma corrobora-se com o pesquisador Roberto Pontes quando afirma: Na cultura e na literatura nada há de original; tudo é remanescência; logo, tudo é residual. (PONTES, 2014, pp.2-3)

A partir de todas as apropriações conceituais devidas, nortear o olhar sobre a cultura popular e sua rica contribuição com a formação da nossa sociedade é fundamental para que a presente pesquisa ganhe significância e relevância nas análises a serem apresentadas. Faz-se necessário saber também, o quanto a poesia popular é engrandecida e disseminada inicialmente por todo o Nordeste do Brasil. Muitos estudiosos e pesquisadores analisam profundamente a poética cordelista e a atribuem o título de patrimônio da cultura popular e resíduo vivo medieval no Nordeste, como mais uma vez nos esclarece Marco Haurélio:

As narrativas populares de fundo heroico, satírico ou religioso impregnarão a obra dos grandes escritores da Idade Média e do Renascimento. São muitos os exemplos, mas citemos, a título de curiosidade o *Gargantua* de François Rabelais, *O Dom Quixote*, de Cervantes, *A megera domada* e *O mercador de*

Veneza, de Shakespeare. Antes Geoffrey Chaucer, com seus *Contos de Canterbury*, e Giovanni Boccaccio, no *Decameron*, deram forma literária a narrativas populares que fatalmente desapareceriam ou sofreriam com as transformações e deformações impostas pela passagem do tempo. (HAURÉLIO, 2019, p. 29).

Além disso, a identidade do povo nordestino, que também teve como contribuintes os europeus, entra em contato com a cultura de um povo forte e fiel à suas crenças, o que gera não apenas conflitos, mas confluências significativas que transbordam em folhetos que passam entre povos e tempos, que agem de forma direta na construção da mentalidade coletiva de um povo.

Portanto, a poesia popular vem para todos com a força da oralidade e uma nova e importante possibilidade de se fazer viva e perene no imaginário¹ de quem a vive e lê. Seu berço está no romanceiro ibérico e seus frutos atravessam histórias e períodos medievais que são marcados em inúmeros cordéis, como se verifica nos cordéis de fundo heroico, satírico ou religioso que até hoje nos faz crer o quanto as narrativas literárias medievais foram fundamentais para cristalizar² a cultura nordestina através não somente dos cordéis, mas da arte, música e muitas outras manifestações populares.

Esse fato pode ser exemplificado pelo romance cordelístico o Cavaleiro Roldão, escrito por Antônio Eugênio da Silva em 1958, que retrata a vida repleta de feitos e aventuras deste herói e suas dificuldades após a descoberta de uma traição por parte do Conde Galalão. Em meio à trama, o herói apaixonado-se pela princesa Angélica e o seu amor descrito em rimas não deixa a desejar ao modo de amar medieval, como se observa na criação dos personagens, especialmente quando descrevem suas habilidades em torneios. Críticos literários analisam características em Roldão a partir de obras importantes como *A morte dos doze pares da França*, romance de Marcos Sampaio.

Como também, assim, são inúmeros os folhetos com temáticas comuns ao universo medievo que nascem em obras e trovas populares nordestinas. E através da teoria da residualidade, de Roberto Pontes, em seu princípio maior de que “em Literatura nada se cria, tudo é residual” constatamos o quanto o passado se trata de um novo presente acrescentado de novas experiências. Sobre a teoria citada nos esclarece William Craveiro:

(...) “Na cultura e na Literatura nada é original; tudo é residual.” Com ela, quis ele primeiramente enfatizar (sobretudo na Literatura) que certos aspectos

¹ Para Pontes (2006), o imaginário seria a forma como a mentalidade apresentar-se-ia em cada momento histórico

² Cristalização é o processo de lapidação que os resíduos sofrem de tempos em tempos.

comportamentais e culturais “vivos” e tidos como pertencentes a um dado momento histórico são, na verdade, traços característicos de uma era passada, retomados por uma pessoa ou por um determinado grupo, de forma consciente ou inconsciente. (CRAVEIRO, 2018, p. 183).

Com base na teoria da Residualidade e seus conceitos complementares, juntamente com as análises críticas realizadas até aqui, conseguimos chegar a um denominador comum para analisarmos a pesquisa no tocante aos principais cordéis de Medeiros Braga. Poeta que tem por temática principal levar a informação histórica, cultural e social a todos. A partir dessa valorização da cultura através do seu cordel é que nos detivemos, pois cada elemento a ser apresentado em sua poesia tem resíduos presentes e oriundos de outras culturas, como será constatado nos capítulos seguintes.

E sob a perspectiva da teoria da residualidade³, verificou-se, a partir de diversas leituras de diferentes temáticas e autorias de cordéis, que alguns aspectos culturais e cristãos medievais são recorrentes na composição desses cordéis, que levam aos leitores informações relevantes a respeito da cultura, tradições e modo de vida carregadas de um universo que atravessa tempos e gerações cristalizados em outro período histórico.

Portanto, o conceito mais completo de cultura, que realmente nos causa a ideia maior do que ela significa para um povo é estabelecido por Roberto Pontes, do seguinte modo:

Agora fica fácil imaginar a relação analógica possível de estabelecer entre a fênix mítica, a cultura, a literatura e a residualidade. A fênix é um símbolo da cultura. A fênix, assim como a cultura, cumpre sua função até ceder lugar a outra fênix. A cultura, por sua vez, desempenha sua função com eficácia até adormecer. Uma parte dela se arcaíza, é dizer, se fossiliza, enquanto outra parte permanece latente, isto é, continua viva, como a brasa sob as cinzas, até vir um sopro novo transformá-la em chama, em fogo, ou seja, em obra nova, fênix moça renascida das cinzas. Esta é a dialética da cultura e da literatura, bem semelhante à dialética da natureza decifrada por Lavoisier (PONTES, 2018, p. 9)

Com certeza, Medeiros Braga, cordelista paraibano, economista que dedicou sua vida a produção de cordéis (sua maior paixão) e que tem por propósito maior, em sua obra, valorizar e dar voz à cultura nordestina através de sua poética, consegue,

³ A teoria da residualidade foi sistematizada por Roberto Pontes no âmbito da Unidade Curricular de Literatura Portuguesa do Departamento de Literatura do Curso de Letras da UFC, com a ajuda de seus colaboradores. Ele vinculou a investigação a institutos locais e nacionais de fomento à pesquisa, como a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará- UFC, o Grupo de Trabalho – GT da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística- ANPOLL- e o Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq. Tomaremos como base os estudos de Roberto Pontes, bem como pelo grupo de pesquisa em residualidade.

através da literatura regional, conduzir a fala, a cultura, a mentalidade de diversos pensadores da humanidade e suas ideologias a todos os povos.

Adquiriu o gosto pela literatura popular e, através dela, abordava temáticas que valorizavam as tradições populares oriundas da Idade Média, que chegaram em nosso país junto aos nossos colonizadores europeus, mais especificamente portugueses e espanhóis. Os resíduos presentes advindos dessas culturas se misturaram com ritos e crenças indígenas, propiciando a origem de novas manifestações culturais que perduram até hoje.

De fato, com essa atmosfera cultural, o poeta Medeiros Braga produz folhetos de cordel, cujas narrativas são oriundas em meio ao povo, vindo em poemas as histórias antes apenas narradas pelos seus ancestrais. E sobre essa literatura do povo popular, fala-nos Suassuna:

[...] a grande importância da Literatura popular, para o Brasil, está no fato de que ela constitui uma espécie de “tradição viva”, peculiar, fecunda, abridora de caminhos e fonte para uma Literatura erudita realmente nossa. Uma Literatura que não seja simplesmente uma imitação dos padrões, processos e movimentos estéticos europeus. Tal importância está, aliás, a meu ver, em toda a nossa riquíssima Literatura popular, em prosa ou em verso, oral ou de origem oral – nos contos e recontos da Poesia improvisada dos Cantadores, ou na Literatura de cordel dos “romances” e “folhetos” (SUASSUNA, 2007, pp. 251-252)

E assim, em sua cordelística, Medeiros Braga apresenta histórias de profundo valor à cultura popular brasileira, representadas através das tradições culturais oriundas das ibéricas que aqui, juntamente com o material cultural indígena, encontraram terreno propício e fértil para a criação literária popular que encanta a todos que tem acesso aos seus cordéis.

No caso da cultura popular nordestina apresentada por Medeiros Braga, observamos que o material que a compõe em seu imaginário é um verdadeiro arsenal histórico, um patrimônio imenso que permeia o imaginário, a fé e a mentalidade das personagens retratadas nos cordéis.

Certamente, é dentro da teoria da residualidade, utilizada em diversas teses, dissertações, artigos científicos e variadas publicações, que objetiva indicar a presença de resíduos em um período ou época passada, resíduos estes relacionados aos costumes, comportamentos sociais, religiosidade, ações culturais caracterizadas em um determinado tempo ou momento histórico, que se apresentam com uma nova roupagem em um outro momento posterior, de forma viva e revitalizada, a partir de novos contatos com as culturas vigentes e atuais, assim Medeiros Braga faz.

À luz da referida teoria, o poeta lança suas poesias com linguagem que alcança o público leitor e constrói um universo fantástico cheio de essência e marcas próprias que o fazem sentir-se parte de cada estrofe, de cada rima.

Decerto, é com essa simplicidade de transpor para o papel a cultura popular e sua mentalidade, que analisaremos os cordéis de Medeiros Braga, alguns de forma mais detalhada, embasados pela teoria da residualidade, de Roberto Pontes, contribuindo com este estudo, para que muitos outros ocorram com diversos autores que fazem do Cordel o melhor instrumento didático nas escolas de educação básica, como também veiculando a literatura popular tão importante e fundamental para o povo brasileiro.

2.2 Os resíduos cristãos no Cordel *O Alienista*

Na verdade, leitura e literatura são termos que trilham os caminhos da sala de aula, mas ambos os termos e o que suscitam, precisa fazer parte efetivamente desse ambiente. Quando percorremos o terreno da literatura estamos imbuídos da palavra com possibilidade significativa. Desse modo, o texto literário e suas infinitas manifestações pode ser essencial no processo de ensino-aprendizagem.

Sem dúvida, para Antônio Candido, a literatura tem função formadora e humanizadora: “como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (CANDIDO, 2002, p.80).

Já na visão de Marisa Lajolo,

Do mundo da leitura para a leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular infinita. Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos limites da escola. (LAJOLO, 2001, p.7)

Assim, leitura e literatura, precisam ser compreendidas como instrumentos de construção de aprendizado com capacidade efetiva na educação. Sendo assim, pensamos no cordel, como manifestação literária que é, como essa possibilidade significativa capaz de adentrar à sala de aula.

De certo, o cordel, fruto do conto e da oralidade, tendo sua métrica, rima e ritmos como elementos primordiais para sua composição, não se enquadra em uma simples técnica, como Platão gostava de classificar a poesia, mas sim da forma como Aristóteles a percebia, uma verdadeira imitação da realidade.

Muitos estudiosos e pesquisadores analisam profundamente a poética cordelista. Para Nunes Alves (1978), com a pesquisa sobre cordéis que tratam da região da Paraíba, o autor comenta sobre a obra de Costa Leite, Mark Curran (1972), Ruth Terra (1983), Joseph M. Luyet (1983) entre outros importantes nomes que contribuíram com seus estudos para traçar um quadro diversificado de temáticas, autores e contextos para a produção deste tipo de literatura.

A partir disso, constatamos que a literatura regional está atenta e presente, sendo necessária em todos os ambientes de aprendizagem, desde as escolas até as Universidades, pois refletem tempos, espaços e culturas que interagem com a atualidade, agregando um conhecimento rico e diferenciado ao homem ao longo dos séculos.

Ela carrega dentro de si uma importância que vai além de aspectos culturais e literários, pois as questões sociais que a literatura regional aborda são uma forte presença de identidade de um povo, suas raízes, que passam de geração para geração.

Ao se fazer uma retrospectiva, a fim de esclarecermos o conceito de cultura, já exposto em momento anterior, podemos dizer que o sintagma deriva etimologicamente do latim *colere* e é utilizado para denominar habitação, mas também um dos principais sentidos primitivos deste termo está referido ao trabalho manual, “lavoura”.

Ao voltarmos ao sentido da palavra já apresentada, e sua evolução diacrônica, ela começa a ganhar especificidades, em especial no século XVIII, tornando-se um substantivo abstrato utilizado para designar o cultivo do intelecto individual ou coletivo.

Assim, para o estudioso Eagleton (2005), cultura significa o desenvolvimento total e harmonioso da personalidade. Para Williams (1985), o termo cultura possui a prodigiosa capacidade de reunir em si ideias distintas, por vezes opostas, como se fosse uma forma consagrada pelo uso comum de aprender relações complexas e contraditórias.

Portanto, é sobre esta cultura cristã tão arraigada através dos tempos, que observamos acesa na narrativa de Machado de Assis, que além de gerar em seu conto uma variedade de temáticas, deixa transparecer o forte pensamento cristão vivido na pequena Itaguaí.

Segundo Fábio Palácio de Azevedo:

(...) o conceito de cultura apela ao sentido antropológico que começara a se estabelecer na segunda metade do século XIX. Sua referência mais óbvia é a ideia de comunidade. As pessoas vivem juntas e compartilham certo tipo de organização, a qual treinou suas mentes para as diversas atividades conformadoras da prática social em seu conjunto. Aquela organização social global materializa-se em instituições concretas, como a política, a arte e a ciência. Cada uma é socialmente distinta da outra, mas simultaneamente, todas se diluem na indistinção de um tecido comum: a comunicação. Ou seja: por diferentes que pareçam, não passam de diferentes formas da mesma atividade social e comunicacional humana. (AZEVEDO, 2017, p. 210)

Quanto a perspectiva da teoria da residualidade⁴, iremos verificar alguns aspectos culturais e cristãos medievais presentes no Cordel o Alienista, escrito por Medeiros Braga, cordelista paraibano e membro da Academia Brasileira de Cordel, cujos temas e narrativas apresentam resíduos dos folhetos de literatura portuguesa, como também, ressaltaremos a aplicabilidade deles como instrumentos didáticos no processo de aprendizagem de alunos do ensino fundamental.

A respeito sobre a obra cordelística de Medeiros Braga, fruto do conto e da oralidade, tendo sua métrica, rima e ritmos como elementos primordiais de sua construção, que apresentam resíduos poéticos oriundos da Literatura Portuguesa, pois em algumas leituras, percebemos a presença de marcas residuais de outras culturas, principalmente portuguesa e espanhola, que ganham uma nova roupagem e se ressignificam em outra época.

Também sobre o citado cordelista, Medeiros Braga é paraibano, economista e autor de um vasto repertório cordelístico, como já citado anteriormente. Em relação a sua produção cordelística, cujas temáticas, em sua maioria, são geradas em torno de grandes autores da literatura portuguesa, como José Saramago, e da nossa literatura brasileira, como Machado de Assis, há um predomínio de elegância em sua crítica refinada.

Visto que o pensamento aristotélico presente em *A Poética*, cujo autor nos apresenta as cenas e fatos como desejaria que ocorressem, logo é percebido que há uma interação na poesia, independente de sua origem e época. Pode-se observar a presença

⁴ A Teoria da residualidade foi sistematizada por Roberto Pontes no âmbito da Unidade Curricular de Literatura Portuguesa do Departamento de Literatura do Curso de Letras da UFC, com a ajuda de seus colaboradores. Ele vinculou a investigação a institutos locais e nacionais de fomento à pesquisa, como a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará- UFC, o Grupo de Trabalho – GT da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística- ANPOLL- e o Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq. Tomaremos como base os estudos realizados por Roberto Pontes, bem como pelo grupo de pesquisa em residualidade.

da mimese aristotélica nas cenas e imagens apresentados nos versos do cordel, cada leitor ganha novos conceitos e contextos. Em se tratando de Medeiros Braga, o poeta é preciso e cirúrgico em sua poesia.

Sobre a obra de cordel *O Alienista*, Medeiros Braga não se satisfaz apenas em apresentar outra abordagem para essa grande obra da nossa literatura, mas também deseja aproximar o leitor do texto com uma linguagem mais simples do que a utilizada por Machado de Assis em seu conto original. Esse aspecto é de extrema funcionalidade e importância para aplicabilidade da literatura popular às salas de aula de todo o país, e principalmente no tocante a educação básica.

Por sua vez, o conto machadiano, que para alguns críticos é uma novela, por conta da estrutura da sua narrativa, que habita entre o conto e o romance em um universo narrativo central, com poucos personagens e cujo foco narrativo se detém apenas um destes, está recheado de fé e crenças, que oscilam entre a ciência do homem e o divino.

Logo, percebemos que *O Alienista* é uma obra bastante peculiar em todos os sentidos. Criada com maestria pelo maior pintor da realidade humana, aquele que usa as palavras e ideias certas na construção de uma boa e eterna história, tão atual em qualquer época.

Outrossim, percebemos o cuidado de Machado de Assis em criar uma atmosfera repleta de valores morais e cristãos, percebida através das ações de seus personagens. E estes valores são resíduos⁵ de uma mentalidade⁶ oriunda da Idade Média, mais especificamente do século XIII. Ao fazermos uma comparação entre o “Bruxo do Cosme” e o poeta paraibano nos deparamos com essa revelação:

Observemos a seguinte estrofe:

Dezesseis meses corridos
De solidão, sofrimento,
Dr. Simão Bacamarte
Chegou ao falecimento,
Tendo um cortejo de pompas
Por todo sepultamento.

(BRAGA, 2008, p. 73)

⁵ Por resíduos compreendemos ser aquilo que remanesce de uma época em outras sob os diversos aspectos literários, culturais, sociais etc.

⁶ Seria o modo de agir, de pensar e de sentir que teria se originado na Pré História e se mantido, ao longo da cadeia evolutiva do Homem, praticamente o mesmo, até os dias de hoje: algo atemporal.

Portanto, é explícito na cultura medieval cristã o valor que o processo de sepultamento possui, seus rituais e pompas viajam no tempo e são riquezas culturais medievais os quais Machado de Assis em algumas obras se reporta, tal qual Medeiros Braga se volta à idade média para enriquecer o contexto cultural poético do cordel. Até os dias atuais, ritos e rituais de sepultamentos, como o cortejo e algumas ladainhas, por exemplo, são resíduos deste período na cultura e costume de povos, ultrapassando tempo e espaços.

Além disso, a respeito do termo moral é interessante tecermos alguns comentários, já que são eles também os resíduos a serem observados no cordel em estudo. Por moral, temos:

Termo proveniente do latim (*mosmoris*). Inicialmente, o vocábulo latino *mos* significa unicamente “costume”; mais tarde, porém empregou-se também para traduzir o significado grego de *ethos* como qual se referia ao que atualmente se entende por ética. Utilizam-se dois grupos de vocábulos para se referir a mesma realidade: ética e moral. Por vezes, também se utilizam em sentido diferente. Por exemplo: ética reserva-se para a aproximação racional ou filosófica, e moral para a consideração religiosa. (VIDAL, 1996, p. 16)

Não só os valores éticos e morais são cultivados vorazmente pelo Dr. Simão Bacamarte. Ele se nega ao amor para casar-se com uma mulher da sociedade que pode gerar filhos saudáveis, e Machado, mestre único do discurso deixa transparecer a hipocrisia e o “castigo” quando a D. Elvira, esposa virtuosa e dedicada não pode gerar filhos em seu ventre. E Medeiros Braga em sua poesia também descreve com primor essa cena:

Disse ele que a escolheu
Porque ela era alguém
Que digeria e dormia
Naturalmente, e tão bem
Que daria filhos lúcidos
Tão vitais como ninguém.

(BRAGA, 2008, p.26)

Raymond Willians nos esclarece que o residual por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está vivo no processo cultural, não só como elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente”. Este esclarecimento nos faz pensar nas inúmeras vivências, experiências, valores cristãos ou não que foram originados no passado e se encontram vivos e condensados através dos resíduos que foram cristalizados em num outro momento e lugar. Fica evidenciado, então, o quão valorosa a teoria da Residualidade é em todos os campos de estudo e pesquisa, já que tudo o que somos e temos é resíduo.

Ao verificarmos, então, o quanto o cristianismo e sua mentalidade permanecem vivos de tempos em tempos. E na obra Machadiana fica evidente o seu poder nos padrões sociais e *modus vivendi* da presente época. E da mesma maneira, Medeiros Braga preserva esse universo cristão ao dar uma nova roupagem ao enredo de O alienista em cordel:

Padre Lopes lá do alto
 Dos seus bordados, falava
 Que jamais imaginou
 A loucura que encerrava
 Muito menos em Itaguaí
 Que tanto louco abrigava
 Dr. Simão Bacamarte
 Ao reverendo dizia:
 É difícil acreditar
 Tanta loucura e mania,
 Mas, isso que está vendo
 Vem se dando todo dia.

(BRAGA, 2008, p.35)

Sobre este aspecto cristão nos acrescenta Arnaldo Sampaio de Moraes

Godoy:

Na casa verde a frase atribuída ao Profeta Maomé, que teria respeitado os loucos, dado que um deles, por poder divino, fora retirado o juízo, exatamente para que não pecassem. Porém Bacamarte atribuiu a citação do Profeta ao Papa Benedito VIII, na expectativa de não desagradar as autoridades da Igreja católica. Ganhou apoio incondicional dos clérigos. Chamou-se o sanatório de Casa Verde em virtude das cores das janelas (GODOY, 2012, p.2)

Inegavelmente, e como grande cordelista que é, Medeiros Braga realiza uma primorosa apreciação da obra machadiana em forma de cordel que atribui valor a cultura popular e regional em um período completamente diferente daquele em que Machado de Assis escrevera. É válido afirmar, portanto, que o processo de cristalização⁷ dos resíduos culturais presentes na obra machadiana, que se entrelaçam com a cultura popular regional através do cordel, alcançam com uma linguagem ritmada e popular a um público mais abrangente.

Segundo Sebastião Nunes Batista, em seu livro Poética Popular do Nordeste (1982), o estudo da literatura popular em versos possibilita uma visão macro da relevância dessa arte na cultura brasileira. Logo nos capítulos iniciais de sua obra, verificamos uma abordagem acerca dos aspectos formais da cantoria e da literatura

⁷ Cristalização é o processo de lapidação que os resíduos sofrem de tempos em tempos.

cordelística e da proximidade entre os autores dos cordéis com alguns grandes nomes da nossa literatura portuguesa, como por exemplo, Luiz Vaz de Camões e Gonçalves Dias.

Portanto, sentimos com a poesia de Medeiros Braga a atmosfera que os resíduos histórico-culturais avivados no cordel - O Alienista se perpetuou em um inconsciente cultural de épocas distintas, mais especificamente do período medieval cristão, contribuindo com a máxima de que “na literatura nada se cria, tudo é resíduo. ”

Por certo, a busca por algumas dessas questões relevantes para a pesquisa nos fez observar que Medeiros Braga apresenta para o leitor o pensamento de Machado de Assis com profundo respeito e admiração pelo grande autor, ao mesmo tempo em que une o erudito com o popular, ampliando o enredo presente e vivo em O Alienista. Medeiros Braga contribui para uma popularização da literatura erudita. Como verificamos na seguinte estrofe:

“E contra aquele inimigo
Deitavam chavões em visita:
“Fora o Dr. Bacamarte”,
“Que morra o Alienista”
E “Abaixo a Casa Verde”,
Bastilha do altruísta.”
Abro a tela do cordel
Com pincel e bom verniz
No orgulho e no cuidado
Ao transpor pela raiz,
Em verso, “O Alienista”
De Machado de Assis.

(BRAGA, 2008, p.21)

Constata-se que através da narrativa realista de Machado de Assis, assim como a forma ritmada da obra em cordel, é lícito se afirmar que atingimos um público maior e de faixas etárias que circulam no nível da educação fundamental, pois a obra O Alienista de Medeiros Braga se apresenta com uma linguagem de fácil compreensão e interpretação em relação à linguagem machadiana, possibilitando o acesso e ampla divulgação de formidáveis autores, como Machado de Assis e Medeiros Braga, o que torna o acervo desses textos um verdadeiro tesouro literário, assimilando assim o belo imaginário ficcional de suas histórias.

Sabe-se que o cordel, visto como um recurso didático de grande valia, auxilia no processo de aprendizagem de literatura nas salas de aula do ensino fundamental, pois a contribuição poética, linguística e cultural que o cordel propicia no currículo escolar salta aos olhos e merece o seu espaço.

Para Perrenoud:

Se por um lado, ter acesso aos saberes, comumente associados a uma cultura geral não é suficiente, para colocá-los em prática, por outro, tampouco é possível desenvolver competências sem valer-se de conteúdos os quais mobilizar e transformar em ação. Não se trata, pois de termos concorrentes, senão complementares na esteira dos mecanismos de ensino e aprendizagem. (PERRENOUD, 1999, p. 7)

Sem dúvida, comprova-se que os autores dos cordéis, além de engrandecerem com suas obras nossa literatura popular, eles cumprem com o papel de formador de leitores, que é entreter e ensinar, unindo o lendário, imaginário ao real de forma a transmitir clara e objetivamente o que se deseja ensinar as crianças e jovens, a fim de que futuramente, a assimilação deste conhecimento tenha se dado em situação significativa e que interaja com os demais conhecimentos adquiridos no decorrer do processo de aprendizagem do indivíduo.

Portanto, evidencia-se daí a importância da literatura popular através dos cordéis na sala de aula, principalmente por levar a informação desejada através de um recurso didático essencial de valorização da cultura regional, de fácil acessibilidade e detentor de riqueza cultural, que transcende uma época, pois a mentalidade contida e sedimentada nas palavras do poeta propicia ao leitor a perpetuação crítica do que o eu lírico transmite em suas estrofes. Ressalta-se que a literatura de cordel vista e vivida nas salas de aula contribuem na formação da identidade cultural de seu povo, ensinando-os sobre seu passado, presente e futuro tão fundamentais à existência do Ser.

2.3 O herói medieval: O bem e o mal nos cordéis de Medeiros Braga

Sabe-se que os cordéis são classificados por suas temáticas, as quais são as mais variadas possíveis, e falam da religiosidade, “pelejas, questões políticas, bravuras dentre tantas outras situações que fazem parte importante da construção da poesia em folheto.

Sobre os cordéis que envolvem em sua temática a religiosidade, Medeiros Braga não foge ao que a maioria dos autores de cordéis fazem. Retrata com maestria a luta entre o bem e o mal; Deus e o Diabo e suas divergências como verdadeiros senhores dos humanos. Sobre a temática religiosa nos cordéis, Maxado acrescenta:

O misticismo é uma das características do nordestino. Logo, sua literatura também deve refletir esse aspecto, sendo então a religiosidade um dos ciclos mais importantes de sua poesia.

O traço é acentuado pelo fato de ter sido catequizado pelos jesuítas, desde o descobrimento. Os exemplos bíblicos e a vida de Jesus ensinaram a formação de beatos e conselheiros. Também, a peregrinação de sacerdotes pelos sertões, realizando missões, com o fim de ministrar os sacramentos da

religião católica aos fiéis distantes, além de levar-lhes os exemplos das Sagradas Escrituras ou do Testamento. (MAXADO, 2019, p. 81).

Por certo, a cultura popular do Nordeste é repleta de fatos místicos, “causos” que assombram e são elementos importantes da realidade cultural do seu povo. A crença religiosa é parte fundamental da construção da mentalidade do nordestino, e através dela muitas outras circunstâncias são formadas em determinados eixos sociais, políticos, econômicos e culturais de uma determinada população.

Segundo Nogueira (1986), o diabo, como figura representativa do mal, foi criado em todas as culturas como figura necessária para eximir a culpa dos males provocados pelo homem nas relações sociais estabelecidas. Ele também se constitui nas expressões de desejos funcionando como instrumento de controle dos impulsos de natureza humana e instintiva. No cordel, é sabido que o diabo tem notoriedade e forte simbologia nos enredos e poesias, se apresentando como um personagem ligado às tradições e crenças religiosas.

Sem dúvida, o bem e o mal é representado em inúmeros cordéis pelas representações dos santos, padres, Jesus, diabo e seres sobrenaturais. Um dos clássicos e mais conhecidos cordéis brasileiros, O Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, contém no imaginário da sua poética a presença de Nossa Senhora Aparecida, Jesus, padres e o demônio em um julgamento maior, em que os homens são personagens da verdadeira luta dicotômica entre o bem e o mal, na qual todos os feitos humanos são colocados à prova diante das leis de Deus. E sobre essas leis e regras divinas abordadas em grande parte dos cordéis, acrescenta Maxado:

Os ideais da pregação dos jesuítas foram retidos pelos seus sucessores e vemos ainda atuais conceitos como a penitência e a conversão como únicos caminhos para a salvação eterna; a luta contra o Diabo; o ato sexual como pecado só tolerado entre casados e com o fim de reprodução; a manutenção da castidade e da pureza nos jovens a fim de se conservarem puros; sem falar nos antigos conceitos que pregavam até a autoflagelação como meio de purgação dos pecados.

Muitos folhetos deixam transparecer um messianismo ou um sebastianismo inconsciente.

Outros tratam das vidas dos santos e seus exemplos, sendo por isso mesmo, conhecidos por muitos como “folhetos de santidade.” (MAXADO, 2019, p. 83)

Ainda a respeito da origem do mal, no tocante a figura do diabo, tão constante em inúmeros cordéis, que retratam essa herança jesuítica tão forte, diversos autores e estudiosos possuem olhares relevantes sobre esta personagem. Para Câmara Cascudo, tudo começou com a lenda da Normandia de Roberto do Diabo, homem

gerado pelo mal e que o prolifera em suas ações, mas que a partir do seu arrependimento e redenção consegue se livrar de seu trágico destino, assim como sua descendência dessa maldição. E essa mentalidade perpassa todo o imaginário coletivo nordestino, em que Roberto ganha novos nomes e novas histórias através dos cordéis.

Sobre a mentalidade de momentos anteriores da história dos povos que passam a serem abordados em uma época e por povos em tempos posteriores, a teoria da residualidade é contundente, pois “apanha aquele remanescente dotado de força viva e constrói uma nova obra com mais força ainda, na temática e na forma.” (PONTES, 2006, p. 9) logo, eis a grande importância da referida teoria no embasamento teórico da presente pesquisa, pois a partir dos resíduos apresentados, Medeiros Braga em seus cordéis cria uma poesia singular repleta de carga cultural, conteudística (no caso dos cordéis que abordam conteúdos didáticos de ciências, geografia, matemática dentre outros) e histórica, que contribuem diretamente com a formação cultural de um povo em uma determinada época.

Por sua vez, o universo assombroso também é vivenciado na Literatura de Cordel, permeado muitas vezes pelas “histórias de botija”. São muitos os cordéis que tratam de questões sobre o fim dos tempos, não deixando separação alguma entre o fantástico e o cotidiano. Sobre as histórias de botija, esclarece-nos Ivanildo dos Santos Xavier Júnior, na sua dissertação “O universo assombroso e o diabo das histórias de botija na Literatura de Cordel”:

As histórias de botija fazem parte de comunidades sertanejas que receberam uma forte herança cultural do medievo ibérico, incluindo aí uma forte presença da cultura árabe. O sentimento de insegurança típico do medievo ibérico, que tem como esperança o ouro, basta observar a busca desenfreada da Espanha por metais preciosos que impulsiona a chegada a América – uma busca constante, bem característica do homem-queres – é uma dessas heranças. “As botijas de morte” apontam para outra delas, o respeito aos laços de solidariedade entre os membros da comunidade, a avareza é um dos modos de quebrar esses laços. (JÚNIOR, 2016, p.14)

Desse modo, existem inúmeras narrativas orais com a presença do diabo, e o cordel as materializa em versos com maestria. E a lenda de Roberto do Diabo, além de circular por toda a Europa, chega ao Nordeste ganhando certa fixação pela literatura popular. Ao vislumbrar a questão dialética bem versus mal, verifica-se, mais uma vez, resíduos do imaginário medieval arraigados em nossa cultura popular. Roberto do Diabo vence sua essência maligna e se cristianiza. E assim se constata, em diversas obras literárias, que o arrependimento leva a personagem a uma redenção, como exemplo A história do Valente Vilela, escrita por João Martins de Athayde.

Ademais, sabe-se que o diabo nem sempre foi mal, ele anteriormente fora um anjo, criatura divina. E no decorrer de incontáveis manifestações do Mal através de sua representação maléfica a caracterização do demônio fora se desenhando nas camadas populares do Nordeste. Segundo Lacerda:

É justamente o que acontece no Brasil a partir da colonização e do contato entre as diversas culturas. Lançados em um mundo multicultural, com uma diversidade de religiosidades não oficiais, os nordestinos “conviveram” desde cedo com entidades de todas essas religiosidades, portanto era o Diabo cristão apenas mais uma dessas sobrevivências e por isso não causava o medo que a tradição Católica esperava. A relação entre o nordestino e o diabo no cordel acontece de diversas maneiras, porém o fim é sempre parecido: o Cão é quase sempre enganado, tapeado de alguma maneira pelo ser humano. (LACERDA, 2014, p.9.)

Assim como a presença de marcas do medievo cristalizadas pelo mal e amor, temos também nos cordéis a questão do herói e o seu papel na cultura popular nordestina. Esse estereótipo passeia por diversas características, sejam elas cômicas ou trágicas, o herói dos cordéis por muitas vezes é um resíduo fiel do herói medievo corajoso e com caráter virtuoso, podendo também ser construído sob outra perspectiva também herdada do período medieval, mas que se assemelha ao bobo da corte, que através de um comportamento íntegro e engraçado, que de forma inesperada e despreziosa, em algum momento conquista o amor da donzela.

Para muitos estudiosos, o herói é o vínculo maior estabelecido pela narrativa, tempo e espaços. Na obra *Teoria do Romance* (1914-1915), Lukács afirma que o herói se move no romance moderno de acordo com suas ações. Embebido por pensamentos Hegelianos, vivenciados neste período de sua escrita, o presente autor acredita na forte herança epopeia grega no romance, mas é bom lembrar que no romance moderno o homem é apresentado de forma solitária, que vai de encontro principalmente ao pensamento épico da dualidade homérica humana (homem x divino) em sua totalidade.

Portanto, é óbvio que o herói presente nos cordéis populares, especificamente situados no espaço nordestino, possui peculiaridades próprias da tradição oral e cultural da região, mas certamente, alguns eles são constituídos por resíduos dos heróis greco-romanos que viajaram através dos tempos.

Na grande maioria dos cordéis observados, percebe-se como mencionamos, a figura do herói cômico, ou anti-herói, que satiriza alguma circunstância social no meio em que está inserido ou com a finalidade própria de realizar e veicular uma crítica à sociedade ou sistema político vigente. Esse herói acaba se tornando universal, a voz do

povo que clama ou reclama por algo ou melhorias em sua vida sofrida no sertão.

Observa-se, também, a presença do herói-santo, aquele imbuído de preceitos cristãos que lhes fora atribuído religiosamente e que exercem benesses e benfeitorias aos mais pobres, como se verifica em cordéis que possuem os padres e alguns outros líderes religiosos que durante a narrativa exercem um papel de líder em busca de justiça e igualdade social, que luta por uma melhor qualidade de vida daqueles que mais precisam sobreviver. Esse é o herói que habita em muitos sertões afora e são idolatrados até os dias atuais, são grandes exemplos desse tipo de herói Antônio Conselheiro e Padre Cícero. E sobre a presença e origem desses heróis nas histórias de Botija nos esclarece Ivanildo dos Santos Xavier Júnior:

As histórias de botija fazem parte de comunidades sertanejas que receberam uma forte herança cultural do medievo ibérico, incluindo aí uma forte presença da cultura árabe. O sentimento de insegurança típico do medievo ibérico, que tem como esperança o ouro, basta observar a busca desenfreada da Espanha por metais preciosos que impulsiona a chegada a América – uma busca constante, bem característica do homem-queres – é uma dessas heranças. “As botijas de morte” apontam para outra delas, o respeito aos laços de solidariedade entre os membros da comunidade, a avareza é um dos modos de quebrar esses laços. (JÚNIOR, 2016, p.14)

Além disso, existem inúmeras narrativas orais com a presença do diabo, e o cordel as materializa em versos com maestria. A lenda de Roberto do Diabo, além de circular por toda a Europa chega ao nordeste ganhando certa fixação pela literatura popular. Ao vislumbrar a questão dialética bem versus mal se verifica mais uma vez resíduos do imaginário medievo arraigados em nossa cultura popular. Roberto do Diabo vence sua essência maligna e se cristianiza. E assim se constata em diversas obras literárias, que o arrependimento leva a personagem a uma redenção, como exemplo, A história do Valente Vilela, escrita por João Martins de Athayde.

Aliás, é óbvio que o herói presente nos cordéis populares, especificamente situados no espaço nordestino, possui peculiaridades próprias da tradição oral e cultural da região, mas certamente, alguns eles são constituídos por resíduos dos heróis greco-romanos que viajaram através dos tempos.

Na grande maioria dos cordéis observados, se percebe como mencionamos anteriormente, a figura do herói cômico, ou anti-herói, que satiriza alguma circunstância social no meio em que está inserido ou com a finalidade própria de realizar e veicular uma crítica à sociedade ou sistema político vigente. Esse herói acaba se tornando universal, a voz do povo que clama ou reclama por algo ou melhorias em sua vida sofrida no sertão.

Observa-se também a presença do herói-santo, aquele imbuído de preceitos cristãos que lhes fora atribuído religiosamente e que exercem benesses e benfeitorias aos mais pobres, como se verifica em cordéis que possuem os padres e alguns outros líderes religiosos que durante a narrativa exercem um papel de líder em busca de justiça e igualdade social, que luta por uma melhor qualidade de vida daqueles que mais precisam sobreviver. Esse é o herói que habita em muitos sertões afora e são idolatrados até os dias atuais, são grandes exemplos desse tipo de herói Antônio Conselheiro e Padre Cícero.

Por sua vez, com relação a essa temática na cordelística de Medeiros Braga, analisamos os seguintes cordéis: Dom Helder Câmara – a voz incômoda do Evangelho, Guerra de Canudos – farsas e preconceitos, narrativa histórica na versão do cordel e Um revolucionário chamado Jesus.

Sobre o Cordel Um revolucionário chamado Jesus, encontramos a presença de tradições culturais vivenciadas por Jesus que determinam a época que ele viveu, como visualizamos na seguinte estrofe:

Logo após foi o menino

De “Jesus” denominado
Sendo nos primeiros dias
Pelo censo registrado,
Como na lei dos judeus
E em tais costumes seus
Ele foi circuncidado. (BRAGA, 2013, p.06)

Torna-se evidente a descrição sobre o costume judeu de circuncidar as crianças à época como forma de registrar a aliança de Deus com o seu povo. E salientamos aqui, mais uma vez, o quanto a crença religiosa de uma época anterior pode permanecer em culturas remanescentes, como tão bem nos explica a teoria da residualidade, pois o povo judeu, ainda hoje, pratica esse tipo de procedimento.

Um outro trecho bem peculiar do referido cordel em análise, que explicita a presença do Mal personificado no humano, em que Herodes é o anti-herói que faz uso da Lei para destruir, matar e roubar, assim como na bíblia sagrada está descrito os objetivos da figura do diabo para com a humanidade:

Herodes era tão mau,
Tão cruel, tão egoísta,
Que matou mulher e filhos
E seus parentes em vista,
Um por um saiu matando
Não deixou vivo sobrando
Um sequer da longa lista.
Ele chegou a milhares

De crimes cometer,
 Hora por pura vingança
 Outra hora por prazer,
 Fazia e não se tocava
 Porque ele só amava
 A riqueza e o poder.
 É bom que se esclareça
 Que não era Herodes rei
 Era um procurador
 De Roma perante a grei,
 Um serviçal do império
 Que pelo seu império
 Passava em cima da lei. (BRAGA, 2013, p. 07)

Pelas estrofes acima, Medeiros Braga coloca em rimas um breve resumo da maldade vivenciada nos tempos de Cristo sob o domínio do procurador Herodes, esclarecendo na história o abuso de poder e crimes que ele praticava. Na literatura, é comum encontramos personagens que apresentam uma ruptura dos princípios morais e éticos ligados à conduta cristã, mesmo não apresentando a forma figurativa do diabo, aqui, Herodes representa todo Mal contido nessa figura.

Segundo Russel (2003), a forma grotesca e animalizada do mal, como figura representada com chifres, rabo, asas e garras, que surge envolto por fumaça, repleta por cores escuras e atributos negativos, nutre nas pessoas que o vêem sentimentos de repulsa, agressividade, gravidade, força e feiura. E essas associações demoníacas são migradas para os sujeitos maus, rejeitados por seus atributos perversos na convivência social, assim como os políticos, assassinos dentre outros.

Logo, é Herodes, perfeitamente, a figura representativa do mal na época de Cristo. E tomando por base as descrições feitas no cordel de Medeiros Braga, é inegável o quanto a maldade está em sua essência e funciona como instrumento de controle e poder para com um povo. Fato este bem comum na nossa história.

Para Stanford (2003), a forma estética acerca da figura do demônio foi sendo modificada ao longo do tempo, recebendo nesse contexto uma ênfase filosófica e política a partir do século XX, momento em que a temática do diabo começa a ser vista como uma compreensão das visões socioculturais do sujeito humano, e de acordo com o olhar sensível do artista que coloca no texto visual ou verbal uma visão mística da existência, que nos faz perceber dentro de uma série de fatores e concepções culturais as concepções de bem e mal, certo e errado, esperteza ou esforço.

Portanto, é essa visão acima descrita por Stanford, que temos nos cordéis místicos ou religiosos escritos por Medeiros Braga. Analisando ainda o cordel Um revolucionário de nome Jesus, percebe-se nos trechos abaixo a representatividade do

mal contra o Cristo personificado na figura da serpente:

Já aí Jesus mexeu
 No poder que é o dinheiro,
 Essa serpente venenosa
 Que mata no mundo inteiro,
 Também no poder romano
 Ameaçando o tirano
 De apagar seu luzeiro. (BRAGA, 2013, p.27)

Constata-se que Medeiros Braga, na grande maioria dos cordéis, desconstrói a figura caricata do diabo, que representa o mal. Por ser um exímio crítico social, ele utiliza da sua habilidade com as palavras e da força do cordel junto ao povo para levar a sua mensagem de luta contra a um sistema social desigual vigente que atravessa o tempo, como se verifica no trecho dos cordéis Guerra de Canudos, Dom Hélder Câmara e Um revolucionário chamado Jesus:

Foi Canudos assaltada
 Depois de ser destruída.
 Lhe roubaram a identidade,
 Da memória tal medida,
 Mas, deixaram pela frente
 Pistas o suficiente
 Para ser reconstruída.
 (BRAGA, 2008, p.01)

Não morreu só Conselheiro
 De estilhaços no peito,
 Depois de morto mataram-no,
 Mesmo já no eterno leito,
 Porque, lhe negado o bem,
 Ele foi vítima, também,
 Da mentira e preconceito.
 (BRAGA, 2008, p.01)

Chegou na área atingida
 Pelo golpe militar,
 Onde presos torturados
 Por vezes morriam lá
 Mesmo sendo encontrados
 Mortos em outro lugar.
 (BRAGA, 2008, p. 05)

Nunca mostram o que disse
 Da riqueza malfazeja,
 Dos seus males praticados
 Dentro e fora da igreja
 E que, avassaladora
 Ela é sempre vencedora
 Nessa desigual peleja.
 (BRAGA, 2008, p. 24)

Nunca dizem que a riqueza
 Torna o homem diferente,
 Que faz um modesto, humilde,
 O outro tão prepotente;
 Um rico com seu estigma

Que do outra forma vítima
De um sistema excludente.
(BRAGA, 2008, p.24)

Sem dúvida, no próximo tópico abordaremos com mais especificidade sobre uma das maiores características da cordelística de Medeiros Braga. As críticas contra as desigualdades sociais constantes em seus cordéis que em forma de protesto se fazem em versos pela busca incessante de melhorias para as classes minoritárias da sociedade.

Torna-se essencial neste momento, também falarmos do cavaleiro medieval para compreendermos o significado de herói em muitos personagens que permeiam as produções dos cordéis e verificarmos o quanto a mentalidade dos textos medievais chegaram até ao nosso continente e contribuíram na formação da sociedade brasileira. A respeito da importância desse período no imaginário da nossa cultura, assevera a professora Lênia Márcia M. Mongelli, no artigo intitulado “A Idade Média no Ensino das Literaturas Portuguesa e Brasileira”:

É um contraste que chama a atenção: quanto mais a era medieval se transforma no objeto de interesse de muitos, mais ela é superficializada pela ótica desvirtuadora dos outros. Estudar a Idade Média, sim, mas sem perder de vista que é durante os séculos XI e XII que nasce a prosa de ficção e que, em português a lírica trovadoresca guarda as primeiras obras escritas em romance. A coincidência entre o despertar sociopolítico-econômico do Ocidente e o florescimento de suas formas literárias, prosa e verso, deve ser um alerta para prometedora riqueza dessas fontes, tão maltratadas pelos que andam de lazer circunstancial. (MONGELLI, 1994, p. 427).

Esclarecemos, inicialmente, o nosso objetivo em abordar o cavaleiro medieval com suas peculiares características por verificarmos em recorrentes momentos da poesia em cordel a figura do herói caracterizada nos mesmos “moldes”, que se perpetuam no imaginário medieval nordestino.

Na Idade Média, inúmeras foram as manifestações artísticas e culturais que ocorreram e que contribuíram, como constatamos pela teoria da residualidade, com as formações de novas culturas, costumes e literatura em outros povos e períodos de tempos distintos.

Havia, no período medieval, um culto ao homem heroico, vencedor de batalhas que também duelava com seres sobrenaturais, um verdadeiro referencial de coragem e bravura, repleto de qualidades, dedicado à família e a fé, povoando, assim, o imaginário de homens e mulheres através dos romances de cavalaria ou novelas de cavalaria, como eram conhecidas as histórias da figura do herói guerreiro descrito acima. A respeito da mentalidade medieval descrita acima e sua presença na cultura ocidental, Georges Duby acrescenta:

Esta disposição mental manifesta-se em certos sinais, sobretudo em gestos rituais, mas também nas palavras. O vocabulário é sem dúvida o documento mais rico de que dispõe o historiador da psicologia social. O mais rico, mas também o mais difícil de explorar, porque as palavras são invólucros cujo conteúdo não é o mesmo nos diferentes meios sociais e se modifica, aliás, com o tempo. (DUBY, 1989, p. 69)

Por sua vez, as novelas de cavalaria são oriundas da Inglaterra e da França, e sua origem encontra-se nas canções de gesta, que são poemas medievais cantados, adaptados à linguagem mais acessível as classes populares para enaltecer os feitos heroicos dos guerreiros.

Segundo Segismundo Spina (1997), as novelas de cavalaria em literatura portuguesa, de acordo com a origem de seus heróis, agrupam-se em três ciclos: O *clássico* (que trata dos temas latinos e gregos), o *Carolíngio* (que trata sobre o imperador Carlos Magno e os doze pares da França), e o *Bretão* ou *Arturiano* (que aborda sobre o rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda).

Assim, é fato que em outras localidades da Europa também ocorreram outros importantes ciclos, como na Espanha, pois lá também encontramos um importante ciclo para nossa formação cultural e social, o *Amadis de Gaula*, por exemplo.

Portanto, a imagem apresentada do herói medieval criada nos textos, sejam de prosa ou em versos, cultiva qualidades do homem viril que busca fazer justiça em defesa de algo ou alguém. Observamos nestes textos um pouco de nacionalismo exacerbado capaz de justificar suas atitudes, representado especificamente pela figura do cavaleiro andante, bastante comum nos romances europeus do século XIX.

A respeito desse homem viril acrescenta Duby:

Os valores que fundamentam a ideologia cavaleiresca, a exaltação da proeza, da rapina, da festa dos sentidos e da alegria de viver, evidentemente são construídos a partir de uma recusa resoluta do espírito de penitência e das renúncias pregadas e das renúncias pregadas pelos homens de oração. (DUBY, 1998, p. 142)

Ademais, os homens das armas, que pertencem a tempos anteriores aos atuais, refletem a valentia e virtudes que atendiam às necessidades da época. E no tempo presente, resíduos desse bravo cavaleiro, certamente sem o cavalo, permanecem vivos e atuantes com o objetivo de enfrentar com coragem e bravura o inimigo e vencê-lo. Basta lermos Memorial de Maria Moura, por exemplo, ou observarmos o contexto de Guerra Civil enfrentado no século vigente, entre a Rússia e a Ucrânia.

Uma das informações interessantes sobre esses heróis medievais é que eram cristãos, que em sua maioria faziam parte de uma família numerosa, cujo filho caçula era o que se dedicava a ser um excelente cavaleiro. Já que aos filhos mais velhos cabiam o papel de prover a família na ausência paterna.

No tocante as famílias mais ricas, ou pertencentes ao trono real, a diferença social também era marcante neste meio. Cavaleiros que eram abastados, oriundos de famílias reais, muitas vezes, possuíam armamento e equipamentos de proteção de maior qualidade, como elmos e lanças melhores, e logo tornavam-se exímios guerreiros, graças aos treinamentos que recebiam e as condições privilegiadas que custeavam suas despesas com armamentos.

Geralmente, o cavaleiro vivia em ambiente familiar até aproximadamente os 12 anos de idade, após esse momento, caso a família não possuísse condições de equipar e custear seus treinamentos, ele era conduzido aos cuidados de um “padrinho” que investiria em sua formação cavaleiresca em troca de serviços braçais realizados pela criança, como polir armaduras e cuidar dos cavalos.

Em nenhum momento, podemos deixar de lado a questão romanesca que o cavaleiro apresenta na mentalidade que vive até os dias atuais, como o herói que salva a donzela, ou princesa em perigo. Essa mentalidade é cristalizada em diferentes épocas e culturas que ultrapassa gerações proporcionando o ressurgimento de líricas amorosas, valores temáticos e símbolos, que oportunizam a formação de verdadeiras tradições culturais durante a formação das nações.

Um outro e importante fator relevante sobre a presença do herói cavaleiro está nas lutas oportunizadas pela Igreja, como as Cruzadas. A Igreja no século XIX assume o total controle sobre as tropas de cavalaria em importantes reinos europeus a fim de conquistar o máximo de territórios e riquezas que pudesse. Investiu muito em boas armas e armaduras, convencendo a todos por meio da fé para que os homens guerreassem baseado em três grandes princípios: lealdade e fidelidade à Cristo e sua Palavra (Bíblia); generosidade aos semelhantes e mais necessitados e total obediência à Igreja e a defesa de seus patrimônios.

É do conhecimento de todos sobre o importante papel histórico que as Cruzadas têm para os cavaleiros medievais. Existem inúmeras histórias e fatos importantes na literatura que enaltecem o heroísmo e a pureza com os quais esses bravos homens lutavam pelos seus ideais. Sobre a importância das Cruzadas e o legado deixado por elas na cultura ocidental, afirma Theodor:

É de reconhecer-se que, apesar de malsucedidas dos pontos de vista política e militar, as Cruzadas proporcionaram um contato cultural muito proveitoso para a Europa, através do conhecimento da filosofia, da ciência e literatura de árabes e gregos. O comércio e o tráfego entre essas partes do mundo começaram a desenvolver-se pujantemente, com evidente e proveito para o papado, cuja influência e poder aumentaram, quanto para a civilização cavaleiresca, que encontrou sua expressão máxima nas Cruzadas, notadamente com a criação das Ordens de Cavalaria. (THEODOR,1997, p.124).

Por isso, coube, então, à literatura resgatar essa imagem cavaleiresca e cristalizar os valores e símbolos imbuídos em seus propósitos para vermos o quanto essa temática se torna recorrente e presente em outras épocas e culturas, sendo assim, fatores preponderantes e vivos no imaginário popular que estão diretamente relacionados às formações sociais dos povos por todo o mundo.

3 OS MÁRTIRES E OS HERÓIS NA CORDELÍSTICA DE MEDEIROS BRAGA

Sabe-se que o nosso país, mesmo não tendo em sua história a vivência cronológica de uma Idade Média, não passou a desconsiderá-la como fruto das influências que a mesma deixara nos países europeus e aqui se vivenciou tal influência na colônia.

As grandes navegações trouxeram para nós não somente experiências náuticas e tecnologias marítimas, mas também cultura, artes e costumes que perduram de diversas formas na atualidade.

Assim, neste capítulo, abordaremos com mais profundidade sobre o papel social e sua importância os quais são reflexos da literatura de cordel, e como o autor Medeiros Braga a utiliza para expor ao mundo os seus desejos por igualdade social e sua luta contra as discriminações das mais diversas esferas sofridas pelas minorias.

Portanto, aqui discorreremos, também, sobre os mártires que ele aborda em sua cordelística e a importância de cada um deles para a literatura e para o pensamento do homem do século XXI.

3.1 Medeiros Braga: O Combatente Social

Desde o período de ascensão grega, a poesia é estudada em sua profundidade e essência. Para alguns povos, a poesia possui valores técnicos, diferentemente da visão romana, que preconiza pela Arte da poesia. É Aristóteles o responsável pela criação de um tratado poético, retirando o caráter divino da poesia e priorizando por sua técnica.

Para Aristóteles, imitar é natural do homem (mimese), mas se faz necessário criar critérios que envolvam linguagem, ritmo, melodia, metro... (composição/meio), o objeto a ser trabalhado (o homem, as ações...). Mas com relação à sistematização do tempo, Aristóteles não vê possibilidade de se criar terminologias para isso.

Assim, é a partir desse princípio estruturado em pensamentos filosóficos que temos uma reflexão em torno da criação poética com Aristóteles, Platão, dentre outros grandes filósofos e teóricos da poesia, começa a sua incessante trajetória em busca da essência do Ser.

Segundo Bosi (1994), durante a década de 70, na poesia brasileira, mais especificamente, prevalece algumas características, como o ressurgimento do discurso poético e, com ele, o verso livre, prevalecendo o seu eu, a fala autobiográfica, sendo novamente proposto o caráter público e político do eu poético.

Pode-se afirmar que essa característica é muito presente nos cordéis de autoria de Medeiros Braga, escritor cordelista paraibano que procura na maioria de seus cordéis dar vez e voz a figuras importantes em prol das lutas sociais, como Antônio Conselheiro, Che Guevara, e tantas outras personalidades que em nosso país ou fora dele fizeram e fazem a diferença por seu povo e justiça social.

Sabe-se que Medeiros Braga também foi professor e ministrava suas aulas na universidade, como regente da disciplina de Economia e Mercado, foi jornalista do Diário de Borborema e lá produzia artigos sobre o cotidiano, ele também atuava como técnico na Federação dos Trabalhadores da Agricultura (FETAG) e contribuía com seus conhecimentos com a comunidade de pequenos agricultores. Sempre com um posicionamento político marcante e em prol dos menos favorecidos, Medeiros Braga leva toda essa sua essência para a escrita de seus cordéis, fazendo valer a voz daqueles que são calados pelo regime capitalista e esmagados pelo mesmo quando submetidos.

Ao analisar os cordéis, os quais apresentam em seu teor uma crítica social mais profunda e combatente que nas rimas de Medeiros Braga, começam a ser

instrumentos de conscientização social de luta entre as classes, trazendo à tona importantes assuntos como desigualdades sociais, violência contra a mulher, reforma agrária e política, contribuindo significativamente para a formulação e reformulação de pensamentos e questionamentos acerca de cada um desses temas abordados na cultura popular, caracterizam uma das especificidades da personalidade do cordelista impressa em seus versos, pois Medeiros Braga é bastante conhecido na Paraíba e arredores sob a antonomásia de o Poeta do combate.

Por outro lado, percebe-se um eu poético sensível às causas sociais ao se tratar, especificamente, do cordel de Margarida Maria Alves, cuja narrativa ressalta a luta de uma mulher à frente de um tempo e época que busca por uma igualdade social e latifundiária no interior da Paraíba, e que não mede esforços para tanto até que se torna vítima de violência por causa daquilo em que acredita e luta. O eu poético empodera o ser feminino que apresenta características fortes e definidoras do enredo, como visualizamos em alguns trechos:

Talhada para os entraves
 Para ser mártir, para lutar
 Margarida Maria Alves
 Foi uma mulher exemplar.
 Não se afrontando com nada,
 Já nasceu predestinada
 Para a extorsão arrostar.
 (...)
 Foi ela grande guerreira
 Que rebelou-se à vildade,
 Da coragem era a bandeira
 Sem medo à adversidade.
 Tendo por asas a sua voz
 Mais parecia um albatroz
 Enfrentando a adversidade. (BRAGA, 2018, p.3)

Observa-se, nestes trechos, que o autor deixa claro a força do ser feminino representado por Margarida Maria Alves. Ao metamorfosear a voz feminina, comparando-a a um albatroz, o eu poético deseja evidenciar essa transformação da imagem da mulher cultivada antes da década de 70 do século passado, que inutiliza o ser feminino diante dos dilemas humanos. Pois é a partir da década de 70 século XX, com o pós-modernismo que os pensamentos ideológicos do ser feminino começam a ser delineados, como afirma Heloísa Buarque de Hollanda:

A partir da década de 1970, começa a se evidenciar o debate, hoje irreversível nos meios políticos e acadêmicos, em torno da questão da “alteridade”. No plano político e social, esse debate ganha terreno a partir dos movimentos anticoloniais, étnicos, raciais, de mulheres, de homossexuais e ecológicos que se consolidam como novas forças políticas emergentes. No plano acadêmico, filósofos franceses pós – estruturalistas como Foucault, Deleuze, Barthes, Derrida e Kristeva intensificaram a discussão sobre a crise e o

descentramento da noção de sujeito, introduzindo, como temas centrais do debate acadêmico, as ideias de marginalidade, alteridade e diferença. Podemos dizer mesmo que nos últimos anos, é inegável no quadro da reflexão teórica das ciências sociais e humanas a evidência de uma progressiva e sistemática desconfiança em relação a qualquer discurso totalizante e a um certo tipo de monopólio cultural dos valores e instituições ocidentais modernas. (HOLLANDA, 1994, p.14).

O cordel de Medeiros Braga possui uma carga temática e social, a qual levada para as salas de aula, contribui no campo didático no ensino de língua portuguesa, pois produz um efeito dinâmico, vivo e estrutural capaz de proporcionar aos alunos uma aproximação do texto literário com a realidade social enfrentada por tantos, cumprindo assim não apenas com a função literária do gênero textual em questão, mas principalmente levando o conhecimento, estimulando a oralidade, criatividade, imaginação com significado e retratando uma realidade feminina muito presente nos lares de todo o mundo. Também o cordel é a arte da divulgação das tradições populares para manter as identidades literárias regionais.

Ao levar o Cordel de Margarida para uma discussão em ambiente escolar, temos inúmeros recursos literários, históricos, geográficos e sociais que devem ser explorados em sua amplitude, como afirma a professora Magda Becker Soares:

É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição, a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real. (SOARES, 2008, p. 33)

Sabe-se que a literatura de cordel chega como um excelente recurso didático e pedagógico em todos os níveis da educação básica. É relevante para todos os eixos e abordagens gramaticais e literárias. Torna-se possível através do cordel trabalhar a comunicação da realidade individual de cada discente. Medeiros Braga com maestria e relevância, produz um cordel multidisciplinar e de cunho social, que conversa com o leitor sobre um assunto componente da realidade e necessária em uma sociedade predominantemente patriarcal e machista que nos deparamos dia a dia.

Abordar o feminino e seus inúmeros aspectos é o que o autor procura fazer constantemente, como se verifica nas seguintes estrofes:

Foi uma líder sindical
 Determinada, aguerrida,
 No meio do canavial
 Pondo em risco sua vida
 Lá estava conscientizando,
 Com paciência, educando,
 Toda uma classe sofrida.
 Foi ela para a criança
 O sonífero do gemido,

Para as mães uma lembrança
De um sonho já esquecido...
E para os trabalhadores
O analgésico das dores
Que sente um ser oprimido. (BRAGA, 2018, p.3)

Medeiros Braga não poupa palavras para explicitar a docilidade e amabilidade femininas ao mesmo tempo em que enaltece a fibra e as características aguerridas da personagem. A metamorfose transformadora que Maria Margarida passa, no decorrer da narrativa, gera como consequência o seu trágico fim, como se houvesse dois lados a serem escolhidos: o da mulher recatada, feminina e amorosa e o da combatente, sindicalista e justiceira que nada mais deseja do que uma igualdade de direitos e territórios. Sua punição é a violência e conseqüentemente a morte.

Sobre essa segunda mulher, afirma Simone Bornéo Funk:

A segunda mulher está nos textos. E é a política de sua representação que nos interessa, na medida em que, imaginada, ela é da maior importância na construção dos sistemas a partir dos quais nos subjetivamos. Se somos as histórias que nos contam – tanto no sentido do que elas nos representam quanto no de que são contadas para nós –, então, as narrativas podem se tornar uma forma de identificação. Essa outra mulher que habita os textos é um repertório de possibilidades e perigos para o projeto feminista. (FUNK, 2006, p.362)

É sobre essa segunda mulher que Maria Margarida é concretizada. Suas ações são delineadas a partir da luta social estabelecidas por ela, em busca de justiça social e uma melhor qualidade de vida para os habitantes daquele povoado. E essa sua segunda mulher sofre as conseqüências desastrosas, que são frutos da violência permeada por quem se sente ameaçado diante de suas ideias de igualdade, respeito e justiça para quem nunca soube o real significado dela. Como verificamos na seguinte estrofe:

Foi ela para a criança
O sonífero do gemido,
Para as mães uma lembrança
De um sonho já esquecido...
E para os trabalhadores
O analgésico das dores
Que sente um ser oprimido.
À medida que discutia
Mais aprendia a lição;
Dos deveres que, só, via
Enxergou outra versão...
E conhecendo o direito
Com o pé no chão, mais afeito,
Começou a dizer não. (BRAGA, 2018, p.7)

Nas estrofes acima, fica evidente que a versão feminina de Margarida não se

trata da forma conceitual tradicional das mulheres de uma dada época. Ela opta por dizer não aos padrões e assumir a sua segunda versão, dizendo não a toda uma sociedade patriarcal e machista que perdura com certos padrões até os dias atuais. E, infelizmente, um preço alto e violento é pago por ela, por combater não apenas em favor de suas crenças em ideais, mas principalmente por resistir e existir como uma mulher feminina, feminista e atuante socialmente, como se percebe na estrofe abaixo:

A ganância da riqueza
Com o domínio do poder,
Revelando uma fraqueza
Para o controle manter,
Não encontrou outra saída
Que não fosse Margarida
Vir a desaparecer. (BRAGA, 2018, p.12)

Portanto, é sobre essa violência sofrida por Margarida Maria, que encontramos uma relação com os textos de Walter Benjamin, em seu ensaio “Para uma Crítica da Violência”. Sabe-se que quando se trata de questões econômicas e sociais como determinantes ou não da ocorrência dessas violências, pois para ele, a violência é um elemento social que para o direito se torna necessário, a fim de manter a ordem e consequentemente à justiça, mas que precisa ser equilibrada no âmbito das relações éticas, e balizando em duas esferas: direito e justiça, ou seja, a violência deve ser medida observada que interfere na dinâmica destas relações. Essa temática é muito trabalhada nas obras de cordel de forma didática sempre dando ênfase à forma de opressão do sujeito.

A partir dessa perspectiva observamos que a violência sofrida por Maria Margarida ganha um maior peso e significado primeiramente por ser uma mulher regente aos padrões pré-estabelecidos por uma dada sociedade e período, daí ela atrair para si um triste e violento fim. São inúmeros os casos em que a Literatura de combate e feminina aborda a violência sofrida pela mulher através dos tempos, e o papel que a escrita exerce sobre a realidade vivida por muitas é instrumento forte e necessário de combate a agressões e feminicídios.

Um exemplo bem interessante vemos no livro *Luzia Homem*, de Domingos Olímpio, cuja personagem central, Luzia, passa a exercer uma profissão comum a homens na construção civil de uma cadeia no sertão, e logo suas ações são julgadas e toda a violência sofrida por ela parece ser “justificada” por isso. E mais uma vez Walter Benjamin nos evidencia:

A crítica da violência é a filosofia de sua história. É a “filosofia” dessa

história porque somente a ideia de seu ponto de partida permite uma tomada de posição crítica, diferenciadora e decisiva, com relação a seus momentos temporais. Um olhar dirigido apenas para as coisas mais próximas perceberá, quando muito, um movimento dialético de altos e baixos nas configurações da violência enquanto instauradora e mantenedora do direito. (BENJAMIN, 2011, p. 155).

Por isso, ao abordarmos um pouco sobre a violência, em específico, contra uma mulher, desejamos esclarecer também as relações de interesse que perpassam e se encontram latentes em cada ato descrito no presente cordel. Das ausências morais e éticas construídas com o propósito de manipular as relações de interesses em toda a poesia, ao passo que sua leitura nos permite também uma análise social da participação do eu feminino em uma sociedade patriarcal que anseia em atravessar épocas, tempo sem a valorização da violência feminina como conceito.

Nesse contexto de violação e desvalorização do direito à vida, vamos abordar um dos cordéis de Medeiros Braga que mais retratam a violência sofrida por Jesus de Nazaré.

Ao observar o cordel sobre Jesus Cristo, escrito com a finalidade de levar a todos sobre essa personalidade emblemática e crucial, utilizando da linguagem popular um pouco sobre a vida e história de Cristo, desde o seu nascimento até a sua crucificação, Medeiros Braga aproveita, todo o enredo, para realizar profundas críticas ao regime político à época vigorado, através do Império Romano, como se observa nos versos a seguir:

Os exemplos da história
Nós devemos cultivar,
Transformá-los em sementes,
Pelos campos semear,
Porque dá pra perceber
Que a fome de saber
Vem o povo alienar. (BRAGA, 2013, p.03)

Vou citar nesse cordel
O maior da humanidade
O mais autêntico na luta
Por justiça e igualdade,
Aquele que trouxe ao mundo
O sentimento mais fundo
Com maior dignidade. (BRAGA, 2013, p.03)

A contribuição da literatura de combate é enaltecida e defendida pelo cordelista em estudo, sua sintonia entre a história e a literatura, caminhos e tensões percorridos por ambas na construção dos saberes, e que revelam essa tão importante marca na poesia em questão, temos:

A literatura permite o acesso à sintonia fina ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Por que se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente, e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a Literatura que fornece os indícios para pensar como e por que que as pessoas agiam desta e daquela forma. (PESAYENTO, 2004, pp. 82-83)

A literatura permite que o texto ultrapasse seus fins principais, permitindo-o alcançar os objetivos importantes e profundos que vão desde questões sociológicas, filosóficas, políticas, psicológicas a dilemas humanos que contribuem na formação cultural de uma população. A literatura constitui, assim, um importante papel na formação de uma sociedade, contribuindo na sua construção historiográfica, sociológica e filosófica, e Medeiros Braga, sabendo da gigantesca e fundamental função da literatura na sociedade, através do cordel Um revolucionário chamado Jesus, apresenta rimas que descrevem, com precisão, os espaços físicos pelos quais Jesus passara e o real valor deles na construção poética:

Nazaré se situava
Em uma encosta de serra,
Era um entroncamento
De caminheiros da terra,
Paravam lá, pernoitavam,
Experiências trocavam,
Como o saber que descerra. (BRAGA, 2013, p.10)

Enquanto viveu Jesus
Em Nazaré com os seus
Foi muito bom pra família
E seus amados judeus
No saber, na economia,
Religião, na poesia
Repassada por hebreus. (BRAGA, 2013, p.14)

Nos trechos acima, observamos Jesus no espaço geográfico de Nazaré, o mesmo recebe uma breve descrição, situando o leitor com mais precisão no período em que a história de Cristo acontecia. Já nos próximos trechos visualizamos o regime político vigente e como isso é fator determinante nas posturas e ensinamentos de Cristo daí por diante para o desenvolvimento da poética:

A palestina da época
Sobretudo a Galileia,
Por sua organização,
Por sua gente plebeia,
Se tornou um território
Propício pelo acessório
De revolta e de ideia.
Nesse campo, as legiões
Romanas com seus soldados

infrentavam mais judeus
 Insolentes, revoltados,
 Peitavam nas ruas, lares,
 As revoltas populares
 Que viam de todos os lados.
 Havia na Palestina,
 Sob o domínio romano
 Um modelo de gestão
 De governo soberano,
 Um Estado eclesiástico
 Radical e teocrático
 Em conluio com tirano. (BRAGA, 2013, p.21)

O seu sistema político,
 Econômico e social
 Era antidemocrático,
 De poder imperial,
 Só este ditava as normas
 Usando opressoras formas
 Com poderoso arsenal.
 O seu órgão soberano
 Era o Sinédrio, formado
 Por sacerdote, o escriba,
 O ancião abastado,
 Presídio era, como porte,
 Por um Sumo-Sacerdote
 Com dever determinado.
 Em uma Assembleia de
 Setenta membros, então,
 Tudo ali se discutia,
 Sobretudo, a relação
 Com os gestores romanos
 Evitando todos danos
 Das desordens em ação.
 A população inteira
 O seu sistema odiava
 Já à época em que Jesus
 A revolução pregava
 Da mudança radical
 Do sistema desigual
 Na forma que tributava. (BRAGA, 2013, p.22)

Assim, a partir do sistema opressor exercido pelo Império Romano, Jesus Cristo representa uma forte ameaça, pois prega a igualdade social, a justiça e outros valores ético-cristãos que vão totalmente em confronto com a forma de governo vigente na Palestina. Jesus sobrevive e resiste as mais diversas adversidades para levar seus objetivos adiante, eis o forte motivo de Jesus ser tido como revolucionário, sintagma este que vem a constituir com bastante significado o título do cordel de Medeiros Braga.

Sobre resistir, nos esclarece Bosi:

Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir. A experiência dos artistas e o seu testemunho dizem, em geral, que a arte não é uma atividade que nasça da

força de vontade. Esta vem depois. A arte teria a ver primariamente com as potências do conhecimento: a intuição, a imaginação, a percepção e a memória. (BOSI, 2016, p. 118)

Por isso, não apenas encontramos esse ato de resistência neste cordel, mas em muitos outros escritos por Medeiros Braga, o que nos faz crer que em sua produção cordelística uma das principais características que o autor possui e transfere para o papel em suas rimas e métricas é uma forte influência da Literatura combatente e de resistência.

No cordel Guerra de Canudos, farsas e preconceitos, nos deparamos com a narrativa histórica do evento de Canudos em versos, que deixa claro em várias estrofes a crítica que o autor faz ao que se sucedeu com o revolucionário Antônio Conselheiro, assim como deixa também transparecer suas opiniões favoráveis a Canudos e sua importância histórica, social e humana para o povo.

Vou levantar o tapete
Da história e mostrar tudo,
Revirar arquivos, livros,
Esmiuçar seus estudos
Para com serenidade
Resgatar muita verdade
De Conselheiro e Canudos.
Nós dispomos duma história
De mentira e de omissão
Contestado, Independência,
Quilombos, Proclamação,
Mas, de todas evidente,
É Canudos, certamente,
De maior deturpação.
Foi Canudos assaltada
Depois de ser destruída,
Lhe roubaram a identidade,
Da memória tal medida,
Mas deixaram pela frente
Pistas o suficiente
Para ser reconstruída. (BRAGA, 2013, p.01)

Aqui, Medeiros Braga já demonstra do começo ao fim das estrofes sua indignação, revolta contra todo o sistema religioso, econômico e social vigente e que de forma direta contribui para o fim de Canudos, como vemos nesta estrofe:

Canudos foi destruída
Porque ela incomodou
Os senhores de engenho,
Todo grande agricultor,
A igreja e o Estado,
O industrial assustado,
Como sempre, explorador. (BRAGA, 2013, p.02)

Sobre essa participação religiosa na constituição do enredo da poética de Medeiros Braga, mas especificamente no cordel de Canudos, é fácil vermos o quanto a Igreja tem forte influência na formação da sociedade, e o poeta deixa isso claro em muitos versos. Como observamos abaixo:

A igreja, então, perdia
Os dízimos conselheiristas,
O Estado seus impostos
De aspectos consumistas,
Os coronéis opressores
Perdiam seus moradores
Que sequer deixavam pistas. (BRAGA, 2013, p. 03)

Negaram-lhe toda ajuda,
Deram o pior tratamento,
A imprensa como Judas
Deturpou seu juramento,
A justiça o injustiçou
A religião renegou
Todo seu ensinamento. (BRAGA, 2013, p. 07)

A imprensa criticou,
A igreja disse não,
O governo renegou,
A justiça - acusação,
O latifúndio aquiesceu
E o militar respondeu
Pela boca do canhão. (BRAGA, 2013, p.10)

Ademais, é sabido por todos que desde a colonização exercida pelos portugueses no Brasil, os padres jesuítas exerceram importantes papéis na formação histórica e cultural do povo brasileiro influenciando diretamente na formação de opiniões, costumes e atitudes na sociedade. Em Canudos não poderia ter sido diferente, a religião também contribuiu para a destruição do ideário de igualdade e de luta pelos menos favorecidos de Antônio Conselheiro.

Outrossim, a participação da igreja, em especial a religião católica e protestante em nosso país, é interessante verificarmos a esse respeito o ponto de vista de Alfredo Bosi em entrevista a Pedro Port, na qual ele aborda a questão da influência religiosa na formação social e humana e sua interferência na sociedade brasileira, e assim ele afirma:

Em primeiro lugar, a gente poderia dizer que a vocação do cristianismo, sua vocação inicial, era uma vocação fraterna dentro de uma sociedade de escravidão. Dentro de uma sociedade de castas como a sociedade antiga romana, a vocação do cristianismo foi realmente destruir estas barreiras. São Paulo diz claramente que depois do cristianismo não deve haver mais gentios, nem judeus, nem gregos, mas é o momento em que se instaura a humanidade em geral, se cria o conceito de humanidade. Então, embora a Igreja, especialmente a católica, não tenha sido fiel a isto e, durante séculos, ela se tenha enfeudado em vários sistemas de divisão de homens, eu acredito que o

princípio fundamental da fraternidade e da igualdade tenha continuado a evoluir através dos séculos e realmente se tenha realizado, a despeito da instituição da Igreja, muitas vezes, em outras formas. Por isso mesmo que o princípio democrático e o princípio socialista sejam herdeiros de uma grande tradição da fraternidade cristã, só que são herdeiros leigos, já sem o conteúdo confessional. Então eu acho fundamental, em primeiro lugar, isso: o cristianismo ter colaborado na história da humanidade para formar um ideal de fraternidade. Hegel dizia isso também. Ele achava que o cristianismo era o momento do filho. Há o momento do pai, em que há autoridade, e há o momento do filho que, aliás, deve morrer sacrificado; este é o momento em que se instaura a fraternidade entre os homens. Esse momento é Ele, não foi superado ainda e não foi realizado inteiramente. Então isso, falando de uma maneira geral, como cristianismo em qualquer momento da história, ele tem o germe da igualdade e da fraternidade. Mas, em relação à Igreja Católica, que eu conheço um pouco mais de perto, sofreu umas, transformação muito profunda a partir do Concílio e as razões são muito variadas. Há pessoas que acham que existe um projeto meio político na Igreja, que ela muda para sobreviver. É uma forma de pensar muito simplória, porque ela podia não mudar para sobreviver, também porque há outras maneiras de sobreviver agarrando-se ao poder. Então teria sido um golpe de inteligência da Igreja, de astúcia da velha instituição, que para sobreviver procura de alguma maneira adequar-se aos novos tempos. Isso eu acho uma forma simplória de ver as coisas, porque ela não ficou com o poder nessa mudança e é problemático que fique. Realmente, parece-me que ela deu alguns exemplos, principalmente nos últimos anos, de oposição. A origem dessa oposição deve ser colocada em número cada vez mais alto de padres, bispos e religiosos do Terceiro Mundo. Acho que, no momento do Concílio Ecumênico, a Igreja teve que receber todo um clero que vinha da África, Ásia, América Latina e do Terceiro Mundo, do mundo colonizado, do mundo explorado. Então este contingente acabou modificando a mentalidade central, a mentalidade romana, que é sempre mais fechada e mais ligada à Europa. Quando eu leio as Atas do Concílio, as discussões, esta modificação violenta que ela sofreu nos últimos quinze anos, eu atribuo esta modificação a uma pressão dos crentes do Terceiro Mundo. Isso foi o primeiro passo para a transformação. A Igreja aceita abertamente, agora, a socialização. Como é possível isto, dentro de uma Igreja hierárquica, uma Igreja retrógrada como era, e como acredito que tenha sido sempre basicamente a Igreja na Europa? Isso vem a ser uma pressão do mundo colonizado ou do mundo que está em processo de descolonização. Os quadros operários são outro tanto. Então, eu acho que esta semente vai germinar e que, à medida que o projeto dos cristãos for realizar a igualdade, realizar a socialização, realizar a democracia, mas não dirigir o processo e não querer o poder para si, mesmo esse poder do novo Estado, então a evolução será positiva e aberta. No momento que a gente sentir que a Igreja ou as instituições religiosas querem dirigir o processo ou querem assumir este processo como seu, então a gente pode começar a desconfiar da pureza realmente disso. Se o movimento for de servir, de criar comunidade de base, de ampliar as fronteiras da democracia, neste caso, eu acho muito respeitável este movimento, tanto pelas pessoas que estão dentro, quanto as que estão fora. Agora, se você quiser realmente saber o que eu penso da história da Igreja, acho que a Igreja como instituição vai se realizar desaparecendo dialeticamente. O que há de positivo na religião católica, vai se incorporar totalmente ao pensamento universal, de tal sorte que, não será mais necessária instituição, como acontece com o Protestantismo. Segundo alguns, o Protestantismo teve uma função histórica fundamental, do livre exame. Criando a uma certa altura de história da humanidade o livro exame, o protestantismo realmente instituiu uma relação direta do homem com a Bíblia, do homem com o texto considerado sagrado e destruiu a hierarquia eclesiástica. No caso, a hierarquia eclesiástica católica foi destruída pelo protestantismo. Na medida em que o protestantismo realizou isto, ele tem a sua missão histórica que é missão história da liberdade de pensamento e *que*

realmente ele realizou. Quando o protestantismo se enrijeceu, transformou-se novamente, como acontece frequentemente nas confissões protestantes, em pequenos grupos rígidos, aí então, ele perverteu esta missão. Acredito que na Igreja seja a mesma coisa. Ela tem uma função e esta é realmente a de manter vivos alguns princípios cristãos. Se ela fizer isto, ela pode desaparecer como instituição. (PORT, 1981, p. 128)

Logo, percebemos que em sua resposta, Alfredo Bosi deixa claro ao leitor que, para a Igreja cumprir com seu papel desejado, para que ela exista, é realmente necessário que ela mantenha vivos e latentes os preceitos cristãos, pois caso se torne dialética e verdadeiramente humanizada, a sua tendência é o desaparecimento como instituição.

Outro fato importante a ser pontuado e apresentado por Medeiros Braga neste cordel é a apresentação da Igreja como instrumento de exploração do povo e o poder de omissão diante de situações nas quais ela, por pregar a igualdade e justiça em seus dogmas deveria sim mediar conflitos e salvar os inocentes.

É bem interessante como essa abordagem do poeta é vista de tempos em tempos e registrada em toda a história, não apenas com o que ocorreu em Canudos. Por exemplo, o que ocorreu com Dom Hélder Câmara, que, por seguir preceitos marxistas em sua história, como “o homem deve ser livre para escolher a tarefa que desejar e sentir nela mais prazer”, preceitos socialistas mais humanitários, sofrera perseguição política e da própria instituição pela qual decidira seguir acreditando nela como o melhor meio de levar aos homens um caminho mais justo e com preceitos éticos e morais mais humanos, a Igreja.

Vejamos os versos de Medeiros Braga que apresentam Dom Hélder e sua história como sacerdote:

Aos catorze anos de idade
Ingressa no seminário,
Lê livros religiosos,
Filosóficos, literários,
Sociológicos, políticos
Entre outros necessários. (BRAGA, 2013, p.03)

Tinha dom Hélder um ditador
Popular, mas genial,
Referindo a uma falha
No seu contexto global:
“Se um botão erra de casa
Seu desencontro é total.”
Ordenado sacerdote
Com os seus vinte e dois anos
Condenava em exaustão
Os latifúndios insanos
E defendia em sermão

Já os direitos humanos.
 Ainda no mesmo ano
 De trinta e um, pôs malho
 Em ação, com dois amigos,
 Para tecer o agasalho
 Ao fundar a Legião
 Cearense do Trabalho. (BRAGA, 2013, p.04)

Desde o início, em tenra idade, Dom Hélder apresenta características de um verdadeiro contestador das desigualdades sociais e fiel defensor das classes menos favorecidas, logo sua forma de agir e pensar através do tempo e com amadurecimento o levam a fundar uma instituição que combatia diretamente a corrida armamentista, a força bruta, a extorsão, o modo de vida capitalista e a agressão à natureza. Como se é de esperar, tal preceito em busca por uma “igualdade” social através da reforma agrária começa a gerar grandes problemas para a instituição que mais uma vez seria, para Dom Hélder, a porta de entrada e cumpridora fiel do cristianismo, a Igreja. Medeiros Braga coloca em belos versos esse momento de profunda dificuldade e negação de apoio da Igreja para com a luta de dom Hélder, que segue solidário e solitário:

Com um clima conturbado
 Dom Hélder, com seu cacife,
 Assumiu a arquidiocese
 Lá de Olinda e Recife
 Já encontrando um conflito
 Padre, governo e xerife.
 Chegou na área atingida
 Pelo golpe militar,
 Onde presos torturados
 Por vezes morriam lá
 Mesmo sendo encontrados
 Mortos em outro lugar. (BRAGA, 2013, p.05)

Ainda em sessenta e quatro
 Em Recife, solidário,
 Desperta o rancor e a ira
 Do poder autoritário,
 Ao dar apoio e lançar
 Um manifesto operário.
 A reação militar
 É chocante e imediata
 Taxado de comunista
 Com biografia nefasta,
 Dão a ele mais um título:
 O de “persona não grata”.
 Militares acusavam-no
 De ser mais um marxista,
 Um Arcebispo Vermelho,
 Um atento comunista
 Que fazia para o pobre
 O papel de alienista.
 Daí então procuravam
 Fechar o cerco na ação,
 Censurados eram todos

Meios de comunicação
 Que lhe dessem tal espaço
 Para falar à nação. (BRAGA, 2013, p.06)

Não podendo, assim, expor
 Sua indignação
 Esteve denunciando
 Lá na França e repressão,
 A falta de liberdade,
 Os maus tratos da prisão.
 Discorrendo lá da prática
 Do instituto dos “atos”,
 Da censura com rigor,
 Da tortura e assassinatos
 Dom Hélder depois viria
 A sofrer vis desacatos.
 Nas denúncias pela França
 O pastor bem detalhara
 A prisão e a tortura
 Dos capuchinhos, de cara,
 Onde o Frei Tito, mais tarde,
 A própria vida encerrara.
 Com isso, aqui no Brasil
 O regime militar
 Proibia que seu nome
 Viesse alguém publicar,
 Até mesmo o Vaticano
 Restringiu o seu lugar. BRAGA, 2013, p.07)

Evidencia-se através dos versos que todas as adversidades pelas quais Dom Hélder Câmara enfrentou por seguir com o preceito maior do cristianismo, filosofia apreendida pela Igreja, que é dar amor ao próximo como a si. Mas mesmo diante de um regime militar opressor, torturador e ameaçado por mortes mal explicadas, Dom Hélder não é silenciado da forma desejada. Seu trabalho e seu manifesto, assim como o seu nome ecoam no mundo.

3.1.1 Medeiros Braga e a Reforma Agrária

Consta-se que Medeiros Braga tem uma característica pessoal bastante forte que influencia, de forma direta, suas produções. Desde os tempos acadêmicos, ele sempre foi um grande defensor das classes minoritárias e um grande combatente das desigualdades sociais, que buscava pelas políticas públicas as melhorias e a tão sonhada igualdade entre as classes econômicas.

O poeta dedica, portanto, algumas de suas produções para essas causas. E, em um de seus cordéis, intitulado O Cordel na Reforma Agrária, ele nos contempla com o seguinte pensamento:

Fazer a reforma agrária

É por um ponto nos is,
 É tomar uma decisão
 Que o povo sempre quis
 E sempre achou necessária
 Aos problemas do país.
 Falar em reforma agrária
 Jamais se deve esquecer
 As prisões, torturas, mortes
 Que puderam acontecer
 Aos que tinham a ousadia
 De dar um não ao poder. (BRAGA, 2013, p. 2)

Observa-se como a Literatura tem sido instrumento fundamental para a disseminação de lutas e buscas constantes de direitos que o homem precisa e deve ter atendidos. Para Medeiros Braga, assim como para outros poetas nordestinos como Patativa do Assaré, a questão da Terra é bastante pertinente, principalmente, para os homens sertanejos. Portanto, sua terra diz muito sobre cada um.

Buscar por essa terra e fazer ela próspera é desejo de muitas pessoas, principalmente de uma minoria que é dizimada, dia a dia, em tempos atuais, contra um sistema de ganância e dinheiro fortalecido por grandes empresas. E isso nos vem sendo apresentado rotineiramente, em pleno século XXI, a luta entre indígenas e garimpeiros em áreas demarcadas aos povos indígenas em pleno Brasil.

Sobre essas transformações na família e nas relações de trabalho vivenciadas, atualmente, esclarece o professor e pesquisador Lauro Mattei:

Especificamente em relação ao trabalho rural, é perfeitamente visível a subordinação dos agricultores à dinâmica global do capital, uma vez que as agroindústrias passam a deter um maior controle sobre as ações dos agricultores, abrindo a perspectivas para que estes se transformem em empregados em domicílio, porém sem qualquer vínculo empregatício formal. Além disso, outras transformações em curso promovem também uma expansão da flexibilização e da informalização do trabalho agrícola, fato que pode ser observado no aumento do número de agricultores com emprego fora das propriedades, bem como na combinação de diferentes atividades dentro da própria propriedade, atividades estas que nem sempre estão diretamente relacionadas à produção agrícola. (MATTEI, 2016, p. 234)

Além disso, consciente e ciente da situação agrária apresentada no Brasil, desde tempos remotos, Medeiros Braga também expõe em sua poesia as lutas históricas deflagradas, como as que ocorreram no Caldeirão, cuja o modo de vida harmônico e igualitário no qual todos viviam na comunidade do sertão cearense despertara o incômodo por não se ter aquela mão de obra barata e quase escravizada nas grandes lavouras e fazendas da região. Daí o início do fim de uma proposta que prezava por justiça social.

Em seu cordel sobre o Caldeirão Medeiros Braga inicia seus versos da seguinte forma:

Abro as cortinas do verso
 Para um feito de bravura
 Uma lição de heroísmo,
 De organização à altura,
 Que fez tremer das elites
 A carcomida estrutura.
 Mas, também, faço questão,
 Nessa temática incrível,
 De mostrar para o leitor,
 Esperançoso e sensível,
 Que do exemplo deixado
 Um mundo justo é possível. (BRAGA, 2013, p. 1)

Sabe-se que o movimento do Caldeirão ocorrera no Crato, em 1926, sobre a liderança de José Lourenço, beato com senso de justiça que buscava pelo ideal de uma comunidade em que todos viveriam harmonicamente e tirariam da terra o sustento para todos.

O projeto cresceu, ganhou o apoio de figuras importantes na época, como Padre Cícero, ao mesmo tempo também em que chamava a atenção de fazendeiros da região que perdiam com isso o acesso a mão de obra barata.

Assim, desse ponto para o final trágico e violento entre os integrantes da comunidade do Caldeirão e a Polícia Militar, foram apenas questão de dias. O massacre a essa comunidade é falado até os dias atuais como o mais sangrento e desumano ocorrido no sertão cearense.

Desse modo, finalizando o seu cordel sobre o **Caldeirão**, Medeiros Braga deixa a sua crítica clara e objetiva sobre o assunto:

Não apenas escreveram
 Pelo esboço da história,
 Deixaram margens de que.
 Na lida contraditória,
 É possível com justiça
 Alcançar a paz, a glória.
 Um esboço, eis importante
 Não saber, para pesquisa,
 Uma história verdadeira,
 Com informação precisa
 Para se propor ao mundo
 Um projeto, com baliza.
 Não podemos ficar só
 Contemplando o heroísmo
 Dos que tomaram lutando
 Com o seu grande idealismo,
 Temos sim que prosseguir
 Pra romper o ceticismo
 Espero que o cordel,
 Instrumento de saber,

Ponha o povo pra pensar,
 Refletir, compreender
 A luta da humanidade,
 Para com ela vencer. (BRAGA, 2013, p.31)

Portanto, é com estes versos que Medeiros Braga evidencia o quanto a questão fundiária em nosso país merece a devida atenção e cuidado. Pois desde o mais remoto período da escravidão no Brasil, esse processo iniciado erroneamente perdura em tempos atuais. Como pontua Rosaly Rocha e José Pedro Cabral:

O monopólio da terra no Brasil tem suas origens ainda no século XVI, com as Capitanias Hereditárias, que foram doadas pelo Rei Dom João III a nobres de sua confiança. Estas capitanias dividiram o Brasil em 15 (quinze) extensões de terra que se tornaram propriedades de fidalgos portugueses. A estrutura fundiária brasileira de grande propriedade formou-se a partir daí. Os grandes latifúndios escravistas são resultado desta distribuição desigual de terra iniciada com a colonização brasileira, esses latifúndios permanecem até os dias atuais, com configurações diferentes. O campo brasileiro é resultado deste processo histórico que culminou em um campo desigual. Mais de cinco séculos após a colonização do Brasil, embora os discursos sejam voltados para a diminuição das desigualdades, elas permanecem e são preponderantes. Os latifúndios predominam no país e os camponeses que conseguem permanecer no campo vivem em situações difíceis, pois os investimentos do Estado para os pequenos agricultores são ínfimos diante das necessidades que eles apresentam. (ROCHA; CABRAL, 2016, p. 76)

No Cordel As Ligas Camponesas, Medeiros Braga é realista ao descrever em versos sobre o Movimento que surge em Sapê, no final de 1950, com o intuito de organizar os trabalhadores rurais da região para juntos combaterem a exploração exercida sobre eles pelos grandes proprietários de terras.

Inicialmente, as Ligas propunham algo bem acolhedor e fraterno para com os camponeses, com fins de educá-los e garantir seus direitos e proporcionar um cuidado com sua saúde. Mas o movimento com o passar do tempo foi se consolidando e se caracterizando como a Associação dos Lavradores Agrícolas de Sapé, movimento de resistência dos camponeses e trabalhadores rurais contra o fim da opressão dos latifundiários, como verificamos nos versos abaixo:

No Estado da Paraíba
 Em uma ação exemplar
 Lideranças massacradas,
 Tentando se organizar,
 Com a saga de guerreiros,
 Reuniram os companheiros
 E começaram a pensar.
 Discutiram os problemas
 De toda classe operária,
 Da cidade e dos campos
 Em uma ação solidária,
 Levaram pra discussão,
 Principalmente, a questão

Vital da reforma agrária
(BRAGA, 2015, p.17)

Foi João Pedro Teixeira, nascido na cidade de Guarabira, estado da Paraíba foi quem fundou a Associação em 1918, ele era operário e camponês. E por ter criado essa organização a favor dos mais pobres é que foi brutalmente assassinado em 02 de março de 1962, na estrada do Café, em Vento do Sapê na Paraíba. Nos versos do Cordel, Medeiros Braga descreve a sua importância para o movimento:

O cordel passa a narrar
Sobre João Pedro Teixeira,
O maior de todos os líderes,
Que já deu nessa ribeira,
Com seu lábaro hasteado,
Era foi predestinado
A morrer pela bandeira
Nasceu João Pedro Teixeira
No dia quatro de março
Ano mil e novecentos
E dezoito, sem embaraço,
Era seu progenitor
Um pequeno produtor
Que enfrentava o percalço.
(BRAGA, 2015, p. 24)

É fato comprovado que o trabalho do camponês jamais foi regido por qualquer regime trabalhista humanista. Pelo contrário, ele estaria o mais próximo possível do regime escravista que aqui vigorou em tempos passados. E essa crítica também é registrada no cordel de Medeiros Braga, deixando claramente registrado o modo de trabalho desses homens no sertão da Paraíba:

É o mínimo...e os mal tratos
Recebidos do patrão?...
Os gritos dos seus feitores,
Do jagunço e capitão...
O medo, a fome, o cansaço
A aflição do fracasso,
A eterna humilhação.
(BRAGA, 2015, p. 13)

Por isso, Medeiros Braga, poeta dedicado ao trabalho educativo de um povo tem o propósito maior em seus textos a busca e luta pelo fim da desigualdade social, principalmente, quando se trata da Terra, precioso lugar de existência e subsistência de muitos sertanejos do Nordeste. E como profundo conhecedor “in loco” dos problemas agrários enfrentados, ele afirma: “A poesia precisa ser o arauto da liberdade; o brado ardente contra os usurpadores dos direitos do povo”. O artista dedica-se a um trabalho educativo e de conscientização política através da poesia de cordel para o povo. ”

Assim, nessa sua escrita combatente ele leva ao leitor informações preciosas sobre luta de classes, direitos e deveres do trabalhador e cidadania. Temas importantes para a construção do pensar e do agir do homem. Nos cordéis apresentados até aqui está claro o quanto de luta e consciência política se tem atrás de cada verso.

3.2 Os Mártires e a Literatura

Segundo o dicionário de língua portuguesa, por mártir, compreendemos ser a pessoa que se submete a torturas, a sacrifícios e até à morte, por um ideal ou por uma crença. Medeiros Braga é um exímio cordelista, que tem em sua cordelística muitos cordéis escritos sobre os feitos dos mártires da nossa história mundial.

Em grande parte de sua produção poética, encontramos cordéis em homenagens aos feitos de Che Guevara, Martin Luther King, Zumbi dos Palmares, Tiradentes, Nelson Mandela, Jesus Cristo, João Pedro Teixeira, dentre outras importantes personalidades que contribuíram com seus atos e feitos para a formação de um mundo mais justo, menos desigual e mais humano.

Logo, iniciaremos nossa análise a partir de dois cordéis escritos por Medeiros Braga acerca de duas importantes personalidades históricas mundiais: Martin Luther King e Zumbi dos Palmares. Para compreendermos melhor a importância desses dois mártires para a história da humanidade, vejamos quais contribuições eles realizaram.

Martin Luther King é um importante ativista negro nos anos de 1950 a 1960, especificamente, um atuante nos Estados Unidos que buscava por igualdade de direitos entre negros e brancos. Dotado de um discurso bastante próximo à comunidade negra e sensibilizador, Martin Luther King utilizava-o para falar o quão importante se fazia o fim da segregação social.

O caso em que Martin Luther King ganhou notoriedade foi o de Rosa Parks, que, ao adentrar em um coletivo e se sentar, em pouco tempo, foi obrigada pelo motorista da condução a ceder o seu assento para um homem branco, porém, ela não acata a ordem e é presa. Ao saber do ocorrido, Martin Luther King inicia a organização de vários protestos em defesa de Rosa Parks, os quais começam a tomar conta de todo o país. Esse fato foi decisivo para o apartheid americano.

Sobre os inúmeros protestos e manifestações em que Martin Luther King participou, o mais importante foi o que ocorreu em 28 de agosto de 1963, em Washington onde cerca de 250.000 pessoas se fizeram presentes, realizando, assim, a maior manifestação em prol de direitos iguais entre brancos e negros.

Durante todo o protesto, as pessoas participantes gritavam “I have a dream”, que, ao traduzirmos para o nosso idioma, significa “Eu tenho um sonho.” Esta frase inicia o mais famoso discurso de Martin Luther King em prol da igualdade racial. Como verificamos no trecho abaixo:

Eu tenho um sonho que um dia essa nação levantar-se-á e viverá o verdadeiro significado da sua crença: “Consideramos essas verdades como auto evidentes que todos os homens são criados iguais. ” Eu tenho um sonho que um dia, nas montanhas rubras da Geórgia, os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes de donos de escravos poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade. (KING, 1963, p. 1)

Após essa manifestação, o nome de Martin Luther King passou a ser conhecido mundialmente e, no ano seguinte, ele recebe o prêmio Nobel da Paz em reconhecimento a toda sua luta em busca da igualdade racial entre os povos. Nesse mesmo ano, Martin Luther King produz seu primeiro livro “Why we can’t wait. ”

Infelizmente, em 4 de abril de 1968, o mártir Martin Luther King é brutalmente assassinado em Memphis, no Estado do Tennessee, local este fortemente ocupado por brancos e veemente contra o apartheid. Ele foi morto a tiros na sacada do hotel em que estava hospedado por James Eral Ray. O assassino declarou abertamente que o que o motivou a fazer isso com Luther King foi o seu ódio avassalador aos negros.

Com isso, encerra-se, de forma abrupta, a vida de um homem que buscou apenas pelo direito igualitário de existência, independentemente da cor que cada um possuísse. Por isso, sua qualificação como mártir do apartheid americano, por Medeiros Braga, no cordel que ele produz em sua homenagem, enaltecendo sua bela trajetória e contribuição com a história mundial.

A respeito do referido cordel sobre essa personalidade tão notória, vejamos os trechos em que, como exímio crítico social, mencionado já em outros capítulos, Medeiros Braga aproveita de toda a sua rima e versos para esclarecer a todos a importância de Martin Luther King na busca por igualdade racial, tão fundamental de tempos em tempos:

Noções de cidadania,
 Exemplos de nação livre,
 De maior democracia,
 Sempre em Estados Unidos
 Procuram nos seus idos
 Passar tal hipocrisia.
 Atraídos pela mídia
 Desse país de “primores”
 Muitos líderes perseguidos
 Por governos opressores
 Da velha Europa sem ética,
 Vieram para a América
 Fugindo dos seus horrores. (BRAGA, 2008, p.01)

Desse modo, Medeiros Braga também não deixa de mencionar nesse cordel como os Estados Unidos é país opressor com povos pertencentes à sua nação e também com outros povos de outros países que não comungam da filosofia e do sistema capitalista americano, também realiza críticas fortes aos atuais governos e líderes, levando, através do cordel, discussões valiosas e esclarecedoras às classes populares do nosso país.

A história americana
 Da liberdade em razão,
 É no papa mundial
 Uma mancha onde o borrão
 Não conseguiu apagar
 Por vir ela a se formar
 Do sangue da escravidão. (BRAGA, 2008, p.02)

(...)
 Mas, digo Estados Unidos
 Por serem, com intensidade,
 A nação vendida como
 A terra da liberdade....
 Se olharmos na história
 Veremos ao invés de glória
 Muito horror, barbaridade.
 Veremos o interior
 Com seu índio dizimado,
 Do seu exterior o africano
 Pela corrente arrastado,
 E se mais recente, então,
 Eis o Afeganistão
 Tão cruel bombardeado. (BRAGA, 2008, p.02)

Outrossim, por apresentar uma literatura de resistência em seus cordéis, Medeiros Braga não deixa de mencionar em seus versos a crítica racial, ou seja, ele também aborda a questão do preconceito racial em boa parte dos seus cordéis. Por levar aos leitores uma literatura popular com preceitos e valores sociais, cumprindo o seu objetivo junto às minorias, Braga não é omissos diante desse aspecto tão importante e que, até os dias atuais, precisa ser esclarecido e aprendido por tantos na nossa sociedade.

Segundo Clóvis Moura (2003), o status de negro nessa literatura é sistematicamente inferior ao do branco. É evidente, em boa parte dos cordéis, esse tipo de estereótipo vinculado ao negro, como serviçais, escravos, aqueles sem estudo e, principalmente, as mulheres negras, que, em sua maioria, são vinculadas à objetificação sexual de seus senhores.

Ao analisar, especificamente, o cordel que Medeiros Braga se debruça a falar sobre o mártir que representa a maior luta contra a escravidão no Brasil, “Quilombo dos Palmares”, o autor deixa claro em sua escrita a barbárie sofrida durante a captura de escravos pelos europeus em terras africanas, a fim de serem enviados ao nosso país.

E o escravocrata foi lá?
 Em carne e osso, em pessoa,
 Percorreu todo o habitat
 Do congo e Serra Leoa
 Com a mais cruel covardia
 De prender quem ali vivia,
 Na mata caçando à toa.
 E uma legião de bravos
 De homens livres, então,
 Foi transformada em escravos
 E arrancada ao torrão
 Para enfrentar a dureza
 Da escravidão, e a torpeza
 Dos nobres desta nação. (BRAGA, 2008, p. 4)

Aqui, temos a descrição em versos da forma pela qual os negros têm suas vidas transformadas pelas mãos dos homens brancos, os quais, fazendo uso da força e das armas, trazem à tona a ideia de inferiorização do negro a seu serviço.

Sobre a escravidão e sua existência e consequências no Brasil, complementa Medeiros Braga nessas estrofes:

Porém, foi dito, um escravo
 Quem o faz não é a corrente,
 Nem a força que o faz alvo
 Algum, mercado crescente,
 Mas, só a renúncia ao feito
 Da luta pelo direito
 De viver dignamente.
 Não foi isso que se viu
 Por séculos de escravidão
 Por todo imenso Brasil
 Sempre havia insurreição
 Na própria noite, sem fala,
 O silêncio da senzala
 Era a voz da libertação. (BRAGA, 2008, p. 6)

É importante sabermos que, em boa parte da produção escrita da literatura de cordel hoje encontrada, não observamos em suas temáticas e versos nada que apoie ou faça alusões positivas aos que escravizaram os negros. Pelo contrário, deparamo-nos com uma poética imersa na luta em prol do combate aos mais diversos tipos de preconceitos contra raça, credo, sexualidade. Enfim, a literatura de cordel tem sido um importante veículo de informação social aos menos favorecidos e ao mundo, levando a todos experiências e falas que reverberam o que a sociedade faz e é.

Para Moura (2003), isso talvez se dê por uma série de razões, uma delas poderia ser a pequena influência da economia escravista nas áreas onde está difundida a literatura de cordel (pelo menos nas áreas dos materiais estudados), fato que levaria a que não se tivesse criado, dentro da estratificação da sociedade sertaneja, bolsões competitivos relevantes, que, pela sua forma aguda ou crônica de luta de classes pelo mercado de trabalho, estimulasse ou permitisse formar-se um preconceito marcante contra o ex-escravo.

Ele ainda continua esclarecendo uma outra possível razão quando afirma:

Outra razão é que, possivelmente, perdeu-se aquilo que poderia ter sido uma literatura de cordel que satirizasse os escravos, quando ele ainda a era. Daí porque é no folclore que iremos encontrar, na tradição oral, reminiscências do negro na condição de escravo como objeto de sátira ou inferiorização. (MOURA, 2003, p. 35)

É interessante como os resíduos da escravidão são trabalhados na cordelística de Medeiros Braga, de forma crítica e combatente, mas capaz de informar e levar ao público a mentalidade daquele povo sofrido e sem voz. E sua poesia é capaz de fazer esse povo existir da forma que desejam, com luta e direitos iguais.

Como nos esclarece Clóvis Moura:

Na sociedade capitalista, somente quando o negro adquire consciência de classe e conclui pela impossibilidade de diluir o preconceito sem extinguir esse tipo de sociedade pode adquirir um horizonte projetivo autoconsciente e vê a ligação que há, entre a sua situação racial e o problema social – nos últimos extratos sócio econômicos e sente que o problema de cor está ligado, em um País de passado escravista recente, ao problema de classe, pois assimilar uma ideologia desalienadora, capaz de orientá-lo na solução do seu problema que se confunde e identifica com o das camadas mais proletarianizadas da sociedade brasileira atual. (MOURA, 2003, p.38)

Logo, é sobre esse fazer literário diferente que os cordéis de Medeiros Braga merecem destaque, por ele imprimir um “*modus operandi*” em sua poesia, capaz de formar opiniões que contribuem com uma luta perene pelo fim da desigualdade social

em nosso país. Assim também podemos visualizar nos textos de Roberto Pontes, o qual nos evidencia o quanto há de influências literárias em produções escritas dos mais diversos gêneros e escritores, e aqui ressaltamos o quanto Medeiros Braga extravasa em suas poesias essas influências.

Portanto, cada poesia tem uma voz e uma vontade de existir próprias e vivas, influenciadas por resíduos culturais, simbólicos, medievais, literários e muitos outros que a tornam únicas e essenciais no universo do homem.

A fim de acrescentar e trazer um pouco dessa realidade à tona, observamos que no cordel *Zumbi dos Palmares*, percebemos, em algumas estrofes, a mentalidade crítica do autor sobre a luta pela liberdade, que precisa ser contínua, ultrapassando as barreiras do tempo e lugares.

Os sonhos de liberdade
 Não morrem com a matéria,
 Elas têm a intensidade
 De manter a ideia etérea.
 Eles vão sempre existir
 Enquanto não se abolir
 Toda crescente miséria
 E uma voz de líder bravo
 Fez-se corrente nos lares
 Onde estimulava o escravo
 A procurar novos ares
 Era a expressão do porvir...
 Foi ele o grande Zumbi
 Do Quilombo dos Palmares. (ZUMBI DOS PAMARES, p.10)

Então, mais uma vez, a poesia e a crítica social que caminham lado a lado aos propósitos de Medeiros Braga, são importantes meios informativos que em simples folhetos levam ao povo cultura, conhecimento e arte, tão fundamentais de tempos em tempos e às mais diversas classes sociais, principalmente aos que só conhecem seus direitos através dessa literatura.

Por isso, nosso objetivo neste capítulo é contemplado quando verificamos que por meio da história e das mentalidades construídas pelos mártires citados aqui no mundo, o poeta consegue contribuir para além do conhecimento sobre tais figuras emblemáticas, como também, ele condensa no momento presente a luta enfrentada por eles e que necessita ser revisitada e lembrada nos dias atuais para que direitos conquistados não findem. Pois, nenhum direito de igualdade entre as raças existe, como por exemplo, sem luta constante.

4 O CORDEL DE MEDEIROS BRAGA E A SALA DE AULA

No contexto didático, o cordel tem sido utilizado como ferramenta pedagógica para ensinar diversos assuntos de forma lúdica e acessível. Ele pode ser explorado em diferentes disciplinas, como língua portuguesa, literatura, história e geografia.

A utilização do cordel no ensino permite uma abordagem mais dinâmica e criativa, despertando o interesse dos alunos e facilitando a compreensão dos conteúdos. Além disso, o cordel estimula o desenvolvimento da oralidade, da escrita, da interpretação de textos e do senso crítico dos alunos. O cordel de Medeiros Braga que é composto de história de vida, associado a temas sociais e históricos contribui de modo expressivo para um novo ensino fundamental dinâmico.

Medeiros Braga, conforme seus relatos, teve uma história de vida rica convivência nos campos, nos sertões da Paraíba e do Ceará. No cotidiano do interior nordestino proporcionou-lhe a vivenciar situações que contribuíram diretamente na inspiração para a construção de seus versos. Em virtude da dificuldade em frequentar a escola, por falta de meio de transporte que o levasse, a experiência de vida contribuiu de forma direta para sua inspiração no contexto literário. Um fator decisivo que despertou o estro poético de Medeiros Braga se deu através dos livros que sua irmã Uilna, que residia em Fortaleza, os enviava, despertando o interesse pela leitura do mundo e literária. Seus primeiros autores lidos foram José de Alencar, Machado de Assis e Castro Alves.

Para Medeiros Braga, sua poesia tem o objetivo de sensibilizar seus leitores, aproximando-os de uma realidade sertaneja vivenciada por muitos, e a sua forma de escrita objetiva, com vocabulário acessível e tem como intuito maior levar a informação ao povo conscientizando-o socialmente, politicamente e economicamente.

Com o objetivo de cumprir o propósito da divulgação da realidade de seu mundo regionalista, o poeta fez uso de sua escrita para sensibilizar as mais diversas esferas sociais. Medeiros Braga, através da literatura popular, constrói conhecimentos significativos para a humanidade, principalmente quando os livros literários são de difícil acesso de alto poder aquisitivo. Por sua vez o cordel vem como a fonte do

conhecimento acessível a todas as camadas sociais, recheados de cultura, história e a realidade vivida pelos leitores. As poesias de cordel costumemente abordam fatos históricos ou denúncias sociais relacionados à história geral ou do Brasil, mas sempre voltada para o contexto da região Nordeste.

Na capital paraibana e regiões interioranas e periféricas nordestinas, é bastante comum os cordéis serem utilizados muitas vezes como o único recurso didático para a aprendizagem dos estudantes da educação básica e pública da região. E investido dessa missão de produzir instrumentos didático-pedagógicos facilitadores do conhecimento, que Medeiros promove a escrita de seus cordéis com temáticas que versam sobre as mais diversas disciplinas e assuntos que compõem o currículo escolar.

Também é sobre essa utilização do cordel como instrumento didático capaz de abranger grandes obras da nossa literatura, propiciando aos estudantes um contato com grandes narrativas históricas e marcantes que viajam no tempo, como também temáticas do cotidiano e da nossa literatura regional transformando os cordéis em verdadeiros patrimônios culturais. Medeiros Braga leva o leitor a grandes reflexões culturais, linguísticas, sociais, políticas e filosóficas. O cordel é literatura que transforma o mundo, como nos acrescenta Coutinho:

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da realidade de onde proveio (COUTINHO, 1978 pp. 9-10)

Antes da literatura de cordel estar presente da forma escrita, os cantadores levavam a literatura oral aos quatro cantos do país, expressando temáticas sociais, amorosas, políticas e outras que estimulavam o leitor a descobrir um pouco mais sobre aquele mundo. Logo, a importante característica do folheto de cordel como instrumento didático alfabetizador não apenas na sala de aula, ganhava popularidade nas mais diversas camadas sociais. Sobre isso nos afirma Pinheiro:

Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como Literatura e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. Ele pede voz. A sala de aula nos parece bastante adequada para a vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral. (PINHEIRO, 2007, p. 39)

Hoje, é através dessas produções literárias em cordel que importantes informações são repassadas aos estudantes especificamente em sala de aula, como por exemplo: a fórmula de Bhaskara e da equação do segundo grau, ou sobre biomas e

ecologia, assim como eventos históricos e geográficos, adaptações de grandes obras literárias. Esse contexto literário favorece de forma ativa e direta a formação acadêmica dos alunos da educação básica.

Desse modo, é nos cordéis mencionados anteriormente, como o de Mather Luther King e Zumbi dos Palmares que a forma pela qual Medeiros Braga constrói seus versos, objetiva e concisa ao mesmo tempo que suave melódica, que reflete em essência o que o gênero poesia propicia aos leitores. Certamente, qualquer pessoa alfabetizada ou não, ao ouvir a história sobre essas personalidades ou universos literários constantes nos clássicos da literatura, tem total compreensão sobre a vida e as marcas importantes que eles deixaram na formação da cultura de um povo. Esse, portanto, é o propósito maior de Medeiros Braga, como afirma Severino Tomaz (2014): “[...] são feitos para ensinar, para não deixar que fatos importantes da história sejam esquecidos [...]”

Ao analisarmos o cordel de Medeiros Braga, O menino que consertou o mundo, escrito a partir de um conto italiano, Medeiros Braga não nos traz apenas um texto literário, mas excelentes reflexões sociais que transcendem tempos e gerações, necessárias as formações sociais e políticas humanas:

Com o êxodo rural
 Reduziu-se a produção,
 Com sua oferta menor
 Aumentou a inflação,
 E com ela, muito mais
 Os problemas sociais
 Agravantes na nação.
 O país viu-se atingido
 Pela estaglação
 Com a produção caindo
 E preços em elevação,
 Com a saúde abalada,
 Educação atrasada,
 Com muita corrupção.
 Um processo de inchação
 Da cidade todo dia
 Se via nitidamente
 Por toda periferia,
 Casa de taipa e barraca
 Feita de lata e estaca
 Por toda parte se via. (BRAGA, p.03)

Nestes trechos, como em todo o cordel “O menino que consertou o mundo” são feitas diversas ressalvas as questões sociais nas quais todos estamos inseridos. Essas observações além de engrandecerem o enredo da história ali contada em versos, eles levam aos leitores reflexões preciosas sobre consciência de classes, crises econômicas,

realidade social, ciência, corrupção, dentre tantos outros temas extremamente necessários a serem discutidos no ambiente formador como a escola. Principalmente no momento atual, em que sistemas como a democracia estão sendo questionados de forma impensada por tantas pessoas.

Sobre o enredo do referido cordel, que se pauta justamente no empenho de um político em governar o povo. Medeiros Braga descreve seus objetivos e trajetória de forma concisa e coerente, mas que no exercício diário de sua profissão se depara com a intromissão de uma criança em seus afazeres, o seu filho. E para “entreter” a criança a fim de que a mesma não o atrapalhasse mais, o político lhe entrega um mapa do mundo picado em pedaços, e o filho bastante disponível começa a querer juntar e montar o mundo:

O pai achava que aquilo
 Ia tomar muitas horas,
 Era o tempo que queria
 Para rever as demoras
 Dos processos em questão
 Encontrando a solução
 Com devidas melhoras.
 Juntou o filho os pedaços
 De papel com muito gosto
 Querendo ajeitar o mundo
 Tirar do pai o desgosto
 Sem que nada desvaneça
 Pegou o quebra-cabeça
 Testando tudo ali posto. (BRAGA, p.08)

Por consequência, o pai observando todo o empenho de seu filho em “consertar” o mundo, resiliente, otimista, cheio de boa vontade percebeu seu semblante mudar quando a estratégia encontrada para solucionar o quebra-cabeças mudou, e a solução é a mais verdadeira para nossa surpresa.

Estava desenganado,
 Mas, como era insistente
 Lembrou-se que aquele mapa
 Tinha no verso presente
 A figura de alguém
 Que lhe calhou muito bem
 No seu plano inteligente.
 Ao invés de consertar
 O mundo sem conhecer
 Ele consertou o homem
 Que estava a sempre ver,
 E facilmente em pedaços
 Montou-os sem embaraços
 Dando fim ao padecer. (BRAGA, p.09)

Ao ser informado pelo filho a finalização do desafio quase impossível, o pai ficou bastante surpreso e o indagou sobre seu feito. O filho, de forma atenta e prazerosa descreve o seu árduo percurso, mas que graças a sua persistência e sábia estratégia de lembrar da figura do homem no fundo da imagem do mapa, completa divinamente o que seria praticamente impossível. Assim, de forma inigualável Medeiros Braga leva ao leitor esse ensinamento de vida:

Consertei primeiro o homem
 Nos pedaços que montei
 Depois peguei todos eles
 Sobre a mesa e revirei;
 Os minutos se consomem,
 Mas, ao consertar o homem
 Eis que o mundo consertei.
 Sem saber o que estava
 Dizendo para seu pai,
 Que o concerto do mundo
 Sem esse homem se esvai,
 Descobria o governante
 Que a saída importante
 É do homem que ela sai. (BRAGA, p.11)

Sem dúvida, engrandecendo ainda mais com esse cordel o conhecimento de todos, Medeiros Braga nos enche a alma com esse verso, na certeza de que lutar pelo homem, pela transformação do homem hoje, principalmente, é muito importante, é decisivo.

Por isso, pensava ele,
 Que ninguém, pois, conseguia,
 Temos nós que consertar
 O homem em primeira via,
 Dar-lhes toda a educação
 Para ser um cidadão
 Dentro da democracia. (BRAGA, p.11)

Por certo, é natural e de conhecimento de todos o quão importante é ensinar o outro, ensinar as crianças, propiciar o conhecimento, favorecer o despertar curioso das descobertas, enfim, o processo do ensino e aprendizagem é algo místico e encantador, que traz o ser à luz de diversos caminhos e possibilidades. Logo, é sobre esse ato de ensinar, de descobrir que o cordel tão belamente escrito de Medeiros Braga vem nos presentear.

O saber é perigoso
 Para tal dominação

Por levar cada leitor
 À verdade e à razão;
 A verdade que assusta,
 A razão que julga injusta
 Sua forma de extorsão.
 O saber que dá ao povo
 As noções de liberdade,
 De caráter, de justiça,
 Os princípios de igualdade...
 É saber por excelência,
 Com moral, ética, prudência,
 Com bondade e humildade.
 Um povo cujas virtudes
 Fazem parte do saber,
 De gestão não tem jamais
 Os motivos pra temer,
 Medo tem o desonesto
 Que será por mal gesto
 Desancado do poder. (BRAGA, p.16)

Sabe-se que ensinar é um dos mais difíceis verbos a serem conjugados na prática cotidiana das escolas públicas do nosso país. Verbo tão igual é também o aprender, pois implica em condições precárias, desfavoráveis e sem oportunidades iguais pelos quais alunos e professores enfrentam em suas salas de aula. Por isso, entendendo um pouco sobre essa realidade é que os folhetos de cordéis produzidos por Medeiros Braga ganham notória essencialidade nesse processo.

Efetivamente, é fundamental proporcionar aos educandos situações de aprendizagem prazerosas e dinâmicas, que gerem um significado no processo de aprendizagem. Portanto, o ensino de literatura permite o professor criar esse ambiente de aprendizagem, como afirma Cavalcanti:

Dizer que a Literatura é catarse, ou elemento de purificação apenas, é reduzi-la a conceitos demais limitados. A Literatura é uma grande metáfora da vida do homem. Sendo assim, é sempre surpreendentemente, uma maneira nova de se apreender a existência e instituir novos universos (CAVALCANTI, 2002, p. 12).

4.1 Um breve histórico sobre o ensino de Literatura no Brasil

Atualmente é importante refletirmos o lugar que a literatura ocupa nas salas de aula do nosso país, que por inúmeras vezes, não é considerado um lugar de relevância no tocante ao processo de ensino e aprendizagem do indivíduo, como é sabido por muitos docentes que dia a dia se encontram inseridos nessa dinâmica de ensino e aprendizagem.

Para tanto, é bem válido lembrarmos como se deu o ensino de literatura em séculos passados. Para muitos, esse ensino ocorreu de forma corriqueira no cotidiano

das pessoas, e que os livros literários considerados como clássicos eram realmente lidos com afinco e parte por parte, formando folhetins que passavam a ser impressos em jornais da época. Poderíamos dizer que se comparavam as novelas televisionadas da atualidade.

Muitos podem pensar que dessa forma seria mais prazeroso conhecer e se apropriar da literatura, e que “todos” aprendiam com facilidade. Mas vale a reflexão que esse acesso à literatura no passado não era para todos. Os leitores dos textos literários de José de Alencar e Machado de Assis faziam parte de uma pequeníssima parcela da população que tinha acesso a esses textos jornalísticos literários publicados mensalmente.

Segundo dados do recenseamento da população do império no Brasil, ou seja, o primeiro censo realizado no país, em 1872, em que havia 10 milhões de habitantes no país, apenas 1,5 milhão eram pessoas escravizadas, ou seja, sequer alfabetizadas em sua maioria, o que gera em torno de 15% da população. E do restante das pessoas “ditas livres”, cerca de 19% eram alfabetizadas (23% homens e 13% mulheres). Logo, 1.564.051 pessoas. Verificando esses dados e observando as publicações dos jornais à época, percebemos que em média produziam em torno de 25 mil exemplares, que em números, se as mesmas fossem vendidas apenas para brasileiros que sabiam ler, fica em torno de 1% desse público.

Conclui-se que realmente era um pequeno e seletivo grupo de brasileiros que tinham acesso à literatura por volta dos séculos XVIII e XIX. Percebe-se que esse passado vem sendo transformado com o passar do tempo.

Lembramos um pouco do passado da literatura, em nosso país, para seguirmos evoluindo no ensino da mesma e não retrocedermos, principalmente na sua acessibilidade, reduzindo ao grupo de maior poder aquisitivo na sociedade o contato com a mesma, mas sim torná-la “popular” a fim de que todos das mais diversas esferas sociais, crenças e credos desfrutem do prazer do texto literário. Sem dúvida para que isso ocorra a escola tem papel determinante. Logo, é preciso modificar alguns preconceitos e práticas existentes no tocante ao ensino de literatura nas escolas.

Para Cereja (2013,55) a prática de ensino de literatura mais comum poderia ser resumida nos seguintes aspectos: “a construção de conceitos básicos relativos à teoria literária e à teoria da comunicação, considerados ferramentas indispensáveis para lidar com o texto literário” e, a partir da construção desses conceitos, a abordagem prática do “texto literário de época”.

Decerto, é fato relatado por muitos professores de língua portuguesa, o quanto a literatura e seus textos têm sido pano de fundo nas aulas ministradas, pois o currículo prioriza outras práticas e conteúdos considerados mais importantes, como o ensino dos descritores e preparação para avaliações externas, por exemplo.

Diferentemente desse raciocínio, consideramos que nada impediria desses objetivos caminharem juntos, o literário e o linguístico, seria até ideal, pois tornaria a aprendizagem mais significativa, e perfeitamente contemplariam os eixos referentes ao ensino de língua portuguesa em sua grade curricular na educação básica. Além de contribuir de forma imensurável para uma melhoria na aprendizagem dos alunos em língua materna.

Logo, é a partir desse caminhar destoante que também ressaltamos a dificuldade dos inúmeros estudantes, em nosso ensino básico, que apresentam deficiências em todas as séries ao interpretar fatos em textos, como verificamos na produção escrita dos mesmos, estabelecer coesão e coerência, dentre outras competências que são instrumentos fundamentais para um bom leitor. Assim, tudo isso seria plenamente possível se a literatura e seus textos fossem amplamente trabalhados em sala de aula.

Atualmente, os desafios da literatura não se encontram apenas no ambiente escolar, eles são só mais um dos entraves para a sua “popularização”, pois como antigamente, muitos ainda pensam que apenas um pequeno e seletivo grupo de pessoas em nosso país pode ter acesso a leitura literária, o que para nós é inadmissível. E esse é o “estigma” que surge a partir do que se entende por literatura, esse “rótulo” precisa ser extinto dos ambientes escolares e culturais, que são terra fértil para que o conhecimento crie raízes e frutifique da melhor forma nas produções escritas e orais dos estudantes.

Na verdade, a literatura, portanto, é essencial na formação humana, social, crítica e cultural de cada homem em sociedade. Ademais, sua importância precisa estar veiculada em ambiente escolar diariamente para que os alunos percebam a importância dela em suas vidas e na construção de um futuro de oportunidades.

Segundo o professor e pesquisador Roberto Pontes, em seu valioso texto; “Literatura, instrumento e construção do mundo,” esclarece-nos de a imensa importância da literatura como fazer inventivo e como grande meio de interpretação das formas de vida humana no mundo, e como o povo que a cultiva se torna, em vista dos demais povos, em um mundo com inúmeras épocas transparentes, inigualáveis e mágicas, como nos certificamos no seguinte pensamento:

Certos povos e períodos históricos não dispõem de uma literatura pujante, expressiva, grande (esta categoria vai aqui empregada no sentido da grandeza humana); e por não disporem deste valioso instrumento de autorreconhecimento e identificação, permanecem anêmicos e quase sempre submetidos aos paradigmas buscados noutros centros irradiadores de cultura mais vigorosa. (PONTES, 2005, p. 6)

Logo, a Literatura presente em uma nação e através dela, proporciona aos que formam aquela sociedade ferramentas para que se libertem de pensamentos retrógrados, arcaicos os quais certamente prejudicam sua evolução em todos os aspectos do desenvolvimento humano. O ser pensante também é passível de domínio, caso desconheça-se, e a literatura, assim como a filosofia, a sociologia e as artes são norteadores desse autoconhecimento libertador. Desse modo, sobre esse conhecimento do homem sobre si e o mundo Compagnon nos afirma:

A verdade é que nas obras-primas do romance contemporâneo dizem muito mais sobre o homem e sobre a natureza do que graves obras de Filosofia, de História e de Crítica, “assegurava Zola [...] A literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo. Um ensaio de; Montaigne, uma tragédia de Racine, um poema de Baudelaire, o romance de Proust nos ensina mais sobre a vida do que longos tratados científicos. (COMPAGNON, 2009, p. 31)

Evidenciamos com todas essas colocações que, a literatura de cordel também não foge a esse preceito e com ela surge a possibilidade de aproximar aos leitores em formação leitores iniciais da Literatura e suas infindáveis obras literárias, como o próprio Medeiros Braga diz, “levar textos literários com uma linguagem mais acessível a todos. Logo, é sabido que a produção cordelística de Medeiros Braga possui em seu teor maior uma linguagem didática construída e pensada para as salas de aula.

4.1.1 O Ensino de Literatura nas salas de aulas da educação Básica e algumas reflexões

Desse modo, a respeito do ensino de literatura, por volta do século XIX diante do clima nacionalista vivenciado em nosso país, surge a necessidade do estudo de literatura nas escolas brasileiras como também de mudanças nas respectivas grades curriculares.

Alguns estudos desenvolvidos por volta de 1882 no Colégio Pedro II, em São Paulo, apontam o início do ensino de literatura na disciplina denominada de História da Literatura Nacional, marcando assim à época, sua institucionalização,

reforçada também pela publicação do livro de Silvio Romero *História da Literatura Brasileira*.

Para Neide Rezende:

A história da literatura centrada no nacionalismo literário ainda é de longe a perspectiva dominante no ensino de literatura, desdobrando-se em sequência temporal numa lista de autores e obras do cânone português e brasileiro e suas respectivas características formais e ideológicas. (REZENDE, 2013, p. 101)

Sabe-se que esses encaminhamentos didáticos acerca da literatura aconteciam nas salas de aula do nosso país, no qual concepções desse ensino se perpetuaram por décadas e como nos confirma Cereja (2013; 89) esses estudos reverberaram “em todo o período colonial e em boa parte do século XIX, os estudos literários tiveram destacada importância no currículo escolar e fizeram parte do modelo humanista da educação, introduzido no Brasil pelos jesuítas.” Enfim, é sobre esse importante papel da Literatura no mundo que Roberto Pontes (2005) engrandece o nosso conhecimento com a seguinte colocação: “a Literatura é um instrumento de construção do mundo”.

De acordo como citado autor, “a Literatura é um grande meio de interpretação das formas da vida humana”, pois através dela há um “excepcional poder de inteligibilidade da História” incontestável. É pela literatura que o mundo acontece, através do seu olhar, pois ela é um importante instrumento de humanização da sociedade. E sobre a importante função da literatura através dos tempos Pontes afirma:

Do até aqui dito, podemos concluir com um raciocínio sintetizador do nosso entendimento: a função da Literatura sempre foi, através dos tempos, construir o mundo, ou construir mundos; o estudo da Literatura tem por finalidade manter sempre atualizada a visão que se tem desta instituição imprescindível à interpretação da existência humana; e no seio de uma sociedade como a brasileira, ainda em processo de consolidação, a Literatura tem a insubstituível incumbência de ler o Brasil e escrever aquilo que é seu povo, de interpretar o seu destino histórico de nação sem esquecer jamais as raízes de onde provém. Por isso, entendemos ser a *Literatura um instrumento de construção do mundo*. (PONTES, 2005, p. 12)

É evidente que esse fundamento principal da literatura como instrumento de construção do mundo, tem uma significação macro ao analisarmos os cordéis de Medeiros Braga e sua aplicabilidade nas salas de aula da educação básica e suas contribuições literárias, sociais, linguísticas, culturais dentre outras que sua obra agrega no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Para John Dewey (1928), a “educação é vida e não preparação para a vida”, esse pensamento é comungado por Medeiros Braga em sua escrita, quando ele traz com

riqueza de detalhes cenas e descrições sobre fatos históricos essenciais para que todos compreendam e “vejam” o horror que foi a escravidão em nosso país, por exemplo. Como verificamos nas estrofes abaixo extraídas do cordel Zumbi de Palmares:

E Domingos Jorge Velho,
 O implacável Bandeirante
 Cuspindo sobre o evangelho,
 Não hesitando um instante,
 Dispôs-se ao procedimento
 Do ataque mais sangrento
 Com um aparato possante
 Dispunha de seis canhões
 De mercenário os milhares,
 Outras armas e munições
 De poderes invulgares,
 Usados com intrepidez
 Para acabar de uma vez
 Com a República do Palmares.
 E, assim, depois de um ano
 De exaustivos combates
 Sofria Palmares dano
 Sem se render nos embates,
 Quem não pôde recuar
 Morrerá sem se entregar
 Por mais diferentes artes. (BRAGA, p.9)

Portanto, é sobre esse ensino e vida, uma relação muito ampla e significativa para aprendizagem de muitos, que faz valioso o processo estabelecido em salas de aula do nosso país. Sejam elas das mais diversas origens ou classes sociais, o que se ensina é vida, pulsante e latente nas ações de cada indivíduo.

Como percebemos, no decorrer das análises e leituras dos cordéis, Medeiros Braga também se apresenta como um exímio contador de histórias, que se utiliza de temáticas importantes e universais, figuras e personalidades literárias e culturais importantes, cuja vida e obra devem ser visitadas e revisitadas para que suas vivências contribuam significativamente na construção de um futuro com significado para todos.

Em boa parte da sua cordelística, Medeiros Braga, ao escrever versos, sobre figuras importantes para a formação da sociedade e do pensamento humano de séculos passados e atuais, transparece a todos o quanto a Literatura contribui com a construção do mundo. Retomamos aqui o exemplo do seu cordel sobre Dom Hélder Câmara, que ao ser biografado em versos, o cordelista Medeiros Braga torna a sua história acessível, apresentando verdades do passado que mesmo sem sua presença física no presente são necessárias e precisam ser conhecidas para a construção de um futuro com menos desigualdade social.

E assim, Medeiros Braga vai construindo uma linda e importante história no processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas de todo o país, pois sua cordelística não retrata apenas fatos e feitos típicos da região nordeste, como mencionamos anteriormente, ele faz uso da sua métrica e rima para levar todo e qualquer tipo de informação que é transformada em conhecimento nas salas de aula.

Por isso, a respeito da sala de aula, observamos o quanto se trata de um espaço desafiador e necessário ao indivíduo que aprende quanto ao que ensina ao mesmo tempo. É na sala de aula que se encontram todos os sujeitos necessários para que o processo de aprendizagem escolar ocorra, como afirmam José Luís Vieira de Almeida e Teresa Maria Gubrisch “se o ensino é a relação que o professor estabelece com o conhecimento, a aprendizagem ao contrário é a relação que o estudante estabelece com o conhecimento e, portanto, é nela que a mediação se efetiva: pela superação do imediato no mediato.”

Observa-se que essa dialética encontrada em ambiente escolar, muitas vezes os conteúdos são analisados pelo professor antes de serem devidamente planejados e replicados aos estudantes durante as aulas. Deseja-se, verdadeiramente, que nessa mediação do conhecimento, o professor de literatura, por exemplo, dê preferência a trabalhar as obras literárias construídas em cada período e escola literária, sem apenas estar preso a vida do autor e datas, pois é necessário levar a historicidade e a construção literária em seu contexto ao leitor, e assim cativá-lo.

Sobre essa dinâmica estabelecida pela literatura de cordel e a sala de aula nos esclarece Ronaldo Silva:

Recriando o mundo através da palavra poética, o trabalho com a Literatura de Cordel em sala de aula precisa de perspectivas docentes seletivas e compromissadas quanto à escolha de repertórios mobilizados, uma vez que a escola é, por excelência, espaço público e de formação, onde são aprendidas, partilhadas e articuladas uma série de normas de promoção cidadã, respeito, autonomia e diversidade. Sob essa ótica, tal como qualquer outro material, os poemas de cordel não devem violar ou cercear a dignidade dos sujeitos, mas sim capacitá-los com referências, autoestima e repertórios que possam ser mobilizados para sua participação positiva na sociedade. Para além da apresentação de uma poética tradicional ou de uma literatura específica, há, no trabalho do docente e do gestor escolar, um compromisso ético-social que se desdobra e deve envolver o texto, a evolução dos leitores e da sociedade civil. (SILVA, 2018, p.1).

Sabe-se que são inúmeras as dificuldades e necessidades para que o processo de aprendizagem nas salas de aula da educação básica ocorra a contento. São dificuldades socioeconômicas, emocionais e cognitivas que realmente interferem nessa prática dialética. Principalmente nas escolas públicas. Mas a maior de todas elas é

quando se esbarra em um processo de ensino e aprendizagem retrógrado e opressor, como afirma Paulo Freire:

Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis, (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica num sujeito – o narrador – e em objetos pacientes, ouvintes – os educandos. Há uma quase enfermidade da narração. A tônica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar. (FREIRE, 1987, pp 57-58).

Corroborar-se com Medeiros Braga sobre essa aula “narradora”, pois é impraticável quando se tem por material didático os seus cordéis, pois são frutos de uma linguagem popular, acessível e comum a todos os níveis e classes sociais que comunga em boa parte da sua métrica e rima como também a presença de questionamentos a serem feitos ao leitor a fins de reflexão e formação sócio crítica que deve ser compartilhada amplamente nas salas de aulas.

É no falar sobre as experiências de todos que se encontra a beleza e a essência da aprendizagem. Logo, a sala de aula é de todos, independentemente de posição social, cor, raça, credo, cor, opção sexual. A sala de aula é um ambiente democrático que deve ser composta pela maior diversidade de conhecimentos possíveis, e esses conhecimentos precisam interagir, como enaltece Paulo Freire:

Finalmente, não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade. Este é um pensar que percebe a realidade como processo, que a capta em constante dever e não como algo estático. Não se dicotomiza a si mesmo na ação. “Banha-se” permanentemente de temporalidade cujos riscos não teme. (FREIRE, 1987, p.77).

Portanto, embebidos dessas possibilidades que favorecerem a aprendizagem através dos folhetos de cordel como essenciais instrumentos pedagógicos no processo de ensino e aprendizagem na educação básica, constatamos nessa pesquisa sobre os escritos de Medeiros Braga, que abordam as lutas sociais de alguns mártires, por exemplo, pois além da questão histórico social viva nos seus versos, temas transversais e interdisciplinares fundamentais à formação humana, como a ecologia, preservação do meio ambiente, obras literárias e tantos outros, apresentam o quanto a

literatura é capaz de abordar com significado e importância, elementos norteadores para o conhecimento de mundo de cada estudante

A princípio, num tempo passado, não muito distante, a literatura não desfrutava de certa “popularidade” como no presente momento, pois pouquíssimos leitores tinham o acesso e usufruíam dela, daí a quantidade exacerbada de analfabetos em nosso país.

Hoje caminhamos um pouco mais para a erradicação do analfabetismo, e certamente devido a um maior acesso da população a materiais literários que propiciam a aquisição da competência leitora, e a literatura de cordel sem dúvida alguma faz parte diretamente desse acesso maior do leitor ao universo literário.

Não apenas a literatura de cordel contribuiu para esse maior acesso à literatura na atualidade, como nos esclarece Marcel Álvaro de Amorim... [et alli], em seu livro *Literatura na escola*:

Dentre tantos exemplos, há obras literárias em prosa e em versos, autores brasileiros e estrangeiros, homens e mulheres de diferentes origens e diferentes épocas, escrevendo gêneros diversos que são devorados pela sociedade contemporânea. Poderíamos nos estender por muitas páginas apresentando uma extensa lista de autores e obras, mas acreditamos que esses parágrafos já são bem ilustrativos do que queremos demonstrar: a literatura permanece bastante viva em nossa sociedade, isto é, ela é lida, debatida, ocupa diferentes espaços e se desdobra em múltiplas linguagens multisemióticas. Desconsiderar a presença e a relevância da produção literária nos dias de hoje evidencia uma percepção limitada do que é literatura, uma vez que ela assumiu novas maneiras de se apresentar e se representar: a literatura tem sido continuamente ressignificada em uma sociedade cada vez mais multiletrada. Literaturas não faltam, o que há são mais alternativas de consumo e mais suportes para sua publicação, muito além do tradicional livro de papel. (AMORIM, 2022, p.16)

Em nenhum momento, podemos desconsiderar aquela parcela da população que ainda não tem a sua escolaridade completa, assim como seu acesso à cultura e hábitos de leitura instaurados. Para esses brasileiros as cantorias, a leitura de cordéis chegam como o sol que ilumina o caminho longo a ser percorrido em busca ao conhecimento. Daí afirmarmos com a certeza da experiência vivida de que a literatura de cordel deve ser lida e exercida em sua plenitude no ambiente escolar como instrumento didático essencial na formação leitora do indivíduo.

Enfim, ao nos debruçarmos sobre os cordéis de Medeiros Braga, jamais deixaremos de ler seus versos sem localizar em suas estrofes a forte presença de fundamentação social, política, cultural e humana, que em muitos textos ditos e

classificados como literários, por muitas vezes, não sensibilizam e informam o leitor devidamente como o cordel o faz.

Como exemplo do poder do cordel na sala de aula, Manoel Monteiro (2010, p 5-6) tão bem nos descreve em seus versos:

Quando a aula é feita em versos
A turma toda se anima
Até os mais inibidos
Deixa-se levar no clima
Da interatividade, pela musicalidade
Da métrica e do som da rima.

Toda essa intimidade
É poque os livrinhos
Falam como nos falamos
E do jeito dos vizinhos,
Assim, a aula é de festa
Quando uma classe se presta
A compor seus folhetinhos.

Daí resulta, por vezes,
Historietas versadas
Criadas por toda classe
Ou equipes separadas;
As palavras serão delas
Mas é preciso que elas,
Sejam bem orientadas. (MONTEIRO, p.6)

Diante das possibilidades que a literatura proporciona de descobertas e conhecimentos sobre os mais diferentes assuntos, a mesma torna-se essencial ao desenvolvimento do pensar humano. É ideal a presença dela em ambiente escolar e formador de leitores. Através das obras literárias, assim como dos cordéis, os leitores ressignificam opiniões e atualizam posturas sociais, críticas e culturais diante da sociedade, o que nos leva a uma reflexão profunda e necessária do papel do homem no universo. Como bem afirma Rouxel:

A literatura lida em sala convida também para explorar a experiência humana, a extrair dela proveitos simbólicos que o professor não consegue avaliar, pois decorrem da festa íntima. Enriquecimento do imaginário, enriquecimento da sensibilidade por meio da experiência fictícia, construção de transformação identitária estão em ato na leitura. (ROUXEL,2013, p. 24)

Evidenciamos até o presente momento em nossas colocações o quanto a literatura tem um caráter diferente das demais disciplinas ministradas na educação básica do nosso país. Através dela, três grandes aspectos são por nós considerados de certa relevância: ênfase no caráter sócio-histórico-cultural, ênfase no caráter artístico e ênfase no caráter linguístico.

Já no tocante ao desenvolvimento de eventos históricos na literatura, faz-se necessário que se aborde um pouco da historiografia das obras literárias e o delinear das escolas literárias são necessários a fim de contextualizar o momento da escrita, as temáticas e vivências de cada texto trabalhado. Com relação ao enfoque de caráter artístico, também flui através do prazer estético provocado na relação aluno-leitor, cujo texto permite a fruição de emoções e sensações únicas no indivíduo, dialogando com suas vivências. E por fim, a questão linguística precisa ser evidenciada por ser o texto literário portador de variações linguísticas e figuras de linguagens necessários na aprendizagem de língua materna.

Na sala de aula, todas essas habilidades são trabalhadas de forma bastante integrativa e que estão respaldadas por documentos norteadores da prática docente e aprendizagem discente, como os PCN's e atualmente a BNCC. Analisaremos no tópico seguinte, mais especificamente sobre o ensino de literatura à luz desses documentos educacionais nacionais.

4.2 O ensino de Literatura à luz dos documentos norteadores – PCN e BNC

É de conhecimento de todos que as políticas públicas brasileiras voltadas para o ensino, de um modo geral, são regidas por documentos oficiais publicados pelo Ministério da Educação no decorrer dos anos. Esses documentos são parâmetros norteadores de uma política educacional igualitária e de qualidade para que os estudantes e professores consigam cumprir com as metas estabelecidas a fim de que o processo de ensino e aprendizagem ocorra a contento.

É evidente que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram publicados na década de 1990 com uma grande aceitação por parte dos docentes e toda a equipe envolvida nas questões educacionais do país, principalmente no que se refere ao ensino Fundamental (1997-1998), pois se fazia urgente e necessário tais intervenções e alinhamentos de diretrizes para melhorarem os indicadores de leitura e escrita dos estudantes.

Com relação ao ensino de língua materna e estrangeira, os PCN direcionaram seus ensinamentos para atividades sociais, pois ela se dá pela construção dos conhecimentos por meio da relação de negociação entre os significados durante as intervenções sociais, com a presença dos interlocutores. Eles também priorizaram o ensino de leitura devido aos altos índices de analfabetismo registrados no país.

Pois, levar o ensino de leitura e articulá-lo de forma prazerosa em meio aos gêneros textuais foi o grande desafio proposto pelas diretrizes elaboradas nos PCN, e ela permanece até os dias atuais por termos ciência do grande desafio do ensino de línguas: alinhar conhecimentos discursivos e de uma prática leitora as vivências escolares diferenciadas pelo país.

No tocante aos PCN e sua aplicabilidade junto ao ensino médio (1999), ressaltamos que foi bem diferente do que foi o do ensino fundamental. Acredita-se que o seu pouco sucesso se deveu as diretrizes focarem mais nas áreas do conhecimento do que nas disciplinas curriculares em si. Assim nos esclarece Rogério Tílio:

Embora a integração das Disciplinas em áreas seja desejável, possibilitando a construção do conhecimento em práticas situadas que extrapolam as fronteiras disciplinares, o currículo escolar ainda é organizado disciplinarmente. Nesse sentido, pode-se dizer que os PCN do Ensino Médio são menos “didáticos” do que os do Ensino Fundamental. Por isso foram reformulados logo em seguida (2002) e surgiram com o nome de PCN+. Os PCN+, mantêm a organização em áreas, mas trazem seções detalhadas específicas para os componentes curriculares. O problema, no entanto, é que os PCN+ operavam com conceitos contraditórios, alegando por exemplo, trabalhar com um conceito enunciativo de língua(gem), mas propondo a organização curricular em torno de estruturas gramaticais. Mediante essa nova constatação, faz-se necessário novo documento oficial com diretrizes curriculares para o Ensino Médio. (TÍLIO, 2019, p. 8)

Certamente, sabemos que o caminho tortuoso e difícil que é estabelecer objetivos e nortear práticas para a educação do país. Mas os estudiosos e teóricos da educação sabem que a necessidade dessas orientações é maior, portanto, em 2006 surgem as Orientações Curriculares para o ensino médio (OCEM), com o objetivo de complementar e alinhar junto aos PCN a noção de letramento a ser implementada. Vale lembrar que as OCEM foram bem disseminadas no país e levou para a salas de aulas conceitos importantes como multiletramentos e letramento crítico tão bem conhecidos atualmente.

Apesar de, atualmente, não vigorarem como documentos atuais da prática pedagógica, os PCN e as OCEM possuem uma grande relevância histórica no processo de formalização da educação do nosso país. Jamais poderíamos deixar de tornar esse fato relevante, pois eles foram os primeiros documentos legais que orientavam sobre materiais didáticos, propostas pedagógicas, ações educacionais e práticas docentes no Brasil.

Assim, atualmente, o documento que vigora em nosso país e que norteia tais práticas com suas diretrizes tanto para o ensino fundamental como para o ensino médio é chamada por Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

Sem dúvidas as propostas da carta magna de 1988, assim como propostas relevantes a uma diretriz educacional curricular voltada ao ensino no Brasil foi colocada em prática, mesmo com atraso é um marco importante para os currículos.

Portanto, é sobre a BNCC que faremos uma breve contextualização sobre o seu surgimento no país, ressaltando os momentos histórico e sociais em que ela foi produzida e aprovada. A Base Nacional Curricular Comum foi produzida muito rapidamente, para alguns estudiosos, pois em quatro anos todo o documento já se encontrava pronto, mas o conturbado momento histórico que o país estava a enfrentar fez com que fossem trocados por seis vezes o ministro da educação, além de um interino também ter assumido a pasta.

Essa proposta, que estava parada desde 1988, ela passou por dois governos, em um deles ocorreu para muitos um processo de *impeachment* da presidenta da república, que se caracterizou mais como um golpe de Estado com o propósito maior do vice- presidente da República assumir.

É evidente que o clima do país não estava favorável para quaisquer aprovações ou promulgações de leis, projetos dentre outros. Pois tudo estava soando e aparentando ser forjado para que os planos do vice-presidente se concretizassem e o mesmo assumisse o poder por definitivo, visto que o mesmo fora eleito democraticamente segundo muitas falas suas e de correligionários.

Dentro desse clima conturbado, politicamente, eis que surge um Ministro da Educação que juntamente com os poderes legais do Legislativo e de forma autoritária aprovam a Medida Provisória (MP746/2016), promulgando sem nenhum debate com pesquisadores e estudiosos da educação do país a BNCC.

A partir daí surgiram muitas críticas e ressalvas a Lei, pois se trata de um documento obrigatório, o que o diferencia dos utilizados anteriormente (PCN e OCEM), que foram publicadas e divulgadas pelo país em tempos anteriores.

Faremos aqui também nossas observações e principalmente pontuaremos em que parte do documento o ensino de literatura está sendo contemplado, e mais especificamente, como a literatura de cordel pode e está sendo considerada na educação básica, em qual espaço curricular das escolas de educação básica a literatura popular é contemplada.

Para fins de situar cronologicamente sobre o processo percorrido para aprovação da BNCC, como documento atual e principal norteador da educação Básica e do ensino Médio do país, vejamos o quadro abaixo com informações presentes no site do Ministério da Educação Brasileiro:

| | |
|------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 25 de junho de 2014 | A Lei n. 13.005 regulamenta o plano Nacional de Educação (PNE), com vigência de 10 anos. O Plano tem 20 metas para a melhoria da qualidade da Educação Básica e 4 delas falam sobre a Base Nacional Comum Curricular. |
| 19 a 23 de novembro de 2014 | É realizada a 2ª Conferência Nacional para Educação (Conae), organizada pelo Fórum Nacional de Educação (FNE) que resultou em um documento sobre as propostas e reflexões para a Educação brasileira e serviu como um importante referencial para o processo de mobilização para a Base Nacional Comum Curricular. |
| 17 a 19 de junho de 2015 | Acontece o I Seminário Interinstitucional para elaboração da BNCC, que reuniu todos os assessores e especialistas envolvidos na elaboração da Base. A Portaria n. 592, de 17 de junho de 2015, institui a Comissão de Especialistas para a Elaboração de Proposta da Base Nacional Comum Curricular. |
| 16 de setembro de 2015 | A 1ª versão da BNCC é disponibilizada. |
| 2 a 15 de dezembro de 2015 | Mobilização das escolas de todo o Brasil para a discussão do documento preliminar da BNCC. |
| 3 de maio de 2016 | A 2ª versão da BNCC é disponibilizada. |
| 23 de junho a 10 de agosto de 2016 | Acontecem 27 Seminários Estaduais com professores, gestores e especialistas para debater a segunda versão da BNCC. O Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) promoveram esses seminários. |
| Agosto de 2016 | Começa a ser redigida a 3ª versão da BNCC, em um processo colaborativo com base na 2ª versão. |
| Abril de 2017 | O MEC entrega a versão final da Base Nacional Curricular |

| | |
|------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | Comum (BNCC) ao Conselho Nacional de Educação (CNE), responsável por elaborar parecer e projeto de resolução sobre a BNCC, a serem encaminhados ao MEC. A partir da homologação da BNCC, começa o processo de formação e capacitação dos professores e o apoio aos sistemas de Educação estaduais e municipais para elaboração e adequação dos currículos escolares. |
| 20 de dezembro de 2017 | A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) foi homologada pelo ministro da Educação. |
| 22 de dezembro de 2017 | O CNE apresenta a Resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro de 2017, que institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular. |
| 06 de março de 2018 | Educadores do Brasil inteiro se debruçam sobre a Base Nacional Comum Curricular, com foco na parte homologada do documento, correspondente às etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental, com o objetivo de compreender a sua implementação na educação básica brasileira. |
| 02 de abril de 2018 | O Ministério da Educação entrega ao Conselho Nacional de Educação (CNE) a 3ª versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio. A partir daí, o CNE inicia um processo de audiências públicas para debate-la. |
| 05 de abril de 2018 | Institui-se o Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Curricular – ProBNCC. |
| 02 de agosto de 2018 | Escolas de todo o Brasil se mobilizam para discutir e contribuir com a Base Nacional Comum Curricular da etapa do Ensino Médio. Professores, gestores, e técnicos da educação criam comitês de debate e preenchem um formulário online, sugerindo melhorias para o documento. |
| 14 de dezembro de 2018 | O ministro da Educação homologou o documento da Base Nacional Comum Curricular para a etapa Ensino Médio. |

É importante e válido observarmos o espaço dado para educadores de todo o país contribuírem com a formulação da Base Nacional Comum Curricular, pois pela

primeira vez em toda a história educacional, as contribuições realizadas através de formulários on -line atingiram realmente muitos educadores da nossa nação. Mas vale ressaltar que o feed back dessas análises, feitas por docentes de todo o país, através desses formulários, não foram socializados à posteriori, o que dá margem a descredibilização do feito, infelizmente.

Com relação ao quadro, visualizamos também a celeridade dada ao processo de análise, estudo das propostas do documento e aprovação do mesmo, sem deixar claro quais foram as metodologias de pesquisa utilizadas, dados mais específicos para a construção dessa proposta, finalidades, enfim, observações necessárias para que o documento ganhasse maior credibilidade em sua implantação em todo território nacional.

Ademais, essas e muitas outras considerações foram feitas com a chegada impositiva da BNCC. Aliás, esse seu caráter de obrigatoriedade diverge completamente dos documentos utilizados no passado (PCN e OCEM), pois se tratava apenas de diretrizes e orientações. Enquanto a BNCC, não.

Ela é criada com o objetivo de referenciar a construção dos currículos escolares pelo país, mas o que há escrito nela torna obrigatório a implantação, o que é bastante confuso. Por exemplo, no ensino de língua portuguesa e inglesa os conteúdos lá referenciados e obrigatórios, automaticamente, estão descritos em categorias distintas, pois para a língua inglesa se prescreve o ensino de “gramática” e para língua portuguesa “análise linguística/ semiótica”, apresentando desconhecimento de como se processa o ensino de língua em sua amplitude.

Desse modo, surge com tudo o que lá se encontra referenciado, importantes questionamentos que precisam ser discutidos. Como saber ou realizar todas essas dimensões apresentadas na BNCC em um território tão amplo, desigual e divergente que é o nosso país? Como fomentar junto a todos os docentes a formulação de um currículo “pronto”, impositivo, verticalizado que não dá margem para conteúdos comuns e necessários à formação dos discentes da Educação Infantil ao Ensino Médio, como a literatura? Esses são apenas algumas das inúmeras questões que deixam transparecer uma finalidade cruel e desumana que este documento traz em suas entrelinhas, como corrobora Rogério Tílio:

Discursos chegaram a circular na mídia, da boca de membros do governo, de que, com a BNCC seria indiferente o aluno estudar em uma escola pública ou em uma escola privada. Nesse sentido a implementação da BNCC parece servir ao claro propósito de eximir o governo dos problemas com a Educação e políticas educacionais. O discurso por trás da implementação da BNCC é o

de que, com ela, todos têm chances iguais, e aqueles que não foram bem-sucedidos não a forma por (falta de) mérito próprio. (TILIO, 2019, p. 12)

Portanto, após essas considerações, analisando criticamente toda a BNCC e o contexto histórico social do qual a mesma perpassa até a sua aprovação é muito provável que estejamos sim diante de um documento criado para justificar o não compromisso do governo federal com a educação do povo brasileiro, criando e alimentando uma desigualdade entre o ensino básico das instituições públicas e privadas e ainda por cima culpabilizando o povo pelo insucesso do sistema educacional vigente.

Mais complicada, especificamente, é a questão sobre as considerações feitas sobre o ensino de literatura presente na BNCC, foi observado que há certa problematização sobre o lugar reduzido que a Literatura ocupa neste documento e como ela pode ser trabalhada nas salas de aula da educação infantil ao ensino médio. Outra ressalva que fazemos é com relação a redução da presença de histórias em quadrinhos e produções áudio visuais, classificadas como “gêneros artísticos substitutivos”, como podemos observar no seguinte trecho da BNCC:

Em relação à literatura, a leitura do texto literário, que ocupa o centro do trabalho no Ensino Fundamental, deve permanecer nuclear também no Ensino Médio. Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros *gêneros artísticos substitutivos*, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. (Brasil, 2018:491)

Assim, é bom sempre lembramos que o objetivo da BNCC é nortear a educação do país na elaboração de currículos e planejamentos de cursos no atual cenário (a partir de 2021), logo esperamos encontrar em suas seiscentas páginas elementos que nos permitam entender sobre leitura literária, termo empregado na sua escrita, que aparece em registro duas únicas vezes em toda a sua integralidade. O que caracteriza a nossa ressalva sobre o que mencionamos anteriormente sobre a redução da literatura e sua aplicabilidade em sala de aula neste documento.

Ao fazer uma leitura crítica sobre a BNCC, o primeiro registro do termo leitura literária está na página 87 da BNCC, quando se introduz a fala sobre as competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental, quando se trata da competência 9, mencionando apenas o termo, sem dar a devida relevância qual a literatura deve ter na formação curricular.

Já a segunda menção ao termo ocorre quando se fala sobre o ensino médio, nas colocações sobre as especificidades do campo artístico-literário. Como verificamos no trecho abaixo:

A prática da leitura literária, assim como de outras linguagens deve ser capaz também de resgatar a historicidade dos textos: produção, circulação e recepção das obras literárias, em um entrecruzamento de diálogos (entre obras, leitores, tempos históricos) e em seus movimentos de manutenção da tradição e de ruptura, suas tensões entre códigos estéticos e seus modos de apreensão da realidade (Brasil, 2018:523)

Ao analisar com senso crítico a prática do ensino de literatura, pelo que se percebe na abordagem do termo leitura literária, nas menções acima descritas, ele está relacionado com a subjetividade do conceito em si, não propiciando uma análise crítica sequer do mesmo em seu emprego. Se diz apenas como a prática literária dever ser no ambiente escolar, mas não a diz objetivamente e explicitamente o que ela é e representa. Logo, essa lacuna suscita uma investigação mais aprofundada dos conteúdos linguísticos e literários abordados para que o professor saiba realmente do que se trata.

Outro imbróglio, referente ao ensino de literatura, da mesma forma ocorre com o termo *texto literário*, pois em todo o documento existe apenas seis menções a esse termo e em nenhuma delas há esclarecimentos sobre o que realmente venha a ser um texto literário de forma clara e objetiva.

Essa constatação e gera duras críticas, pois como é um documento orientador do planejamento do professor, como pode ele não contribuir com informações tão necessárias para que o docente possa desenvolver o seu trabalho?

Logo, ao se falar mais especificamente sobre o termo literatura, observamos ser ainda pior, pois o único termo que se aproxima um pouco do que venha a ser a literatura é o seguinte: “*Como linguagem artisticamente organizada*, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar a nossa capacidade de ver e sentir. (Brasil, 2018: 499). Considerar a literatura apenas uma “*linguagem artisticamente organizada*” é colocá-la em um lugar desmerecedor da sua grandeza, pois a literatura é muito mais do que isso, portanto, é preciso ter em nossa consciência que:

A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita. É no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos. (Cosson, 2006:16)

A partir dessas observações lidas e analisadas na BNCC chegamos à conclusão de que a literatura não foi contemplada da forma como deveria ser nas orientações contidas na base, mas um passo importante foi dado por não mais categorizá-la como conceitual e historiográfica, como localizava-se nos documentos passados.

Visto que o atual documento registre discussões na sua elaboração, não podemos esquecer de que as orientações ali contidas irão nortear não apenas a formação curricular das educações infantil, fundamental e ensino médio de todo o país, mas como também embasar o planejamento do professor.

Sabe-se que são a partir das habilidades e competências lá registradas que o professor irá construir todo o seu planejamento, o que nos faz crer numa projeção de docente idealizado, pois a estrutura apresentada pela BNCC não permite questionamentos, reflexões e flexibilidade do pensar sobre o ensino e aprendizagem, da prática pedagógica. Mas é importante pontuarmos também a valorização que o texto literário recebe na BNCC quando o mesmo contempla e regulamenta o ensino de literaturas indígena e africana, que nunca foram contempladas anteriormente.

Trata-se de um avanço, pois essa conquista é um salto bastante significativo para a nossa cultura e sociedade, sem dúvidas. Logo, é preciso estar atento e conhecedor de toda a base para detalhadamente traçar os rumos do ensino de literatura nas salas de aula da educação básica do nosso país, e a partir dela exercer a equidade de informação e formação para que todos tenham oportunidades, cumprindo assim, a escola, o seu papel, como acrescenta Souza:

A escola cada vez mais, se torna chão de diferentes culturas com as quais ainda não consegue dialogar – ainda que a necessidade já seja reconhecida - , por conta de um processo de exclusão que ainda marca, em termos de acesso, permanência e sucesso escolar, a história de um país branco, que, a despeito de algumas mudanças ainda não é um só. (SOUZA, 2011, p.37)

Portanto, assim que surge a BNCC, o documento precisa ser estudado e analisado por educadores democráticos e conhecedores das realidades da educação em todo o território nacional, pois sua origem se dá em um momento difícil para o país, que sofre com uma governabilidade que desacredita de toda e qualquer produção intelectual sobre a educação e ciência, sendo necessário não aceitar a homogeneização do pensamento, mas sim a criticidade relacionada as mudanças.

No caso dos textos literários em cordel, a sua implementação em meio escolar se faz além do necessário. E por registro, na BNCC, o seu uso nos currículos

escolares é mais que contemplado, pois eles também podem ser apresentados como eixo artístico, como a própria base enquadra o texto literário. Ela também é um dos primeiros documentos que contempla o ensino de outras literaturas como a africanas e indígena, resgatando suas culturas e as colocando no patamar de onde sempre deveriam estar.

Certamente, a partir dos cordéis que ampliam a visão de mundo como um todo, o professor consegue levar para sua sala de aula textos literários adaptados, que através de versos e rimas e linguagem acessível aos alunos, geram um significado maior e eficiente de aprendizagem dos conteúdos ao se trabalhar com a literatura de cordel na sala de aula.

Essa é a proposta maior da cordelística de Medeiros Braga. Levar assuntos das mais diversas esferas, seja de história, ciências, geografia, sociologia, filosofia, literatura dentre tantos outros para dentro do ambiente escolar através dos cordéis. E sobre essa missão do cordel nos acrescenta Veríssimo de Melo uma de suas funções maiores para o povo nordestino:

Outro papel importante exercido pela literatura de cordel diz respeito à sua função como auxiliar da alfabetização. Sabe-se que incontáveis nordestinos carentes de alfabetização aprenderam a ler deletreando esses livrinhos de feira, através outras pessoas alfabetizadas. Numa época em que as cartilhas de alfabetização eram raras e não chegavam gratuitamente ao homem rural, o folheto de cordel cumpria espontaneamente essa alta social. (MELO, 1982, p.8)

Ademais é bastante relevante atentarmos para isso. Esse documento tem força de lei. Ele é obrigatório em todo o território nacional. Não contemplar a literatura da forma devida nas escolas é fazer adormecer a criticidade, a cultura e a arte em uma sociedade. É através da literatura que o homem se faz presente e vivo no mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No encerramento desta investigação, compilamos algumas considerações que certamente não se findam, pois em parte, é desejo nosso retomar o percurso percorrido em um outro momento, pois o corpus de análise delimitado que compõe de forma principal a cordelística de Medeiros Braga, cresce a cada dia, pois o autor vivencia a escrita de folhetos em cordel atualmente. Hoje, sua produção literária está composta por 185 folhetos, dentre romances e outras obras em outros gêneros publicadas.

Todo o trajeto percorrido com a pesquisa sobre a cordelística de Medeiros Braga traz à tona uma imensidão de possibilidades de continuar a levar a literatura de cordel a todos os lugares, principalmente para o ambiente escolar. Propiciar aos alunos, desde a educação infantil, o contato com versos e rimas fazem deles cidadãos conhecedores do mundo.

Faz-se necessário refletir sobre o poderoso “papel da literatura nas sociedades como instrumento de instrução, educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo” (Candido, 2011; p.177) caracteriza a função libertadora e emancipatória que a literatura tem. Ela liberta e expande ao mesmo tempo os horizontes dos estudantes, proporcionando possibilidades infinitas de aprofundamento do universo dialógico do SER.

Portanto, ao se abordar, em especial a literatura de cordel, como gênero do discurso verdadeiramente necessário nas salas de aula, consolidamos o objetivo maior estabelecido no presente estudo. Pois a literatura de cordel possibilita ao aluno explorar variantes regionais, culturais, tradições, a religiosidade, questões sociais dentre outras que regem o universo do Brasil e do mundo.

Ademais, para autores como Marinho e Pinheiro (2012;p.128) experiências culturais fortes e determinantes de grandes obras artísticas como o Cordel estão praticamente esquecidas e a escola pode ser o espaço de divulgação destas experiências”. E é a partir da realização delas que surge o interesse pela criação de poemas e de que forma eles apresentam ao leitor a realidade.

É importante também vislumbrar o cordel como uma porta de entrada para os demais gêneros textuais, digamos que é o primeiro passo a ser dado de estímulo aos estudantes para que busquem novas leituras e comecem a perceber a quão prazerosa e importante é a companhia de um bom livro.

A contribuição dessa pesquisa, a residualidade na cordelística de Medeiros Braga e seu papel nas salas de aula da educação básica, contempla de acordo com o embasamento teórico desenvolvido sobre o estudo, de que “nada é original, tudo é residual”, e a partir da mesma, verificamos o quanto os cordéis com seus temas e histórias auxiliam as possibilidades de aprendizagem nas mais diversas esferas de conhecimento; sejam elas linguísticas, trabalhando o ponto de vista melódico do texto, histórico-culturais, quando abordamos as cantigas medievais e trovadorescas, tradições populares, temáticas diversas que permitem discutir um pouco sobre o passado, presente e futuro de nossa sociedade, da humanidade, privilegiando assim com a desmistificação de que a literatura é fruto de algo passado, desligado do presente e sem futuro.

De certo, em cada cordel analisado, em cada referência histórica e literária abordada durante o desenvolvimento da pesquisa, constatamos que o papel da Literatura em nossa sociedade vai muito além de expressões artísticas e sociais, como a BNCC quer enquadrar na grade curricular do ensino básico em nosso país. Para entendermos o complexo conceito que permeia o sintagma literatura, precisamos, primeiramente, compreendê-la em seu sentido amplo, e geral de que são “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade. (Candido,2011:176).

Sem dúvida, a sensibilidade fluiu, daí a nossa compreensão do valor humano, social, linguístico, cultural e artístico dentre tantos outros que a literatura permite acontecer ao ser trabalhada nos currículos escolares da educação básica.

Logo, trabalhar com a diversidade de temáticas nos cordéis indica um caminho que pode ser bastante enriquecedor no processo de ensino e aprendizagem no qual professores e alunos se veem inseridos. Pois, considerando essa riqueza de informações contidas nos versos, os docentes se sentem seguros em traçar as estratégias necessárias e que potencializam a proficiência leitora, cultural e social dos alunos.

Outrossim, percebemos também no nosso trilhar o quanto há que se caminhar ainda para que a Literatura seja reconhecida como deva ser nos currículos escolares do nosso país. Pois atualmente, ela ocupa um plano secundário nas aulas de língua portuguesa ou artes, e o mais grave de tudo, por orientações de documentos com valor de lei.

Infelizmente, no atual cenário, o nosso país se encontra sobre a orientação de um governo federal extremamente averso a qualquer política pública de melhorias educacionais ou simplesmente de garantias das que já foram implementadas. Estamos

vivenciando momentos em que toda a ciência é desacreditada e principalmente os pesquisadores são taxados de antipatriota e muitas vezes proibidos de expor o livre pensar, o que é garantido pelo estado democrático no qual vivemos.

Portanto, é muito válido expor o contexto em que o país se encontra para verificarmos em que circunstâncias surge a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e o que está por traz de sua existência, já que na arquitetura desse projeto de proibir o livre pensar sugestionado pelo atual governo, o acesso de todos a educação pública e o questionamento ao estado democrático laico, deram prosseguimento ao surgimento de três grandes ações principais: a Reforma do Ensino Médio, o Projeto de Lei Escola Sem Partido e a Base Nacional Comum Curricular-BNCC.

Demais, vivenciamos com essas três mudanças situações decisórias para o futuro da nação, onde a educação tecnicista começa a ser ovacionada como a tábua de salvação do estudante pobre e negligenciado pelo estado e a universidade como algo acessível apenas aos ricos detentores de todos os benefícios. Surge então a necessidade urgente de uma prática de (re)existência de tudo o que se conquistou, materialmente falando, de garantias de direito ao conhecimento nas mais diversas esferas e de lutar por políticas públicas mais justas e humanas para todos.

Por certo, a literatura precisa resistir para existir. Pois neste cenário ela representa a força que as possibilidades do conhecimento fazem na vida do indivíduo. Ela é libertadora, daí o processo de sufocamento ou desaparecimento dela em currículos escolares elaborados em nosso país.

Apesar de apresentar certos avanços diante de documentos norteadores anteriores a ela (PCN, PCN+ e OCEM) é na BNCC que ela ganha a categorização que mais se aproxima do seu conceito, pois antigamente se enjaulava a literatura apenas na ideia de cânone e historiografia literária, sendo que hoje, a nova lei legitima e permite sua classificação no campo artístico-literário, o que abre um leque de possibilidades para a sua vivência coerente nas escolas do nosso país, como nos acrescenta Souza:

Os letramentos de reexistência mostram-se singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e apreendidas na escola formal. (SOUZA, 2011, p.36)

Não é apenas nas salas de aula a Literatura está sendo deixada de lado pelas políticas educacionais vigentes, pois infelizmente o atual governo do nosso país, alimenta na população visões destorcidas e de não incentivo à cultura e a arte,

dificultando ainda mais a nossa luta para que todos entendam o que a literatura representa na vida do homem.

Ao se tratar mais especificamente sobre a literatura de cordel, objeto primordial do presente estudo, ela precisa ter suas pretensões e objetivos atendidos. Ela está viva e móvel, se expande ao universo, determina e contribui com o ser em formação a compreender o mundo a partir das informações contidas naquelas estrofes. Trabalhar com a literatura de cordel é dar continuidade a dinâmica viva da língua e das tradições culturais que nos cercam e nos formam.

Sabe-se que o trabalho com os cordéis permite aos alunos o contato mais próximo com sua história, o seu passado, suas raízes e com um conhecimento de si significativo. Portanto, a teoria da residualidade, de Roberto Pontes é a referência teórica norteadora das análises feitas com os cordéis de Medeiros Braga durante todo o estudo, pois como o próprio teórico escreve “A Literatura é condição imprescindível da imagem do mundo, da posse mental deste, e sua ausência conduz, por muitos conhecimentos particulares ou técnicos que se acumulem, a uma forma de primitivismo.” (Pontes, 2005, p.14)

A partir da definição do corpus de análises dos principais cordéis do autor, que são: Mather Luther King,, Zumbi dos Palmares, O Ateneu, Jesus o Revolucionário, Guerra de Canudos, Dom Hélder Câmara, A Reforma Agrária, Maria Margarida Alves e O menino que queria consertar o mundo, e embasados pela teoria da residualidade, o processo de desenvolvimento da presente pesquisa se iniciou com o objetivo de realizar as devidas análises literárias nestes referidos cordéis com a finalidade de que fosse verificado a sua devida aplicabilidade como recurso didático importante e essencial, capaz de propiciar prazer e interesse por aos alunos no processo de ensino e aprendizagem de Literatura, assim como dos conteúdos com temáticas transversais abordadas nos cordéis.

E após o percurso percorrido neste estudo confirmamos sim a hipótese levantada de que os cordéis podem e devem ser utilizados nas escolas de educação básica como instrumentos didáticos que levam a literatura para patamares que antes não eram considerados. A literatura de cordel chega a todas as classes sociais levando a informação e a formação literária necessárias para que a cultura, a arte e as tradições populares sejam contempladas por todos. Contemplamos nas análises, também, que Medeiros Braga é um precursor na produção de cordéis voltados para o ensino da educação básica em nosso país.

Vale salientar que o conhecimento levado aos alunos através do cordel vai muito além de falar sobre alguém ou versar sobre uma realidade social. O cordel é fonte de informações preciosas que contribuem diretamente na formação humana de quem se permite ler e transcender ao que ali se apresenta.

Durante todo o processo descrito resumidamente acima durante a pesquisa e elaboração dessa dissertação, delineamos um plano de trabalho que ao ser desenvolvido levou em consideração cada análise específica, pois era necessário um conhecimento diferenciado acerca da origem do cordel, a presença de resíduos ibéricos, cristãos, medievais e culturais que permanecem cristalizados nos escritos, na mentalidade e na prática social de um povo, e de uma base crítica literária vasta e consolidada a respeito do ensino de Literatura na Educação Básica brasileira.

Acredita-se que o objetivo de abordar os aspectos residuais presentes na cordelística de Medeiros Braga e ressaltar seu importante papel nas salas de aula da educação básica foi contemplado de acordo com a constatação da presença dos indícios de outras épocas cristalizados nos cordéis, mediante as análises críticas realizadas à luz da teoria da residualidade e comprovada através dos versos presentes nos cordéis de Medeiros Braga, como podemos nos certificar diante de todo o exposto nos capítulos descritos nesse estudo.

No caminhar da apresentação dessa dissertação, tivemos atenção dobrada para sempre trazer juntas as ideias apresentadas, de acordo com a proposta inicial, as diversas temáticas abordadas por Medeiros Braga em seus cordéis e as finalidades pedagógicas que cada uma delas possuíam, pois facilitam aos docentes das mais diversas áreas e disciplinas curriculares, fossem de matemática, ciências, geografia ou história sua aplicabilidade nas salas de aulas, abordando os conteúdos necessários e que estavam inseridos no currículo escolar.

Por isso, valorizar e enaltecer a produção de cordéis é um dos objetivos que vão surgindo no desmembramento de cada estudo e que acabam sendo observados durante a pesquisa, pois a formação cultural de um povo diz respeito a sua identidade, como nos acrescenta Compagnon (2009, p.35) é ter a “literatura como meio de preservar e transmitir a experiência dos outros”. E a partir dela fazer com que o aluno reconheça suas histórias, seus antepassados e suas adversidades.

Logo, a leitura literária do cordel, composto pelas mais variadas temáticas, possibilita discussões profundas acerca de temas necessários ao engrandecimento intelectual dos indivíduos. Levando a todos a refletirem com criticidade sobre tais temas

e conduzindo o pensar e fazer linguístico atuante, possibilitando assim, o surgimento de belas produções textuais nos mais diversos gêneros.

Portanto, o cordel passa a ser o ponto de partida para a conquista do caminho literário que o estudante irá traçar para si durante toda a sua vida escolar, sem estar destoante do que a própria BNCC propõe: possibilitar a formação leitora do indivíduo a partir da sensibilidade literária, favorecendo a formação humana.

No tocante ao papel do cordel nas salas de aula contemplamos o estudo com base nos documentos norteadores atuais da educação básica do nosso país, como também situando todo o contexto histórico e social que o Brasil está passando no momento, pois é necessário conhecer esse cenário para que observemos os fatos pelos quais a educação brasileira vem sendo negligenciada, principalmente o ensino de literatura na educação básica.

A cada reformulação de documentos legais que tratam sobre a elaboração de orientações e diretrizes curriculares para toda a educação básica brasileira, observamos mudanças sobre esse ensino de literatura, que ocorrem costumeiramente, mas o que vemos acontecer efetivamente é a ressignificação do ensino de literatura nas salas de aula.

Assim, a literatura não tem mais o seu patamar de disciplina “legitimado” e encarcerado nas delimitações sobre vida e obra de autores, assim como nas questões historiográficas da sociedade da época nas grades curriculares, ela agora passeia entre as aulas de língua portuguesa, artes, literatura, sociologia, filosofia, dentre outras se apresentando como um meio crítico do pensar humano manifestado através dos gêneros textuais e cuja capacidade de “desconstruir mundos errados e construir certos mundo e mundos certos” é preservada. Pois como Pontes (2005, p. 17) afirma, “é através da Literatura que podemos interpretar os atos vis e as atitudes nobres, combater procedimentos contrários ao *humanismo*, promover a *hominização*, a comunhão, a fraternidade e a Paz entre os povos.”

O assunto é vasto, abrem-se leques, pois a literatura está presente em todos os segmentos artísticos, filosóficos, sociológicos, mas o objetivo da pesquisa foi contemplado. De certo que a pesquisa voltada ao estudo a um dos campos segmentares da literatura é sim um instrumento de construção do mundo, e perpetuaremos sempre aos mais diversos lugares e principalmente nas salas de aula do nosso país o valor incalculável que ela possui nessa obra de construção humana, que é transformar

primeiramente o pensar e o agir da humanidade para conseqüentemente termos o mundo que nos propomos a viver.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Larissa Naiara Souza de et al. **Letramento na escola: diálogos entre a teoria e a prática** – Curitiba: CRV, 2022.

ALMEIDA, J.L.V de; GRUBISICH, T.M. **O ensino e a aprendizagem na sala de aula numa perspectiva dialética**. Revista Lusófona de Educação, p.17, 2011

AMORIM, M.A, DOMINGUES, D. KLAYN, D.V, SILVA, T.C.; **Literatura na escola**. São Paulo- Editora Contexto, 2022.

ARISTÓTELES. **A Poética**. 7. ed. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1987.

AZEVEDO, Fábio Palácio. **O conceito de cultura em Raymond Willians**, In Revista interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS). São Luís – v. 3- Número Especial Jul/Dez. 2017. ISSN online: 2447-6498.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Poética popular do Nordeste**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

BATISTA, Luella Gomes; SOUZA, Adailton Alberto de. **A Literatura de cordel como instrumento para o ensino de gramática**. Anais do Festival Literário de Paulo Afonso – Bahia, 2017.

BAHKTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 5ª Ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, Annablume, 2002.

BRAGA, Medeiros. **Dom Hélder Câmara – a voz incômoda do evangelho**, em Cordel. Ed. Queima-Bucha. Mossoró, 2013.

BRAGA, Medeiros. **O Cordel da Revolução dos Bichos** – um clássico da Literatura Universal de Geor. Ed. Queima-Bucha. Mossoró, 2012.

BRAGA, Medeiros. **O Cordel da Revolução dos Bichos** – um clássico da Literatura Universal de George Orwell na versão agradável do cordel. Ed. MB. João Pessoa, N/D.

BRAGA, Medeiros **Che Guevara** – um revolucionário, em Cordel. Ed. N/I. João Pessoa, 2019.

BRAGA, Medeiros. **Nelson Mandela** – a luta contra o Apartheid, em Cordel. Ed. Queima-Bucha. Mossoró, 2012.

BRAGA, Medeiros. **Margarida Maria Alves**, mártir dos canavieiros, em cordel. Editora Queima-Bucha. Mossoró, 2006.

BRAGA, Medeiros. **Martin Luther King e o apartheid americano**, vida e morte em cordel. Ed. Queima-Bucha. Mossoró, 2008.

BRAGA, Medeiros. **Um revolucionário de nome Jesus**, em Cordel. Ed. Queima-Bucha. Mossoró, 2013.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. Companhia das Letras, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos** – Terceira Edição Revista e Ampliada. 3ª edição rev.e ampl. – São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore brasileiro**. 11ed. Ilustrado. São Paulo, Global, 2002.

CASCUDO, Luís Câmara. **Cinco livros do povo** (edição fac-similar). João Pessoa: Editora Universitária, 1979.

CASCUDO, Luís Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio. Brasília:INL, 1978.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CRAVEIRO, Willian. **A Crítica brasileira em torno da lírica de João de Deus ou acerca dos resíduos medievais de Campo de Flores**, 2015.

DUBY, Georges. **“Reflexões sobre a história das mentalidades e a arte”**. In: *Novos Estudos*. Nº 33, julho, 1992. CEBRAP. p. 65-75

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela; AMORIM, Marcel de Alvaro de (org.); **A BNCC e o ensino de línguas e literaturas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de cordel**. 2ª edição revista e ampliada, São Paulo, Editora Claridade, 2019.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de Cordel: do sertão à sala de aula** - São Paulo, Coleção Ler + mais, 2013.

JÚNIOR, Ivanildo dos Santos Xavier. **O Universo Assombroso e o Diabo nas histórias de botija da Literatura de Cordel**. Trabalho de Conclusão do Curso de História. Universidade Estadual da Paraíba, 2016.

LACERDA, Erasmo Peixoto de Lacerda. Representações do Diabo na Literatura de Cordel: a demonização do negro em Leandro Gomes de Barros. **Revista Fato e Versões - Revista de História**. volume: 6 n. 11 (2014): Memórias e representações - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

- LAJOLO, Maria. **As letras entre a ficção e a instituição**. ABRALIC - Encontro Regional, 2005.
- LARAIA, Roque. **Cultura: uni conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro. Zahar, 2001.
- LIMA, Joseane Arruda de. **A literatura de cordel no ensino fundamental: uma proposta para a sala de aula** (manuscrito) – UEPB- Catolé da Rocha – Paraíba, 2020.
- LIMA, Stélio Torquato Lima et al (org.). **No desfolhar dos folhetos: escritos sobre cordel** - Macapá: UNIFAP, 2021.
- LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Adaga; São Paulo: Luzeiro, 2012.
- LUKÁCS, Georg. **A Teoria do romance**. 34 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000
- MARINHO, A.C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**: São Paulo: Cortez, 2012.
- MAYA, Ivone da Silva Ramos. **O povo de papel: a sátira política na literatura de cordel**. Rio de Janeiro, Garamond, 2012.
- MARTINS, Elizabeth Dias. PONTES, Roberto (org.) - **Residualidade ao alcance de Todos**. 1ª Ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.
- MARTINS, Elizabeth Dias. **Três casos de metamorfoses residual para além da alegoria popular em verso**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 7 - n. 1 - p. 52-64 - jan./jun. 2011.
- MARTINS, Elizabeth Dias. **O medievalismo residual no romance O Guarani**. In: _____; PONTES, Roberto. Anais do Encontro Internacional de Estudos Medievais. Fortaleza-Ce, 2007. p. 275-282.
- MARTINS, Elizabeth Dias. **Vinícius: uma poética residual**. In: FIÚZA, Regina Pamplona. (org.). *Modernismo: 80 anos*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras/Expressão Gráfica, 2002, v., p. 251-268.
- MAXADO, Franklin. **O que é Literatura de Cordel?** Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**, 12ª edição revisada e ampliada. São Paulo, Cultrix, 2004.
- MOURA, Clóvis. **O preconceito de cor na literatura de cordel**. Editora Resenha Universitária- São Paulo, 1976.
- MORAIS, Vamberto, **Emancipação da mulher: as raízes do preconceito antifeminino e seu declínio**. 2 ed. Recife: s.n, 1969.

NASCIMENTO, Gilles Villeneuve Souza. **Letramento Literário e cordel: o ensino de literatura por um novo olhar** - 1ª ed- Curitiba: Apris, 2019.

NEVES, Francisco Paiva das. **Literatura de cordel: origens e perspectivas educacionais**. Trabalho de Conclusão da Graduação em Pedagogia. Fortaleza: UFC/Faculdade de Educação, 2018

PCNS, Brasília. **Língua Parâmetros Curriculares Nacionais** – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental/ Língua Portuguesa. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. 2008.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PONTES, Roberto. **Literatura, instrumento de construção no mundo**. Fortaleza: IAPEL, 2005. Conferência pronunciada na abertura dos Encontros Literários promovidos pelo Departamento de Literatura do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará em 30 de março de 2005 e na série de Magnas Conferências da Semana de Humanidades promovida pelo Centro de Humanidades da UFC em 28 de abril de 2005.

PONTES, Roberto. **Entrevista sobre a Teoria da Residualidade**, com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira, em 05/06/06. Fortaleza: (mimeografado), 2006.

PONTES, Roberto. **O mito da Fênix, a cultura, a literatura e a residualidade**. 2018.

PONTES, Roberto. **A falsa oposição cultura popular/cultura erudita ou fundamentos populares da cultura escolarizada**. In: Atas da II Jornada de Residualidade. Fortaleza: UFC, 2009. p. 1-6.

PONTES, Roberto. **“Cristalização estética como polimento na literatura e na cultura”**. In: PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias. (org). *Residualidade ao alcance de todos*. Fortaleza: Expressão Gráfica & Editora, 2015. p. 111-124.

PONTES, Roberto. **“O caráter afrobrasiluso e residual no *Auto da Compadecida*”**. In: SOARES, Maria Elias et ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (org.) *XVII Jornada de Estudos Lingüísticos. Anais*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará-UFC/Grupode Estudos Lingüísticos do Nordeste-GELN, 2000, v.II. p. 264-267.

PONTES, Roberto; MARTINS, Elizabeth Dias. (org). **Todas as Idades são contemporâneas: estudos de residualidade literária e cultural**. Amapá: UNIFAP, 2019.

PORT, Pedro. **Literatura e Revolução – Entrevista com Alfredo Bosi**. Em julho de 1979 o Professor Alfredo Bosi, da USP, esteve em Florianópolis ministrando um curso sobre Literatura e Sociedade para os alunos de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, da UFSC. Na ocasião, concedeu a presente entrevista a um grupo de pessoas ligado à ACEP — Associação de Cultura. Estudos e Pesquisas — que pretendia publicá-la no jornal "Contestado".

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres cordelistas: Percepções do universo feminino na literatura de cordel.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da UFMG. 2006.

SÁ, Giovanni Alves Duarte de. **História, resistência e memória na comunicação popular: Um estudo da literatura de cordel na Paraíba .** Itajaí, v. 17, n. 01, jan./jun. 2018.

SEVERO, Ione. **Ensaio Literários: do Popular ao Erudito – João Pessoa:** Idea, 2013
SOUZA, R.J. et FEBA, B,L,T. (Org.), **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

SOUZA, M.D., LIMA, C.M., PENHA, G. M.; **A literatura de cordel e suas contribuições para o ensino da leitura na sala de aula.** Revista Tropos, ISSN: 2358 - 212X, volume 6, número 2, edição de dezembro de 2017.

SPINA, Segismundo. **Cultura Literária Medieval.** 3ª edição. Ateliê Editorial, Cotia, São Paulo, 2007.

TEIXEIRA, Leticia Amaral. **Literatura De Cordel No Brasil: Os Folhetos e A Função Circunstância.** Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Brasília, 2008.

VALENDORF, Eduarda Caroline e TOSCAN, Márcia. **Algumas Considerações Sobre A Importância Do Cordel Para A Cultura E Arte Brasileira.** Revista Educação, Artes e Inclusão. v. 7, número 1. 2013.

VIANA, Arievaldo. **Acorda Cordel na sala de aula - A Literatura popular como ferramenta auxiliar na Educação.** 2ª edição, Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **Que literatura para a escola? Que escola para a literatura.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 5 - n. 1 - 9-20 - jan./jun. 2009.

ZILBERMAN, Regina. **As letras e seus profissionais.** ABRALIC - Encontro Regional – 2005.